



**Universidade de Brasília – UnB**

**Instituto de Psicologia – IP**

**Departamento de Psicologia Clínica**

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PsiCC-UnB**

MINHA COR, MINHA EXISTÊNCIA: VIVÊNCIAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO DE  
PESSOAS NEGRAS, UM OLHAR FENOMENOLÓGICO.

Nádia Meireles Moreira

Brasília - DF

2023

Nádia Meireles Moreia

MINHA COR, MINHA EXISTÊNCIA: VIVÊNCIAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO DE  
PESSOAS NEGRAS, UM OLHAR FENOMENOLÓGICO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Área de Concentração: Psicopatologia, psicoterapia e linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa

Co-Orientadora: Prof. Dra. Josenaide Engrácia dos Santos

Brasília - DF

2023

**Universidade de Brasília – UnB. Instituto de Psicologia – IP. Departamento de Psicologia Clínica. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PsiCC-UnB**

Dissertação intitulada “Minha cor, minha existência: vivências de sofrimento psíquico de pessoas negras, um olhar fenomenológico” de autoria da mestranda Nádia Meireles Moreira, aprovada pela banca examinadora constituída por:

Prof. Dr. Ileno Izídio da Costa - Presidente

Instituição: PsiCC/PCL/IP/UnB

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cláudia de Oliveira Alves – Membro Externo

Instituição: UNIP

Prof. Dr. Maurício da Silva Neubern – Membro Interno

Instituição: PsiCC/PCL/IP/UnB

Prof<sup>ª</sup>. Dra Larissa Polejack Brambatti– Membro Suplente

Instituição: PsiCC/PCL/IP/UnB

Brasília, DF, 20 de janeiro de 2023

*Campus* Universitário Darcy Ribeiro, Brasília, DF, CEP: 70910-900.

## DEDICATÓRIA

Esse escrito é dedicado a todas as pessoas que encontrei e me instigaram seguir na caminhada. Toda a confiança, troca, partilhas que dispuseram a mim, permitiu o reencontro comigo mesma!

Com muito carinho, dedico especialmente aqueles que, mesmo sem saber, me estimularam a pesquisar tal tema.

## AGRADECIMENTOS

São tantos motivos para sentir gratidão que talvez não seja possível expressar nessa lauda... Primeiramente agradeço a força Divina de espiritualidade e fé, que chamo de Deus, que sempre me protegeu, segue me guiando e me permitiu vivenciar essa experiência!

Agradeço à minha extensa e amada família: avós, pai, mãe, irmã, tias/tios, primas/primos, madrinhas/padrinhos, por terem parcela de responsabilidade por eu estar onde estou. Obrigada por tantas referências, memórias, por todas as orações e felicitações! De modo especial, gratidão à minha família nuclear que me apoiou incondicionalmente nesse sonho e cooperou diante todo o processo, no ambiente remoto e pandêmico. Gratidão também pela cooperação com o silêncio nos momentos solicitados!

As amigas e aos amigos, da vida e do trabalho, que incentivaram meus planos e estiveram presentes na minha trajetória, mesmo quando eu estive ausente de nós. Aos colegas e docentes do PPG-PsicCC que compartilharam os meses de (des)construção e conhecimento. Gratidão ao secretário Antônio e a secretária Fabiane por toda disponibilidade!

A Tayane e Flavia, agradeço imensamente a disponibilidade e trocas na confecção do projeto. A Thaywanne, gratidão por todo apoio, convite, insistência e direcionamento.

De modo especial, a Fran (já são 10 anos de parceria), Joyce, Paula, Thaís e Vini que me acolheram, permaneceram e seguem ao meu lado. Obrigada pela amizade, carinho, companheirismo e por vivenciarmos angústias e sorrisos! Ao quarteto da UCB e a galera da ANPSINEP - DF, muito obrigada pela inspiração, incentivo e força!

Gratidão aos que me levaram a ter novas bagagens e referências. Especialmente as/os professoras/res que me apresentaram um universo acadêmico repleto de possibilidades.

Máxima gratidão ao querido professor Dr. Ileno, que aceitou a loucura de ser meu orientador, me acolheu e me conduziu nesse processo transformador. Muito obrigada pela atenção, pelo respeito, por toda a sensibilidade, pelo cuidado e por partilhar tanta sabedoria!

Máxima gratidão querida professora Dra. Josenaide, que aceitou carinhosamente o convite para co-orientação e me acolheu imensamente! Gratidão por toda a disponibilidade, dedicação, partilha, respeito, sorrisos e instruções! Que honra ter encontrado vocês!

Gratidão as professoras Dra. Claudia e Dra. Larissa e ao professor Dr. Maurício por terem aceitado, gentilmente, o convite a participar de nossa banca. Grata pela disponibilidade e apontamentos que enriquecem esse estudo!

Meus sinceros agradecimentos a todos que confiaram a mim suas angústias, segredos, histórias e vivências!

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas, continuarei a escrever.”

Clarice Lispector

“Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo.”

Beatriz Nascimento

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	11
Motivações Pessoais e Acadêmicas-----	12
Questões Iniciais e Problema de Pesquisa-----	13
Apresentação dos capítulos -----	13
<b>Capítulo 1 - REFERENCIAL: A QUESTÃO RACIAL E O SOFRIMENTO PSÍQUICO</b>	
1.1 A questão racial e o racismo no Brasil -----	16
1.2 (Re)pensando o campo da Saúde Mental -----	27
1.3 Caminhos da Saúde Mental e População Negra no Brasil -----	32
1.4 Sobre a Psicologia e problematização do racismo-----	40
1.5 Sobre o construto Sofrimento Psíquico -----	46
<b>Capítulo 2 - METODOLOGIA</b>	
<b>2.1 De onde partimos</b> -----	50
2.1.1 Método Fenomenológico -----	50
2.1.2 Levantamento Bibliográfico-----	55
<b>2.2 O caminhar (Procedimentos metodológicos)</b> -----	61
2.2.1 Participantes - Sujeitos Colaboradores-----	63
2.2.2 Instrumentos -----	64
2.2.3 Prospecção de Dados-----	65
2.2.4 Análise dos dados-----	66
<b>Capítulo 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO: ONDE TENTAMOS CHEGAR</b>	
<b>3.1 Sentido Geral</b> -----	71
<b>3.2 Unidades de Sentido e Transformação em Unidades de Significado em</b>	
<b>Expressões de Caráter Psicológico</b> -----	76

3.2.1 Autopercepção da vivência de racismo-----	77
3.2.2 Afetividade na estética da negritude-----	89
3.2.3 Branquitude e sentimento de não adequação-----	97
3.2.4 Tomada de consciência para o <i>vir a ser</i> pertencente-----	102
3.2.5 Resignificar o enfrentamento-----	107
3.2.6 Quem Eu Sou na minha existência-----	113
<b>3.3 Estrutura Geral de Significados Psicológicos: Síntese Descritiva do</b>	
<b>Fenômeno</b> -----	118
<b>POR ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES</b> -----	126
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	127
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	130
<b>ANEXOS</b> -----	143
Anexo 1 – Parecer de Aprovação CEP -----	143
Anexo 2 – TCLE-----	145
Anexo 3 – Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz-----	147
Anexo 4 – Roteiro de Entrevista -----	148
Anexo 5 – Termos e expressões racistas -----	149
Anexo 6 – Lista de Siglas-----	150
Anexo 7 – Lista de Tabela-----	151

## RESUMO

Essa dissertação tematiza o sofrimento psíquico e as vivências do racismo em pessoas negras. A partir de uma leitura fenomenológica, realizou-se uma interpretação da experiência vivida, enfocando a negritude e o racismo, objetivando-se compreender os efeitos do racismo na saúde mental de pessoas negras. Foram entrevistadas três pessoas que se autodeclararam negras, uma mulher e dois homens, em estado hígido físico e psíquico. A descrição do fenômeno racismo foi fundamentada na autopercepção dos participantes. Utilizou-se o método de análise da redução fenomenológica-psicológica, para estabelecimento de sentido geral (descrição), unidades de significados (redução), transformação em expressões de caráter psicológico (interpretação) e da estrutura geral de significados psicológicos (síntese descritiva do fenômeno). A prospecção da análise foi descrita em seis (6) unidades de sentido: autopercepção da vivência de racismo, afetividade na estética da negritude, branquitude e sentimento de não adequação, tomada de consciência para o *vir a ser* pertencente, resignificar o enfrentamento e quem eu sou na minha existência. A síntese descritiva indicou que a vivência de racismo causa impacto na existência e/ou subjetividade, possibilitando compreender que há atravessamentos significativos na constituição da identidade da pessoa negra enquanto ser-no-mundo e na própria percepção de si, diante das dimensões relacionais. Por ser exploratória, é uma pesquisa inacabada, considerando que a vivência é constante e o fenômeno se modifica em relação com outros fenômenos, em cada experiência subjetiva. Contudo, pode viabilizar o acolhimento das singularidades da população negra e provocar os profissionais da Psicologia a pensarem além dos padrões díspares da realidade, para que possam contribuir para a igualdade racial possível, com uma atuação combativa quanto ao racismo, promovendo saúde psíquica, além de consultório, no cotidiano da vida. Aponta-se para necessidade, portanto, de uma pesquisa contínua, atualizada e constante.

**Palavras-chaves:** População Negra; Sofrimento Psíquico; Fenomenologia; Racismo.

## ABSTRACT

This dissertation thematizes the psychic suffering and the experiences of racism in black people. Based on a phenomenological reading, an interpretation of the lived experience was carried out, focusing on blackness and racism, aiming to understand the effects of racism on the mental health of black people. Three people who declared themselves black were interviewed, one woman and two men, in a healthy physical and psychological state. The description of the phenomenon of racism was based on the self-perception of the participants. The analysis method of phenomenological-psychological reduction was used to establish the general meaning (description), units of meaning (reduction), transformation into expressions of a psychological nature (interpretation) and the general structure of psychological meanings (descriptive synthesis of the phenomenon ). The prospect of the analysis was described in six (6) units of meaning: self-perception of the experience of racism, affectivity in the aesthetics of blackness, whiteness and feeling of non-adequacy, awareness of becoming a belonging, resignifying the confrontation and who I am I am in my existence. The descriptive synthesis indicated that the experience of racism has an impact on existence and/or subjectivity, making it possible to understand that there are significant crossings in the constitution of the identity of the black person as a being-in-the-world and in the perception of oneself, in the face of relational dimensions. As it is exploratory, it is an unfinished research, considering that the experience is constant and the phenomenon changes in relation to other phenomena, in each subjective experience. However, it can enable the acceptance of the singularities of the black population and provoke Psychology professionals to think beyond the disparate patterns of reality, so that they can contribute to possible racial equality, with a combative action regarding racism, promoting mental health, in addition to office in everyday life. It points to the need, therefore, for continuous, updated and constant research.

**Keywords:** Black Population; Psychic Suffering; Phenomenology; Racism.

## INTRODUÇÃO

A questão racial é temática sensível no contexto acadêmico e apresenta inquietações necessárias a serem (re)vistas na estrutura cientificista. Na minha experiência enquanto estudante, observo que o debate sobre o tema parece imêmore no currículo tradicional da Psicologia. Tema ausente nas disciplinas de bases epistemológicas, de teorias humanistas e da subjetividade. Bem como não foi tema presente nas vertentes teóricas de base fenomenológico-existencial e que apenas recentemente surgem problematizações sobre a questão racial no entendimento universal sobre a humanidade.

O cenário brasileiro, constituído a partir da colonização é composto atualmente por 54% de pessoas negras em sua população total (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2019), tem 522 anos de existência política e desses 388 foram de escravização de pessoas negras. Esse fato, todavia em crescente discussão, é pouco relacionado a vivências das pessoas negras e subjetividade. Reflito que se faz necessário lidar com a presente problemática racial no encontro da atuação clínica, na docência, na formação e nas relações cotidianas com o outro e com o mundo.

E por que por que falar sobre saúde mental da população negra? Porque pesquisar sobre o sofrimento psíquico, atravessado pelo fenômeno do racismo, pode trazer informações preciosas sobre a constituição de subjetividade e sentido de existência. Assim produzir meios de enfrentamento, combate e quiçá um dia não ser mais necessário escrever sobre algo que impele sob a (sobre)vivência de pessoas humanas. Articular a ótica da fenomenologia para potencializar a produção de conhecimento a respeito dessa questão é uma ação desafiadora e necessária. É uma possibilidade de alcançar novos espaços diante de um campo aberto para novas compreensões e atribuição de sentido.

Essa pesquisa teve a participação de três sujeitos colaboradores. Eu sou a quarta pessoa por sentir que a temática pesquisada me cabe e permite-me ser e estar nela. E mesmo

sendo de algum modo afetada pelo encontro, mesmo que a experiência enquanto mulher negra brasileira seja genuína para pesquisar o fenômeno, transcendendo à possibilidade de conhecer o outro. A intenção é compreender um fenômeno sem os meus “a priori”.

### **Motivações Pessoais e Acadêmicas**

São tantas inquietações pessoais e angústias na vivência acadêmica que me trouxeram até aqui – trajetória acadêmica com ausência de debates e aprofundamentos no tocante as relações raciais, a sensação de solidão ao estudar sobre a temática e não encontrar suporte na graduação e na especialização – situações que desencadearam o ensejo e/ou convite instigador a pesquisar e debruçar sobre o tema. Vivenciar o mestrado não foi apenas período de estudo para obtenção de título. Está sendo um processo de encontros, de descoberta e acolhimento dos pares que pesquisam o assunto, de transformação, de aquisição de saberes sobre mim, sobre o que estudo e sobre as infinitudes de saberes a serem problematizados. Um processo recíproco de produzir, aprender e ser... De perceber a construção da mestra conjuntamente a construção da pesquisa, da dissertação, das discussões nos encontros ao longo desse processo.

Além das relevantes contribuições científicas e sociais, este estudo justifica-se pela constatação que é preciso amadurecer estudos de temas sociais, na perspectiva da Fenomenologia. Considerando os achados dessa pesquisa que indicam que a produção acadêmica acerca da saúde mental da população negra, sob enfoque fenomenológico, é escassa. Levando em conta também as motivações pessoais da pesquisadora, enquanto mulher negra e psicóloga atuante campo da saúde mental e das relações raciais, ouvi certa vez que pesquisa em Saúde Mental é especialmente feita por quem é implicado nos aspectos subjetivos. Penso então que produzir sobre aquilo que me impele a existir é, além de uma tentativa de compreensão do fenômeno, um modo de trazer novos sentidos à experiência vivida.

## **Questões Iniciais e Problema de Pesquisa**

A questão inicial que levou a desenvolver essa pesquisa foi percepção do quão o racismo tem impactos gerais e peculiares na vivência de cada pessoa. É uma tentativa de compreender sobre como esse fenômeno pode produzir sofrimento psíquico em pessoas negras que vivenciam ou vivenciaram experiências racistas.

Aproximar dessa vivência, não seria possível e/ou acessível para mim de outro modo, se não uma postura de investigação vivenciada, ou fenomenológica se desejarem. Onde se faz necessário despir-me das minhas próprias inquietações (e por vezes postura militante), para conhecer o fenômeno em sua essência, a partir da narrativa de experiências vividas que se apresentam enquanto potente objeto de investigação e produção de conhecimento.

Enquanto problema de pesquisa, o objetivo é compreender os efeitos do racismo na saúde mental de pessoas negras. Para tanto, a intenção (meus objetivos específicos) foi: a) realizar levantamento teórico sobre a produção acadêmica com a temática saúde mental e população negra, no enfoque fenomenológico; b) descrever o fenômeno do racismo na produção de sofrimento psíquico, na perspectiva de pessoas que se autodeclararam negras; e c) compreender a vivência de sofrimento psíquico, baseada na autopercepção de pessoas que se autodeclararam negras.

## **Apresentação dos capítulos**

Para que eu venha dissertar sobre sofrimento psíquico da população negra, é necessário falar que também escrevo sobre mim, sobre minhas origens, sobre nós e sobre as referências que optei para redigir essa pesquisa. A intenção não é apresentar um saber incontestável ou inovador para inviabilizar críticas e refutação, o que pretendo é apresentar um modo sensível de produzir conhecimento do ponto de vista de quem vivencia, e não apenas de quem escreve sobre algo em terceira pessoa. Em muitos momentos, falo em

primeira pessoa do singular e em outros na primeira do plural, em demarcação de um lugar que me pertence/nos pertence e que por muitas vezes fora escrito sobre mim/sobre nós. Por considerar minha existência de pesquisadora, do orientador e da co-orientadora, que vivenciaram e/ou vivenciam algo do que ousamos pesquisar.

Esta dissertação é desenvolvida, em três (3) capítulos, além da parte introdutória, da seção (in)conclusiva, considerações finais, referências utilizadas e anexos.

No capítulo 1, apresento o referencial teórico que contextualiza a questão racial no Brasil, a partir de registros de diversas áreas de saber, bem como diferentes correntes teóricas da Psicologia – além da vertente utilizada na metodologia dessa pesquisa – que apresentam dados históricos e necessários para compreensão da complexidade da temática na atualidade. Uma vez que para estarmos aqui é preciso re-pensar o caminho que nos trouxe.

No capítulo 2, exponho o recurso utilizado para a prospecção dos achados da entrevista, bem com os pressupostos metodológicos que se fazem necessários a serem apresentados detalhadamente - Inicialmente consta o referencial teórico utilizado, o levantamento bibliográfico para breve rastreio sobre produções do tema e posterior apresentação de novas reflexões. Em seguida, o caminhar nos procedimentos metodológicos que indicam quem participou, quando participou, onde participou, quais os instrumentos de análise e como os relatos foram tratados, analisados e compreendidos.

No capítulo 3, proponho resultados a partir de discussões fenomenologicamente entendidas. Ensaio o sentido geral, as unidades de sentido em expressões psicológicas e por fim a síntese descritiva do(s) fenômeno(s). Esta é uma seção onde relatos de vivências são, cuidadosamente, indicados a fim de possibilitar novo sentido, ou apresentados para tentativas de compreensão.

Por fim, trago (in)conclusões sobre a realização/vivência desta pesquisa, seguida de considerações e indicações finais. Em dado momento de partilha sobre os procedimentos

metodológicos, com a co-orientadora desta pesquisa, reflito motivos pelos quais escolhi esse referencial teórico e indico as explicações de troca, os encontros vivenciados que valorizam a potencialidade da subjetividade. Apresento também a reflexibilidade sobre a realização da pesquisa. Respalhada em referências significativas que enriqueceram as problematizações ensaiadas, encerro com anexos do capítulo metodológico e reflexões sobre a linguagem adotada nesta pesquisa.

## **Capítulo 1 - REFERENCIAL: A QUESTÃO RACIAL E O SOFRIMENTO PSÍQUICO**

### **1.1 A questão racial e o racismo no Brasil**

O Brasil tentou estabelecer a ideia de uma harmoniosa miscigenação racial e caiu no falso mito da democracia racial (Nascimento, 2016), que se desvela no racismo à brasileira (Filho, 2021). No país houve um movimento de tentativas de mascarar as diferenças raciais, ao mesmo tempo que buscava-se meios para desvalorização da mestiçagem (Prestes, 2020) e estratégias de clareamento da população brasileira, o chamado embranquecimento.

A expressão “democracia racial” alcunhada para descrever um país das relações sociais igualitárias e plenamente isenta de discriminação racial, estabeleceu bases para o racismo nacional que permanecem ainda hoje. No início da constituição da República Brasil houve o processo de imigração maciça de brancos europeus e com isto a ideia de branqueamento da nação, baseado na crença de que a inferioridade biológica da população negra seria suprimida em função da miscigenação (Conselho Federal de Psicologia - CFP, 2017). Esse discurso ideológico do embranquecimento fora rearranjado na suposta democracia racial, uma vez que também estabeleceu imposição política de proibição social de falar em racismo.

Um custo, ainda hodierno, sempre repetido na acusação de se tentar importar um problema que inexistente na sociedade brasileira e por conseguinte as tentativas de deslegitimar o debate racial. Ações como a queima dos registros de comércio de pessoas escravizadas advertem sobre as sabotagens de pensar sobre a questão da população negra e da discussão sobre o racismo, bem como uma tentativa de apagar esse período vergonhoso da história brasileira, além de estratégia para não macular a imagem do país para o mundo.

Torna quase impossível estimar o número de escravos entrados no país. Isto não só por causa da ausência de estatísticas merecedoras de crédito, mas principalmente, consequência da lamentável circular n.29 de 1891, assinada

pelo ministro Rui Barbosa, a qual ordenou a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio de escravos e escravidão geral. As estimativas são, por isso, de credibilidade duvidosa e parecem abaixo do que seria razoável, dando cerca de 4 milhões de africanos importados e distribuídos pelo território brasileiro (Nascimento, 2016, p. 58).

Nas últimas décadas da escravização, quando o cenário indicava que a abolição aconteceria, começou-se a acirrar na elite nacional um temor de que o povo negro dominasse as terras brasileiras. Azevedo (1987/2004) conta que frente a estas expectativas disseminadas de inversão da ordem política e social, de vingança generalizada da população negra contra a população branca, os emancipacionistas aderem às soluções imigrantistas e buscam no continente europeu o povo ideal para formar a futura nacionalidade brasileira.

A força de atração destas propostas foi tão grande que a antiga preocupação com o destino dos ex-escravos e pobres livres foi praticamente sobrepujada pelo grande debate em torno do imigrante ideal ou tipo racial mais adequado para purificar a raça brasileira e engendrar por fim uma identidade nacional (Azevedo, 2004, p. 37).

Nos períodos pós-abolição da escravatura, o pensamento eugênico fora considerado cientificamente o meio ideal para desenvolvimento da sociedade brasileira. E decorrente disto a segregação hierárquica foi amplamente disseminada no Brasil, tornando um passado e que nunca passa (Diwan, 2020). Mais que uma intenção, o projeto de embranquecimento teve incentivo de políticas<sup>1</sup> imigratórias de forte investimento do estado para clarear a mestiçagem

---

<sup>1</sup> Conjunto de ações por meios jurídicos como a lei da vadiagem, sobre imigração europeia, cultura eurocêntrica, desvalorização e perseguição a cultura da ancestralidade africana. Essa foi a primeira política pública focal estabelecida no Brasil, a qual beneficiava sobremaneira os imigrantes. Essa população imigrante assumiu os postos de trabalho mais valorizados e o resultado foi jogar a imensa população negra liberta num processo de competição desigual com a mão de obra imigrante e branca. Sem nenhuma política pública reparadora, após abolição, as pessoas negras foram incluídas de forma excludente no processo produtivo. Restaram-lhes os afazeres presentes nas regiões economicamente decadentes, desqualificadas e as tarefas propiciadoras de risco de morte ou a própria morte. Essa é uma das marcas do racismo: retirar o negro do mercado de trabalho digno. Ao afetar o trabalho, por ampliação, todas as dimensões da vida relacionadas à mobilidade social e cultural e às condições de saúde (psíquica e física) da própria pessoa e da sua descendência são golpeadas. Trata-se de efeito

brasileira, que reflete diretamente nas disparidades sociais, econômicas e relacionais observadas nos dias atuais. Não bastou afetar a vida material, a elite nacional branca buscou continuar a dominar psicologicamente a pessoa negra (CFP, 2017), era preciso se embranquecer no corpo e na mente (Souza, 2021).

Fato inquestionável é que as leis de imigração nos tempos pós-abolicionistas foram concebidas dentro da estratégia maior de erradicação da “mancha negra” na população brasileira. Um decreto de 1890 concede que é inteiramente livre a entrada, nos portos da República, dos indivíduos válidos e aptos para o trabalho. Excetuados os indígenas da Ásia ou população da África (Nascimento, 2016, p. 86).

Para a solução do problema da “mancha negra” (Nascimento, 2016) na sociedade brasileira, um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra por brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: [o mulato - atualmente compreendido como termo pejorativo. O negro de pele mais clara hoje denominado] o pardo, que foi o símbolo importante da suposta democracia racial. Corroborando com as narrativas sobre os fatos históricos, Sueli Carneiro diz que no caso brasileiro, a teoria da superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar e denomina de “estupro colonial os abusos perpetrados pelos senhores brancos portugueses, sobre negras e indígenas” (Carneiro, 2002, p. 151). Afirma ainda que o discurso sobre identidade nacional possui uma dimensão escondida de gênero e raça, em que a subjugação da mulher negra está presente ao longo das gerações, desse fato se dá a origem de todas as construções da identidade nacional.

Florestan Fernandes (1966), também sociólogo, fora um dos primeiros a questionar democracia racial brasileira e denunciar as desigualdades de tratamento entre brancos e não brancos. Trouxe assim para o debate o denominado “mito da democracia racial” (Fernandes,

---

dominó. (CFP,2017). Diwan (2020) alerta que a política imigratória no Brasil após escravidão em 1888, significou o investimento no projeto de branqueamento racial da população brasileira, a autora afirma que mais de 1,5 milhão de imigrantes brancos entraram no país entre 1890 e 1920.

1966) que expõe e denuncia as situações desiguais de oportunidades de existência entre a população branca e não branca. Diante da constatação da falsa ideia de um país democrático e do paraíso racial, conforme fora vendido para o mundo, informa que a democracia sobre a questão racial não é realidade e sim um mito. Passa a ser problematizada assim o mito da democracia racial.

Essa máxima passa a ser mito uma vez que se nota que a população negra escravizada e proibida de existir livremente, foi, depois de ‘liberta’ pela abolição da escravatura, jogada nas mazelas da sociedade - que ainda sente e vive diante das sequelas coloniais. Considerando todo o processo histórico brasileiro, de tentativas de desumanização da pessoa negra, de um país que tem registrado 522 anos de existência e desses 388 foram de exploração da população negra, é necessário refletir sobre as condições de vida, vivência e sobrevivência da população negra brasileira.

Sueli Carneiro (2002) afirma que após a abolição da escravatura, em 1888, a população negra não foi integrada à sociedade. Ela permaneceu discriminada, à margem das mudanças estruturais que ocorrem na sociedade, pois o Brasil republicano cioso por uma perspectiva de recuperar o passado europeu teve a política de imigração central ao desejo da elite e interesses políticos. Onde o papel relegado aos negros sempre foi secundário. Vale ressaltar que acompanhando a construção dessa mentalidade racista e preconceituosa foi incorporado ao cotidiano brasileiro e gradativamente se normalizando, assim esse tratamento dispensado a população negra tem determinado a invisibilidade das pessoas negras nas diferentes esferas da vida em sociedade.

No livro o genocídio do negro brasileiro de Abdias Nascimento, Florestan Fernandes prefacia e denuncia que da escravidão, no início do período colonial, até os dias que correm, a população negra têm sofrido genocídio institucionalizado, sistemático e por vezes silencioso. Pontua que o genocídio ocorreu e ainda está ocorrendo, está amplamente documentado e

explicado pelos insuspeitos historiadores, que indicam que a abolição não pôs fim, mas agravou o genocídio uma vez que a pessoa negra fora condenada a periferia da sociedade. O que expôs a um extermínio moral e cultural de sequelas sociais e demográficas.

Diante dessas reflexões, uma breve contextualização sobre raça, racismo, discriminação e preconceito. Sobre o conceito raça, sabe-se que não há diferentes raças humanas por variações biológicas. Entretanto na medida em que traços fenotípicos e características físicas são critérios para discriminações, se faz necessário legitimar o termo social raça.<sup>2</sup> Sendo então um signo cujo significado só pode ser encontrado na experiência do racismo que faz referência a um elemento de identidade individual/coletiva (Osório, 2003; Diwan, 2020; Zamora, 2012). Raça aqui entendida como uma categoria social que exerce funções simbólicas e noção ideológica para distribuição de posição na estrutura de classes (Souza, 2021) e tem conceito social e político (Carneiro, 2002; CFP, 2017).

Racismo é fenômeno denunciado por intelectuais brasileiras/brasileiros, além de estrutural, impacta a vida de pessoas negras de modo subjetivo (Moreira, 1905; Nascimento, 1978; Gonzalez, 1988; Souza, 1983; Bento, 2002; Gouveia & Zanello, 2018). É um elemento ideológico, complexo e de manifestações globais (Munanga, 2009) que atribuem qualidades pejorativas referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem (Brasil, 2015; Brasil, 2016). No art. 5º da Constituição Federal Brasileira de 1988, dispõe que a prática do racismo constitui crime inafiançável sujeito à pena de reclusão. Art. 140 do Código Penal Brasileiro aponta que:

Crime de Injúria Racial – conduta pela qual agressor atribui qualidade negativa e ofensa a sua honra com elementos referentes a raça, cor, etnia, religião. Ataca determinada pessoa com valor pejorativo, negativo e inferioridade.

---

<sup>2</sup> Etnia é um termo que define a característica proeminente de um grupo que se reconhece de algum modo distinto e tem sido utilizado para substituir o termo raça, por parecer “politicamente correto”. Enquanto o termo raça refere-se aos atributos dados a um determinado segmento, o termo etnia ou grupo étnico, refere-se à resposta criativa de um povo que, de alguma maneira, se sente marginalizado pela sociedade. (Dias et al., 2009).

Crime de Racismo – conduta com objetivo de praticar, induzir ou incitar discriminação pela raça, cor e origem. Valor a um grupo social onde atribui valor de inferioridade e preconceito a toda uma raça, cor, religião e procedência nacional.

Engloba um conjunto de ideologias, pensamentos, crenças e valores que prega a superioridade de dado grupo étnico-racial sobre outro. Designa práticas discriminatórias, disposições estruturais e práticas moralistas que atribuem significados sociais negativos a determinados padrões de diversidade e aos grupos que os detêm. (André, 2007; Goulart & Tannús, 2007; Dias et al., 2009; Lima, 2020). Uma relação de poder (Theodoro, 2019) perpassado por construções sócio-históricas-culturais e apresenta uma formatação diferenciada em cada localidade. É manifestado por meio do preconceito, da discriminação racial (Santos, 2001) e do privilégio da branquitude<sup>3</sup> (Bento, 2002).

Na sociedade brasileira o racismo é estruturante e constitui a produção sistemática de segregação racial, alerta Silvio Almeida (2020). O autor define racismo estrutural como a formalização de práticas institucionais, culturais e interpessoais dentro de uma sociedade. Estrutura de maneira a privilegiar um grupo social, em contrapartida prejudica e exclui substancialmente outros grupos. De modo consistente e constante causando disparidades que se desenvolvem ao longo de um período de tempo. Estrutura as relações sociais, laborais, institucionais, afetivas e de subjetividade.

O racismo Institucional está presente em todas as instituições e organizações. É um mecanismo expresso nas normas e nas práticas discriminatórias no cotidiano de trabalho. Coloca pessoas de determinados grupos raciais em situação de desvantagem no acesso aos serviços e promove tratamento direcionado as pessoas de acordo com sua cor/raça e estereótipos (Dias et al., 2009; Ignácio & Mattos, 2019; Almeida, 2020). A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN - Brasil, 2017) reconhece o racismo

---

<sup>3</sup> Bento(2002) nos estudos em Psicologia Social, apresenta estudos sobre a branquitude. Aborda os mecanismos da lógica de dominação ideológica na qual a raça branca é tida como o modelo universal de humanidade.

institucional como determinante da condição de acesso aos serviços de saúde, principalmente no SUS. Tal afirmação é confirmada pelo IBGE (Brasil, 2019) onde alerta que a população negra é a que tem menos acesso à qualidade de saúde e desigualdade na oferta de tratamento, quando comparadas às pessoas não negras.

No que circunscreve a problematização do racismo científico e/ou acadêmico, como entender o apagamento de intelectuais negros e negras que sofreram e ainda sofrem com anos de silenciamento? O silenciamento sobre a intelectualidade de pensadoras/pensadores negras/negros (Prestes, 2020; Passos, 2019) resulta no que Sueli Carneiro (2005) denomina de epistemicídio, termo alçado para explicar um instrumento de dominação racial que é o apagamento dos pensamentos produzidos por intelectuais negros.

Na literatura brasileira, narrações e contos que contextualizam a vivência de (e enquanto) pessoa negra também foram pouco disseminadas – tais como: *O Alienista* de Machado de Assis (1882); *Diário do Hospício* de Lima Barreto (1993); *Quarto de Despejo* de Carolina de Jesus (1960); *Histórias Feitas por mãos negras* de Beatriz Nascimento (1990); *Olhos d'água* de Conceição Evaristo (2011). Também no campo da Psicanálise, Antropologia, Filosofia e Sociologia, como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Virgínia Bicudo, Guerreiro Ramos e Abdias Nascimento. Bem como as contribuições de Ivone Lara, na saúde mental, enquanto assistente social e enfermeira (Prestes, 2020). Conforme aponta Zamora (2012), racismo é um fenômeno presente e negado, ao mesmo tempo.

Sobre a discriminação racial<sup>4</sup>, esta é a expressão ativa do racismo (Santos, 2001). Corresponde a qualquer atitude que desrespeite e viole os direitos de alguém/de um grupo por causa de sua cor/raça. Remete a representações geradoras de desvantagem sobre esses grupos sociais e desigualdades entre os segmentos populacionais envolvidos. Gera inferioridade na percepção de valores e desigualdade no tratamento baseado em suas características físicas ou

---

<sup>4</sup>

Abrange qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada na raça, cor ou etnia (Goulart & Tannús, 2007).

culturais (Dias et al, 2009; Gouveia & Zanello, 2018). Impede e dificulta as bases de igualdade e são perceptíveis nas inúmeras disparidades sociais existentes.

Por vezes a discriminação racial é negada, invisibilizada, anulada, subestimada, negligenciada, velada, naturalizada e desconsiderada. Em diversos modos, (ora sutil ora escancarado) o racismo está presente no contexto acadêmico, nas instituições, no meio social, nas interações afetivas, na prática profissional e em todos os espaços e relações. Posturas de discriminação racial são notórias no cotidiano, aponta o informativo do IBGE (Brasil, 2019) que ilustra como a população negra é o grupo racial mais propenso a desenvolverem adoecimentos. As práticas de discriminação racial no Brasil impedem ascensão social e torna a identidade da pessoa negra desvalorizada e afetada por fatores ideológicos e psicológicos (Munanga, 2009).

Desde o fim da escravização as expressões do preconceito racial no Brasil se apresentaram de maneira sutil e/ou velada (Munanga, 2012). O autor enfatiza ainda que esse fenômeno se constitui no campo ideológico uma vez que todos os termos que terminam com o sufixo “ismo”, remetem a ideologias, concepções e visões do mundo, correntes de pensamento, doutrinas, crenças, etc. Caracterizando assim o racismo enquanto uma doutrina e tal definição integra o conceito de preconceito racial.

A respeito disto, Lima (2020) problematiza que o preconceito não implica necessariamente na essencialização das diferenças, é uma atitude antecipada e pré-concebido, carregada de valores, que pode existir apenas a nível individual. E se faz interessante entender que o preconceito se dá pela origem e pela marca. O primeiro relacionado a descendência étnica e o segundo, presente no Brasil, ocorre quando atitude desfavorável em relação a aparência, fisionomia, sotaques e etc... (Fonseca, 2020; Lima, 2020). Por fim, Almeida (2020) diz que preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que

pertencem a determinado grupo racial - de acordo classificação racial brasileira onde a população negra e não negra tem distintos tratamento social.

A classificação racial é entendida como o conjunto de categorias cor e/ou raça em que as pessoas podem ser enquadradas. No Brasil, essa classificação aproxima a realidade da caracterização sociocultural. Em dadas pontuações políticas, as categorias “preto e pardo” são cores, enquanto “negra” é a raça, em sua dimensão social (Osório, 2003). Portanto, pessoas que se declaram de cor parda ou preta, são classificadas como negras.<sup>5</sup> É destacado na PNSIPN que declarar raça/cor é relevante para atender o princípio da equidade do SUS, ao reconhecer as diferenças nas condições de vida e saúde das pessoas. Reconhecendo as demandas de grupos específicos é possível reduzir o impacto dos determinantes sociais da saúde aos quais estão submetidos. A autodeclaração remete à percepção de cada um em relação à sua raça/cor, o que implica considerar também a origem étnico-racial, aspectos socioculturais e construção subjetiva do sujeito (Brasil, 2017). “Declarar a sua raça/cor é importante para a construção de políticas públicas, pois permite que os sistemas de informação do SUS consolidem indicadores que traduzem os efeitos dos fenômenos sociais e das desigualdades sobre os diferentes segmentos populacionais” ( p.9).

Quanto ao quesito cor<sup>6</sup> é importante instrumento para a construção de políticas públicas, por permitir que os sistemas de informação do Serviço Único de Saúde – SUS consolidem indicadores que traduzem os efeitos dos fenômenos sociais e das desigualdades sobre os diferentes segmentos populacionais. Por tais fatos, classificação racial é um aspecto fundamental para informações sobre o acesso da população brasileira à saúde. E por vezes, esse quesito/item, é desconsiderado e tal situação contribui para manter na (in)visibilidade ou manter velada a existência do racismo institucional (Ignácio & Mattos, 2019).

---

5 Osório (2003) destaca que nas categorias de classificação de cor ou raça da população nacional, em termos estatísticos, pretos e pardos se distinguem em qualquer indicador de situação ou posição social preterida que se possa imaginar.

6 Quesito cor é um instrumento voltado à atribuição de cor a partir de uma lista de categorias-padrão utilizadas pelo IBGE – branca, preta, parda, amarela e indígena. Sua inclusão em vários dos documentos oficiais, bancos de dados e sistemas de informação utilizados no Brasil resulta do trabalho conjunto e do empenho de pesquisadores e pesquisadoras das áreas de demografia e saúde (Brasil, 2017).

Qualificar a informação raça/cor nos instrumentos de saúde mental é importante para monitorar ações de promoção da igualdade racial que garante, à população negra, o acesso universal e igualitário nos serviços de saúde (Silva et al.,2017). Reconhecendo as demandas de grupos específicos é possível reduzir o impacto dos determinantes sociais em saúde aos quais estão submetidos (Brasil, 2017).

A respeito do entendimento sobre negritude, Munanga (2009) indica que é o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, história e cultura específica. É condição de ser pessoa negra. É o fortalecimento do sentimento de orgulho racial e conscientização do valor e riqueza cultural dos negros. Petrônio (2005) traz a discussão que o termo negritude vem adquirindo diversos "usos e sentidos" nos últimos anos. Sendo, antes de tudo, um movimento de resgate da humanidade da pessoa negra que insurgiu contra o racismo imposto no contexto da opressão colonial. Com a maior visibilidade da questão étnica no plano internacional e do movimento de afirmação racial no Brasil, negritude passou a ser um conceito dinâmico, o qual tem um caráter político, ideológico e cultural.

A negritude se refere à história comum que está além do olhar do mundo ocidental branco sobre negros. Considerando não somente à cultura das pessoas de pele negra, que aliás são todos culturalmente diferentes, mas indicando a realidade do fato de terem sido vítimas das piores tentativas de desumanização na história e de terem suas culturas simplesmente negada. Está além de objeto de políticas sistemáticas de destruição (Munanga, 2012).

Sobre a ideologia de branqueamento das elites brasileiras e os dilemas da negritude, Moura (1983) abrange o conceito de negritude além de atitudes da população negra frente ao mundo dominante branco. Trata-se de um conceito vivenciado, aplicado e não apenas movimento social para ser estudado. Visto de fora o movimento da negritude pode ser interpretado enquanto um modo coletivo de organização a segmentos oprimidos pelo sistema dominante. De origens europeias, surgiu como movimento literário face ao tratamento

inferiorizado que impunham as pessoas negras. O autor ressalta que foi Aimé Césaire, em 1939, quem empregou pela primeira vez a palavra negritude e significava simplesmente o reconhecimento do fato de ser negro e a aceitação deste fato à soma dos valores africanos na sociedade (Césaire, 2010). Teve suas origens nos movimentos culturais e artístico que trazia no seu bojo ideias que valorizavam a história do ser negro e sua cultura. Baseado no movimento nomeado Pan-africanismo de Du Bois, foi importante investimento que buscou dar visibilidade ao ser negro. Indica também que a primeira manifestação da negritude no Brasil, datada por volta da década de 1940, tivera o intuito de romper com as barreiras que marginalizavam a elite negra brasileira. Com advento do Estado Novo os grupos de movimento negro foram dissolvidos (Moura, 1983) e é nessa conjuntura que surge o movimento Liderado por Abdias do Nascimento, no Teatro Experimental do Negro (TEN<sup>7</sup>).

No contexto brasileiro a negritude é vista enquanto a busca de afirmação da pessoa negra, na sua existência enquanto ser herdado de ancestralidades, onde o “ser negro” passa por processos de subjetivação, aponta Maria André (2007). O intuito era influenciar os eventos acadêmicos, a política, a educação, artes visuais, literatura e demais expressões artísticas por compreender que dar visibilidade a aspectos de reconhecimento e valorização, além da posição estereotipada racista em que a pessoa negra fora posta. Permitiu conquistas de espaços e resgate da história da cultura negra, por meio das atuações de movimento negro (André, 2007; Munanga, 2009). Ressalta-se ainda fortes contradições em relação à negritude tanto como movimento quanto ideologia e que se deve compreender que o movimento da negritude não é simples conduta de revolta, mas um movimento revolucionário de ressignificação. “Os estudiosos da questão racial deverão pensar que a cultura negra não pode

---

<sup>7</sup> O TEN antes de ser uma reivindicação ou um protesto, tinha pretensão de defesa da verdade cultural do Brasil e contribuição ao humanismo que respeita todas as pessoas e as diversas culturas com suas respectivas essencialidades. Se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem de sua formação colonizadora, imbuída de conceitos pseudo-científicos sobre a inferioridade da raça negra que excluíram o negro de seu centro vital, só por cegueira ou deformação da realidade (Nascimento, 2004). O jornal Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro divulgou os trabalhos do TEN em todos os seus campos de ação. Estimulando a valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte, dava espaço também para a intelectualização e atuação dos grupos negros isolados – os que estavam situações de vida marginalizadas e subalternas.

ser estudada como simples reminiscência, ou memória, pedaço do passado cultural, mas com componente de uma realidade social dinâmica e conflitante, onde as perspectivas lutam pela afirmação e emancipação da cidadania (Moura, 1983; André, 2007).

De modo geral, Sansone sintetiza, as décadas de pesquisa sobre negritude, indicando que longe de serem universais, a percepção da raça e da identidade étnica são mediadas pela classe, pela geração, pela posição geográfica e pelo gênero. “A identidade étnica e racial se constrói em relação a outras identidades sociais” (Sansone, 2004, p. 256).

Sobre a importância de mobilização politizada acerca dos mecanismos racistas presentes na sociedade brasileira, Guerreiro Ramos (1995) traz reflexões acerca patologia social do branco brasileiro e, conseqüentemente, contribuições sobre o sofrimento psíquico da população negra que fica a margem, considerando a opressão racial. Maria Bento (2002) salienta que para entender o racismo brasileiro a distinção entre branquitude e branqueamento é elemento importante. A branquitude é entendida como elemento da identidade racial branca, já o branqueamento é uma estratégia criada pelas elites nacionais para colocar o “branco” como padrão de referência e poder (Ramos, 1995; Bento, 2002). Constituindo assim uma sociedade baseada na hierarquização racial, em relação dialógica da estigmatização de um grupo e do silêncio cúmplice para o outro grupo opressor, onde quem pratica a violência racial dela se beneficia material e simbolicamente. Construída assim a estrutura fundamental em que as desigualdades raciais se ancoram (Schucman, 2014).

Em síntese, digo que estes conceitos apresentados acima, são tomados aqui como práticas de discriminação, exclusão, violência e/ou restrição de direitos contra a pessoa negra. Kilomba (2019) pontua que o sofrimento em pessoas negras não tem suas raízes apenas em experiências individuais. É também uma experiência coletiva e comum à população negra vivenciar a violência racial, a partir de uma lógica segregacionista.

## **1.2 (Re)pensando o campo da Saúde Mental**

Para (re)pensar a saúde mental é preciso analisar todas as dimensões da complexidade humana, considerando que o ser humano é uma totalidade não fragmentada em funcionamento psíquico e orgânico. A Saúde Mental, por definição generalista, é o completo bem-estar emocional, cognitivo e social em que a pessoa pode exercer suas funcionalidades sem qualquer perturbação mental, de acordo com Organização Mundial da Saúde – OMS (2001). Na perspectiva fenomenológica, a saúde mental e o estabelecimento entre o normal e o patológico é inconstante (Costa & Ramos, 2018) - conforme esboçaremos ao discorrer sobre o constructo do sofrimento psíquico. Está nas relações inseparáveis com o outro, com a vida, com o mundo e com os sentidos atribuídos às experiências. Pensar em saúde mental é compreender um campo complexo e multideterminado. De atuação transdisciplinar e constituído por diversos campos do saber, exige articulação em rede e mobilização de diversos setores.

Reconhecemos que campo da Saúde Mental é historicamente visto enquanto o lugar destinado à exclusão, ao asilamento e o destino para o que não está dentro de uma normalidade. E que as concepções sobre Saúde Mental passam por reestruturações teóricas, ideológicas e estruturais (Costa-Rosa, 2012). Tal qual o Movimento da Luta Antimanicomial (Luchmann & Rodrigues, 2007) e a institucionalização da Reforma Psiquiátrica (Bezerra, 2007; Passos, 2019) foram e continuam a ser essenciais para reflexões sobre as perspectivas reducionistas e estigmatizadas nas práticas institucionalizadas na saúde mental.

A partir da ruptura, de grande parte, da conduta manicomial, começa a surgir uma possibilidade de ocupação, produção e compartilhamento do exercício de direitos e cidadania efetiva e ativa, indicam Luchmann e Rodrigues (2007). Os autores pontuam ainda que este movimento antimanicomial foi importante para impulsionar a consolidação da Reforma Psiquiátrica, no Brasil.

A Reforma Psiquiátrica no Brasil, promulgada na Lei nº10.216<sup>8</sup>, evidencia mudança nos serviços de saúde mental, a partir de transformações técnicas - conceituais, jurídicas e éticas nas formas de tratamento às pessoas com transtornos mentais. É a garantia de direitos e reinserção social por meio de progressiva descentralização hospitalar para a comunidade, por meio da integração de redes social de apoio (Bezerra, 2007). Um movimento sanitarista de marco teórico e político, que visa superação do modelo manicomial (Hirdes, 2009).

Sobre estes movimentos que mudam o cenário mundial e nacional sobre o Campo da Saúde Mental, não se pode negar a contribuição de Juliano Moreira<sup>9</sup> e Frantz Fanon<sup>10</sup>. Ambos, apesar de esquecidos e/ou invisibilizados na literatura da Saúde Mental e no protagonismo da história, foram homens negros, psiquiatras e pioneiros no que se refere à humanização nos serviços de saúde mental. Pouco se disseminou a influência destes pensadores sobre os nomes reconhecidos no campo.

Na humanização dos serviços em saúde mental, a nível mundial, deu-se voz a Basaglia<sup>11</sup> enquanto precursor revolucionário e pouco se fala das influências fanonianas na sua atuação. Passos(2019) problematiza sobre o apagamento de Fanon nas relevantes contribuições, na constituição do cuidado no campo da saúde mental. A autora enfatiza sobre o diálogo com o pensamento de Fanon para avanços em “uma Reforma Psiquiátrica Antimanicomial e Antirracista” (p.74).

A influência fanoniana é revolucionária no campo da Luta Antimanicomial. Sua atuação tem legados notórios na contemporaneidade, enquanto caminhos a serem percorridos

---

8 Lei que pressupõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo em saúde mental. Também conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica, vem afirmar o portador de algum transtorno mental enquanto cidadão de direitos. Regulariza e orienta cuidados devidos da atenção primária, atenção secundária, atenção terciária, atendimentos emergências e proteção social. (Brasil, 2016)

9 Juliano Moreira fora (1872-1933) médico psiquiatra brasileiro. Fora o primeiro professor universitário a incorporar a psicanálise à medicina. Fora diretor do Hospício Nacional dos Alienados -RJ. Também fora um dos fundadores da Academia Brasileira de Ciência. Revolucionou as concepções assistências em psiquiatria e na reformulação do tratamento em saúde mental. (Jacobina, 2019)

10 Frantz Omar Fanon (1925-1961) médico psiquiatra e filósofo francês. Intelectual e militante no campo dos estudos pós-colonial. Fora atuante de movimentos antirracista na saúde. Fora idealizador de tratamento em saúde mental em modelos de desinstitucionalização (Faustino, 2015).

11 Franco Basaglia(1924-1980) fora referência mundial para transformação dos serviços e cuidados de saúde mental. Afirma que lidar de forma diferenciada com o transtorno mental grave não basta apenas humanizar ou transformar o manicômio. É preciso questionar os fundamentos em que está a necessidade de tratamento que reduz o fenômeno da loucura à doença mental (Basaglia, 1982).

para que, de fato, o campo da saúde mental seja humanizada. Fanon (2020/1952) discorre, na sua primeira obra denominada “pele negra, máscaras brancas”, sobre a condição do ser-vivido enquanto pessoa que fora colonizada. O autor nos convida a problematizar acerca da violência racial na constituição de subjetividade ao apresentar perspectivas para o cuidado com a saúde mental da população negra a partir da postura crítica sobre a desumanização e controle adotada nos manicômios, enquanto “estratégia de perpetuação do colonialismo” (Passos, 2019, p.79). Também denuncia a perspectiva psiquiátrica racista, a chamada “psiquiatria colonizada em sua obra: os condenados da terra” (Faustino, 2015).

Pesquisadores fanonianos apontam que sua abordagem humanista, fenomenológica-existencialista é aliada a formação médica (Passos, 2019; Santos, 2021) e indicam que seus escritos tem pioneirismo para o campo da análise fenomenológica-existencial. Nilson Gabriel (2021) apresenta pensamentos fanonianos sob corrente do existencialismo analisando a experiência vivida narrada nas obras – “busco realocar a biografia de um homem negro esquecido pela academia psicológica concomitante à sua produção intelectual perante a história” (Gabriel, 2021, p. 29). Reflete sobre a construção no campo da ideologia existencial que permite novo diálogo sobre a população negra, daquela época e naquele contexto, na realidade humana tal como ela é. Isto posto, não há uma essência negra que viabilize afirmar que “ser negro/ser negra” é condição ontológica e fundante dos sujeitos. Sendo o pretense “ser” diante da sociedade e da existência possível nesta sociedade, que ao indagar a sua liberdade, indaga sobre a minha e sobre a do outro. A dialética fanoniana vai além de sua concepção pessoal, pois a perspectiva existencialista que esquece a temática racial abandona a existência humana.

Na perspectiva dialética fanoniana a psicopatologia não diz de uma condição estática, passiva, cuja saída é, necessariamente, o tratamento médico - que pode se tornar o agente de patologização, docilização e resignação. “Para Fanon, a superação da loucura e da doença

mental passa, antes de tudo, pela suplantação das formas como estas são concebidas; um dever constante, tal como o do ser a se produzir nas condições em que é compelido” (Costa & Mendes, 2021, p. 71).

No contexto brasileiro, a humanização nos serviços de saúde mental ficou por mérito de renomados da Psiquiatria – como Nise da Silveira<sup>12</sup> – e há escassos registros sobre Juliano Moreira. Este que fora pioneiro nos cuidados humanizados em saúde mental no manicômio brasileiro – atualmente reformulado para hospital psiquiátrico – e influenciou toda a prática que se tem nos serviços de saúde mental nos contextos atuais. Por sua incidência foi aprovada Lei Federal que responsabiliza governos pela assistência aos serviços de saúde mental. Promoveu mudanças na concepção psicopatológica, criou laboratórios para diagnósticos e pesquisas, investiu em recursos humanos e estabeleceu tratamentos específicos para diferentes quadros mentais (Prestes, 2020). Tal assunto será mais aprofundado na seção seguinte.

A atuação de Juliano Moreira significou a constituição de um novo pensamento sobre o campo da saúde mental. Apresentou concepções além dos limites da psiquiatria e além dos muros das instituições, incluindo escolas, ambulatórios, agregando famílias nos cuidados, e expandindo a compreensão de normalidade *versus* doença mental para a concepção de um espectro que vai da normalidade à normalidade (Portocarrero, 2002). A trajetória do autor, também se desdobrou aos âmbitos da ciência e da política – incluindo a recepção a Albert Einstein na primeira visita ao Brasil e representações ao Brasil em eventos no exterior. Incentivou produção de publicações científicas, discussões e trocas entre pares. Dentre as atividades descritas acima, as pesquisas e disseminação de conhecimento merecem destaque, pois além de relatórios para o governo, fez muitos registros fotográficos dos prédios e pessoas. Também divulgou trabalhos dos internos em formato de exposição, estudou

---

<sup>12</sup> Nise Magalhães da Silveira foi a primeira médica psiquiátrica no Brasil que revolucionou o tratamento em saúde mental, no Brasil. Ressalva que não podemos afirmar que há um tratamento pronto e fechado para os transtornos mentais, por serem manifestações clínicas que se modificam facilmente. (Silveira, 1980).

minunciosamente diferentes patologias e é autor de mais de cem publicações científicas em revistas nacionais e de outros países (Prestes, 2020).

Não há implicações das relações étnico-raciais nas publicações referentes à constituição da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, o que, de certa forma, reafirma a invisibilidade do tema. Se faz necessário o enfrentamento do racismo no cenário da Reforma Psiquiátrica e ao mesmo tempo tensionar o histórico racista de saberes do campo Psi, além da própria dimensão sociocultural relacionada com a cultura racista brasileira (Ignácio & Mattos, 2019; Passos, 2019). Assim, trazer a temática para o campo da saúde mental, desafia para uma contextualização de mudanças e debates acerca reforma psiquiátrica brasileira. Onde passa a ser possível consciência e sensibilidade para a questão étnico racial para a necessidade de acolhimento do sofrimento psíquico atravessado pelo racismo.

O que pretendo ao trazer um referencial teórico construído por teóricas/teóricos negras/ negros é apresentar novas reflexões diante de um fenômeno complexo que por vezes silencia a voz de quem o denuncia. Redigir um estudo sobre aquilo em que também (sou) é alvo, traz novas percepções não apenas por ser afetada/afetado, mas por ter afeto e vivência. Ultrapassar concepções, geralmente baseadas em homens brancos europeus, cotidianamente utilizadas no meio acadêmico pode ser convidativo a compreender um fenômeno sob nova ótica que transita por outras posições epistemológicas. Construir discursos da própria pessoa negra sobre a pessoa negra, que retira, inclusive, a tomada do modelo branco como identidade universal, para os paradigmas da existência humana.

### **1.3 Caminhos da Saúde Mental e População Negra no Brasil**

Considerando a problematização no capítulo acima, é possível inferir que os aspectos relacionados ao processo de desenvolvimento social brasileiro produziram clivagens ao longo da história. No campo da saúde mental o sofrimento psíquico, desencadeado das experiências

de racismo, deve ser analisado como processo multifacetado (Santana, 2017). Trazer a relação étnico-raciais para o campo da saúde mental e atenção psicossocial permite (re)pensar os caminhos da Luta Antimanicomial por uma perspectiva diferente (Passos, 2019). A compressão de que o racismo é estruturante da formação social brasileira, entende-se o poder colonial da institucionalização que atravessa a constituição do campo da saúde mental e atenção psicossocial. O que resulta inclusive no pagamento de pensadores/pensadoras negros/negras do debate étnico-racial.

No que se refere ao sofrimento psíquico da população negra provocado pelo racismo, mesmo com obras fundamentais na compreensão dos impactos do racismo na subjetividade desde a década de 40, nenhuma ação transformadora no campo da saúde mental foi produzida (Silva, 2021). Neusa Souza, em 1983, apresentou sua tese em debate sobre identidade negra, racismo e, conseqüentemente, o sofrimento psíquico advindo da discriminação. Possibilitou nomear os fenômenos racistas e ressignificar o diagnóstico de complexo de inferioridade e sentimentos de inadequação para então compreensão enquanto sofrimento psíquico produzidos pelo racismo. A autora defende que há “necessidade de especificidades produzidas pelo racismo histórico contra negros e compreensão de que na sociedade brasileira, os efeitos psicossociais do racismo devem constituir um eixo” (Souza, 2021, p. 16) de atenção no campo da saúde mental.

No estudo de Rocha et al.,(2021) é apresentado um detalhe, da Saúde Mental atravessada pelas Relações Étnico-Raciais, que nomeia de racismo à brasileira os enredos históricos e tramas contemporâneas nos cuidados em saúde mental. Os autores apresentam, no livro decorrente da pesquisa de dissertação de mestrado, realizada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), a problematização do “preto, pobre e louco” (p. 109) que surge nas narrativas de entrevistas/perspectivas com profissionais que atuam no campo da saúde mental na região. Apontaram que a condição de ser branco ou de ser preto causa maior ou menor estranheza,

quando associada à própria condição da loucura, notando a tripla estigmatização presente no ser preto, pobre e doido. Abordam também que nos estudos históricos sobre a psiquiatria brasileira, há enorme lacuna para pensar a questão do racismo no processo de institucionalização quanto da vivência da loucura junto aos manicômios brasileiros. Em serviços impregnados por concepções de cunho racista que tendem a colocar os elementos afrocentrados em um lugar constantemente malquisto - seja por conta da cor da pele, do cabelo, das indumentárias estéticas ou das expressões de religiosidade (Rocha et al., 2021). E a termo, indicam que se apregoa o consenso, em meio à raridade de produções acadêmicas sobre sofrimento psíquico e racismo, que se o racismo não causa adoecimento mental, minimamente o fenômeno possui fortes influências na composição do sofrimento psíquico para determinados sujeitos e para determinados segmentos sociais.

Assim o racismo é base que compõe o processo de psiquiatrização e medicalização das subjetividades negras. “como o racismo à brasileira se expressa pelo silêncio, o discurso conservador vai afirmar que o sofrimento oriundo do racismo é um problema individual, transferindo questões de ordem estrutural para o subjetivo” (Passos, 2019, p. 84). O racismo perpassa a concepção de mundo dos sujeitos e estrutura as relações institucionais, sendo reproduzido nos diversos espaços, inclusive nos serviços que substituem os hospitais psiquiátricos nas políticas públicas e na formação profissional (Passos, 2019).

Acerca da psicopatologização da negritude, Sathler e Gomes (2021) apresentam a problematização dos discursos que atravessam a sala de aula sobre aspectos históricos da Psicopatologia no Brasil e demonstram como essa história constitui o campo da saúde mental ainda hoje. Delineiam que os profissionais da Psiquiatria, da chamada Liga Brasileira de Higiene Mental entre os anos de 1928 e 1934, defendiam as ações de prevenção aos transtornos mentais baseados na eugenia. Com práticas de isolamento e discurso moralista sobre o adoecimento mental em que o padrão social da raça brasileira era o sujeito branco, a

iniciativa do discurso moralista - de associação entre alcoolismo, sífilis e adoecimento mental - tinha um destino preciso: a população negra. O racismo era um dos fundamentos do pensamento dos médicos da liga. As campanhas de higiene mental eram a expressão do racismo contra a população negra e mestiça. As teorias eugenista e lombrosiana, como as disseminadas pelos médicos Renato Kehl e Nina Rodrigues, apresentaram ideologias equivocadas sobre o psiquismo de pessoas negras (André, 2007; Prestes, 2020), sugerindo que a intelectualidade seria prejudicada por características biológicas inatas responsáveis por uma incurável degeneração.

Enquanto isso, Juliano Moreira contestou cientificamente a teoria da degenerescência racial. Com pesquisas aprofundadas, uso de laboratório e por meios de iniciativas práticas, comprovou o entendimento de que o adoecimento notado na população negra se tratava de aspectos sociais e não hereditários (Moreira, 1905/2007). Dentre seus principais pensamentos destaca-se o esforço em pesquisar e provar que a questão racial não motiva doenças. Contrário ao posicionamento racista, em voga no meio intelectual da ciência, que atribuía problemas psíquicos da população brasileira à miscigenação das raças, Juliano Moreira defendeu que distúrbios psíquicos não são causados por elementos étnico-raciais, tão poucos relativos ao clima tropical, mas por determinantes sociais e condições de vida tais como acesso a escolarização, saúde, alimentação e habitação indigna (Oda & Dalgalarrodo, 2000; Portocarrero, 2002; Prestes, 2020).

A ideia de degeneração e caos social no Brasil como responsabilidade de negras/os encontrou entusiastas e apoiadores em diversas áreas, entre elas a Literatura – Monteiro Lobato (branco) que teceu críticas a Machado de Assis (negro), indicam Sathler e Gomes (2021). Por abordar clássicos literários, Lima Barreto na obra *Diário do Hospício - Cemitério dos vivos* (1993) ao narrar sua vivência no hospital psiquiátrico – fora interno no manicômio por alguns dias e ironicamente se alcunhou “maluco periódico” (p. 157) – qualificou a atuação

humanizada de Juliano Moreira e o classificou enquanto homem de grande ternura, conforme esboçado no trecho:

Conhecia perfeitamente o diretor e travei conhecimento com ele espontaneamente. Eu me espantava que ele pudesse, sem barulho, mansamente, se fazer até onde estava. Pouco conhecia de sua vida, mas conhecia bem geral a dos outros, para achar a dele surpreendente... Ele tinha mesmo qualidades nativas de despertar simpatia; Todos gabavam muito o seu talento, a sua ilustração; mas, não era bem por isso que eu o amava. Nunca lhe tinha lido um trabalho, só mais tarde me foi dado fazer isso, não tinha nenhuma ilustração no assunto do seu caber para julgar; mas, conquanto sentisse logo um homem superior, eu o amava pela sua exalação de doçura e bondade.... sem traduzir nenhuma imponência burocrática, fez-me sentar a seu lado, com grande ternura, e perguntou-me, sem nenhuma censura nas palavras e nem no acento de falar ou no olhar (Barreto, 1993, p. 157).

Em posicionamento comum, Lima Barreto se colocou intelectualmente contra o racismo científico e Juliano Moreira comprovou nenhuma cientificidade nas teorias de determinismo racial. Alguns estudiosos também discorrem sobre mudanças implementadas nos hospitais psiquiátricos no tocante a humanização dos cuidados e na direção da igualdade de tratamento destinado às pessoas. A liderança efetiva de Juliano Moreira, deu origem a promulgação da Lei Federal (Decreto nº1.132 de 1913) que permitiu a execução das reformas iniciais de assistência aos alienados. Mesmo com contradições, ainda é referência em todo o Brasil na execução das políticas públicas em Saúde Mental. Combatia o uso dos termos pejorativos de “maluco” e “doido”, repetia sempre que as maiorias dos doentes mentais estavam fora dos hospitais e sanatórios especializados (Moreira, 2007).

Até então a psiquiatria brasileira se mantivera subsidiária exclusiva da escola francesa, apenas copiando sem considerar as diversidades culturais existentes. Com Juliano Moreira, a Psiquiatria se ampliou, universalizando-se, e procurando ganhar uma forma nacional. Determinado e com tenacidade vai buscando recursos do governo, mobiliza muitos profissionais capacitados e começa a promover reformas materiais e éticas, ele inicia a retirada das grades das janelas das enfermarias e abole os coletes e camisas de força (p. 28).

No concernente à prática, a ruptura se manifesta na criação de um sistema de assistência abrangente, que não se restringe mais ao doente mental, nem se limita ao espaço do asilo fechado, como no século XIX (Portocarrero, 2002). Descreve sua experiência pessoal ao marcante preconceito de cor na sociedade brasileira. Escreveu sobre modelos assistenciais e sobre a legislação referente aos alienados, discutiu a nosografia psiquiátrica e estudou as histórias da medicina e da assistência psiquiátrica no Brasil (Oda & Dalgalarrodo, 2000; Preste, 2020).

O conhecido hospital Colônia, na cidade de Barbacena-MG, registrado em livro (Arbex, 2013) e também disponível em documentário áudio-visual, embora não destaque, tem uma leitura racializada da entidade onde a institucionalização da negritude é evidente nos registros fotográficos. A ocorrência de genocídio nos porões da loucura é mais uma página do genocídio da população negra no Brasil (Sathler, & Gomes, 2021). Tal qual o documentário – o menino 23 (Cunha, 2016) que esboça o abandono do estado, sobre o cuidado de crianças negras abrigadas em casa de acolhimento, na época denominada orfanato e/ou reformatório, que foram cedidos para os cuidados de empresário de influência política e econômica. O documentário traz relatos e narrativas daqueles que vivenciaram exploração nas fazendas e foram escravizados diante de um cenário pós- abolição.

Diante dessa noção, se nota a seriedade de romper com a tendência de invisibilização da raça no cuidado em saúde mental. Questão salientada por Nascimento et al. (2019), que trazem no cerne de sua discussão, processos de sofrimento da população negra, em decorrência do racismo e provocam a um convite a descolonizar as práticas em saúde mental. Sendo, para isso, necessário colocar em suspensão todo o conhecimento eurocentrado a respeito dos diferentes modos de ser e estar no mundo, para refletir que quem pode dizer do seu sofrimento é quem sofre. “Ao mesmo tempo em que um sofrimento não é menor que o outro, mas alguns sofrimentos não são comparáveis entre si” (p. 942). Nesse espectro, a escrita de intelectuais negros/negras que agregaram aos estudos acerca do sofrimento psíquico e da subjetividade negra permite proximidade mais autêntica e congruente das vivências e do sofrimento psíquico de pessoas negras.

Sobre a possibilidade de construir um referencial teórico que aborde a questão da saúde mental da população negra, a partir de escritos de teóricas/teóricos negros/negras sobre o fenômeno do racismo enquanto *ser no mundo*, problematizam que:

É desafiante um fazer no enfrentamento do racismo, de forma a fortalecer uma “prática psi” que não desqualifica, generaliza ou minimiza o sofrimento humano e o adoecimento mental oriundo da opressão que a população de negra sofre. Isso só tem sido possível a partir do momento em que se abre a possibilidade do diálogo e da inclusão com os saberes construídos a partir dos autores e das autoras que vivenciam e denunciam o racismo cotidianamente, e de seus mais diversos modos (p.944).

Veiga (2019), parte da ideia de valorização de estudo de narrativas de teóricas/teóricos, pesquisadoras/pesquisadores e intelectuais negros/negras, problematizando as narrativas hegemônicas de pessoas não negras, para desenvolver meios de acolher e tratar os efeitos do racismo na produção de sofrimento psíquico em pessoas negras. Significa

colocar a própria subjetividade negra como referência para a prática clínica de acolhimento às pessoas negras (Nascimento et al., 2019).

Fonseca (2020) ao escrever sobre racismo à brasileira e sofrimento psíquico da população negra, menciona que o silenciamento em torno da questão racial diz respeito a própria identidade no cenário brasileiro. Sendo uma ferida causada por falta de pertencimento e estímulos a vitalidade, que torna desafiante abordar o tema das relações raciais. Ressalva que a ideia não é dizer que apenas a população negra sofre no mundo, mas atentar para o sofrimento específico, histórico e coletivo causado pelo racismo na população negra do país. Ao discutir sobre os mecanismos do racismo é possível contribuir para eliminar as práticas racistas e por meio da conscientização, buscar novos significados para a ferida ainda não cicatrizada. No Brasil a especificidade racista é dinâmica, complexa e atualizada a cada dia.

O racismo vivenciado pela população negra incide negativamente na saúde mental. Pessoas negras e não negras relatam experiências desiguais no que diz respeito ao nascimento, tratamento de agravos e às causas de óbito (Zamora, 2012). O Informativo sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil do IBGE (Brasil, 2019) aponta que população negra possui severas desvantagens, em relação à população não negra, no que tange as dimensões: mercado de trabalho, distribuição de rendimento, oportunidade de educação, acesso à saúde, espaços de cultura, cidadania, justiça e representação política. Um processo abstruso que evidencia mudança paradigmática nos cuidados e práticas dos serviços de saúde e saúde mental.

A formação da sociedade brasileira é atravessada por fenômenos complexos. Estudiosos latino-americanos do pensamento decolonial mostram que a estrutura social ainda é necessitada de estudos populacionais, regionais, culturais, institucionais e políticos (Quijano, 2005). Na contemporaneidade, considerando a conjuntura social e política do Brasil, identificar os efeitos da discriminação racial na saúde mental das pessoas, é de grande

valia. Além de produzir conhecimento, possibilita dar voz a este fenômeno. Na intenção de romper com o mito da democracia racial que permeia a visão estigmatizada, ainda presentes no tratamento em saúde mental.

Na PNSIPN, por exemplo, está firmado o compromisso do Ministério da Saúde no combate às desigualdades no SUS e na produção de saúde da população negra de forma integral. O que inclui ações de cuidado e atenção à saúde, bem como de gestão participativa, controle social, produção de conhecimento, formação e educação permanente de trabalhadores/profissionais de saúde, visando à promoção da equidade em saúde da população negra.

#### **1.4 Sobre a Psicologia e a problematização do racismo**

As referências técnicas para atuação de psicólogas/os sobre relações raciais (CFP, 2017) diz que desde a institucionalização da Psicologia como ciência e profissão, é feita a tentativa de trazer à baila a temática racial. Tem sido ação feita por psicólogas/psicólogos de diferentes regiões brasileiras, a partir de articulações iniciadas por grupos de psicólogas/psicólogos e pesquisadoras/pesquisadores da temática racial, ativistas de organizações do Movimento Negro. E com o apoio do Sistema Conselhos de Psicologia – que demorou a abraçar a causa, ao longo desse processo, mas tornou formalmente institucionalizado, em 2003, a criação de Grupos de Trabalhos e/ou Comissões de Psicologia e Relações Raciais em diversos Conselhos Regionais de Psicologia – foram possibilitadas ações e atividades com a temática racial no país.

Se, nos anos 1970 e 1980, engajou-se no Movimento de Reforma Sanitária, nos anos de 1980 e 1990, no Movimento da Reforma psiquiátrica e Luta Antimanicomial e nos anos 1990 instituiu o compromisso social da Psicologia e criou a Comissão de Direitos Humanos no CFP e nos CRPs, foi somente nos

anos 2000 que incorporou a discussão sobre racismo e igualdade racial. Mas, desde que a reconheceu como de relevância social tem, em maior ou menor grau, procurado dar visibilidade a ela. Com a elaboração deste documento do CREPOP, o CFP visa propiciar a ampliação do debate, com o intuito de que seja sistemático e constante (CFP, 2017, p. 74).

A Psicologia sendo um campo clínico, ético-político e cultural tem fomentos para transformação social. Pode ser via combativa e preventiva as formas de exclusões, tal qual o racismo, promovendo saúde psíquica além de consultório (CFP, 2002; CFP, 2017; Ribeiro, 2017; Tavares & Kuratani, 2020; Rocha, 2021). Pode impulsionar estratégias voltadas para a temática da igualdade racial e por meio destas, mudanças de mecanismos institucionalizados.

Nos desafios para atuação na saúde mental, ainda há pouco subsídio teórico e metodológico científico da Psicologia, como estratégia de prevenção de práticas de preconceito racial (Santana, 2017). Produções da Psicologia, enquanto ciência e profissão, referente ao papel de combate ao racismo, apontam algumas expectativas de enfrentamento (Alves et. al, 2020; Tavares & Costa, 2020; Fonseca, 2020).

As produções em Psicologia, apesar do costume de negligenciar as discussões sobre raça, apresentam recentes vertentes socialmente comprometidas. Pode empreender ações que favoreça diminuição de ações de discriminação e de empoderamento as pessoas exposta à violência racial. Contribuindo para melhorias das condições de vida, saúde e bem-estar de populações que tiveram suas experiências historicamente invisibilizadas (CPF, 2017; Arrelias, 2020; Alves, 2021).

Entre os caminhos para a superação do racismo se faz necessária a superação do ensino disciplinar. Para compreender os efeitos psíquicos do racismo exige relacioná-los às causas, motivos, condições e dinâmicas que os constroem e sustentam. A sala de aula também não é espaço estéril e neutro, nela se encontram subjetividades marcadas por nosso passado

colonial de exploração e por suas atualizações. Se quisermos superar esse modelo excludente é preciso considerarmos suas tensões e funções sociais de reprodução de valores sociais, que tornam aceitável a noção de que o homem é a medida de todas as coisas, no entanto, essa medida corresponde ao homem europeu moderno (Sathler & Gomes, 2021). Os autores denunciam que na ausência das considerações interseccionais a formação produz uma bolha e formação de profissionais que não percebem a ciência como um produto cultural localizado geograficamente e historicamente. “A ciência torna-se, então, na perspectiva do profissional formado nessa concepção curricular, um tipo de conhecimento isento, alheio a suas práticas, descolado da realidade social na medida em que a refutabilidade desestabilizam e forçam revisões constantes, sistemáticas e rigorosas” (Sathler & Gomes, 2021, p. 102).

Para o desenvolvimento de um pensamento é necessário dialogar com abordagens teóricas de Pensamento Decolonial Latino-americano de temas como Saúde Mental com ênfase nas abordagens etnicorraciais e subjetividades negras precisam ser inseridos em nossas matrizes curriculares. Bem como a articulação com saberes da Antropologia, Sociologia, e Teorias da Aprendizagem, Ética, Direitos Humanos que compõem um rol de saberes indispensáveis para uma formação ampla e firme do profissional da Psicologia (Sathler & Gomes, 2021).

Em um estudo realizado com estudantes de pós-graduação, em São Paulo, Santos e Schucman (2015) levantaram que na formação em Psicologia o debate sobre relações raciais e racismo é relevante para a prática profissional. Uma vez que o tema é desafiante e de difícil tratamento, já que sociedade brasileira ainda pouco se discute sobre isso no âmbito de escolarização e/ou no ensino superior. Destacam também que a formação de psicólogas/psicólogos e pesquisadoras/pesquisadores é um momento privilegiado de construção de saberes e apropriação de pensamento crítico, sendo necessário falar abertamente sobre temáticas sensíveis como esta, afinal na intervenção psicológica aparecem

as questões raciais e racistas. Defendem que o desenvolvimento de ações pedagógicas acerca do letramento racial estimula produção de conhecimento e enfrentamento para ações derivadas do racismo. No mesmo juízo, Gouveia e Zanello (2018), trazem que o desconhecimento ou não compreensão das questões raciais, por parte de psicólogas/psicólogos, faz com que esses profissionais lidem com a população negra baseado em padrões díspares da realidade

Embora tenhamos contemplado um vasto campo de produções acadêmicas sobre questões da negritude e relações étnico-raciais, ainda é insuficiente esses temas associados a saúde mental. E em todos esses espaços, torna-se fundamental a sensibilização para os aspectos psicológicos envolvidos nas relações raciais no Brasil. Partindo desse entendimento, é proposto (CFP, 2017) caminhos possíveis – além de disciplinas específicas que denunciem o racismo, trabalhar as identidades raciais negras de forma legitimada, empoderada e potencializadora; apresentar meios para desconstrução dos preconceitos e das práticas discriminatórias; inserir transversalmente na formação de psicólogas/psicólogos o contexto das relações raciais para que os efeitos psicossociais do racismo sejam compreendidos como fator na constituição dos sujeitos.

Diante de toda essa contextualização a intenção é pensar como a Psicologia pode contribuir para a efetiva igualdade racial. Sendo preciso que as/os profissionais formados e em formação compreendam de forma mais ampla e específica como se dão as relações raciais existentes na sociedade e, principalmente, que há um sofrimento psíquico peculiar, sutil e explícito presente no cotidiano da vida de pessoas negras - seja nas relações institucionais em especial na escola, no trabalho, na família, no esporte, no lazer, nos cultos religiosos, na segregação territorial, na luta de classes (CFP, 2017).

Uma psicologia que valoriza a experiência da existência, precisa reconhecer as questões atribuída à cor da pele e seu significado existencial, sugere Santos (2021). O autor

traz que a construção de uma sociedade plural e de uma psicologia que se proponha a essa construção, requer mudanças profundas, pois o racismo está arraigado na cultura hegemônica que trouxe no humanismo a ideia do homem branco europeu como superior aos outros igualmente humanos - compreensão que justificou genocídio na colonização das Américas e da África. Sendo esse o problema ético central de consistência ontológica, o racismo epistêmico que descarta e evita reconhecer os outros como seres inteiramente humanos. Portanto, é urgente que considere essa diferença ontológica para que seja possível uma psicologia existencial antirracista que avalie o quanto racismo é algo estruturante à modernidade e necessita ser superado, pondo assim a re colocação do problema ontológico<sup>13</sup> do outro. Faz a crítica que chama de primordial ao considerar que “as psicologias europeias respondem a problemas europeus, portanto são histórica e territorialmente situadas e para sua aplicação ou leitura em nossos territórios requerem, para sermos mais rigorosos uma descolonização (p. 262)”. Descolonizar significa, para além da crítica, reivindicar o lugar da experiência e da legitimidade de nossas ontologias. É mais que partir do pensamento pré-concebido sobre o ser humano, apostar que esse ser aberto e indefinido se descobre quando se encontra como semelhante na diversidade do outro.

Entendendo que existem distinções ontológicas sobre a perspectiva de povos-avulsos da colonização e ontologias advindas de matrizes culturais não europeias, Santos (2017) defende que para compreender melhor os processos psicológicos subjacentes à colonização é necessário pontar caminhos adequados ao contexto no qual se insere, sendo assim uma oportunidade de agregar as múltiplas possibilidades de saberes advindo de outros povos, além dos europeus. E afirma que a mera repetição ou reprodução de conceitos europeus, por mais bem traduzidos que estejam, não espelham diretamente o mundo vivido da maior parte da

---

<sup>13</sup>

Reflexão a respeito do sentido abrangente do ser, como aquilo que torna possível as múltiplas existências (Santos, 2021). Se a única forma de ser e essa é a existência branca, é necessário muita cautela com o processo de análise da pessoa negra, pois nem todos estão hábeis para reconhecer a sua pele como parte de si e, assim, reivindicar sua existência.

população latino-americana. Nesse sentido, com outro olhar epistemológico pode desenvolver pesquisas e nortear práxis para produzindo conhecimentos mais amplos no sentido humano, ampliando e revisando o ponto de vista ético e humano.

A Psicologia fenomenológica-existencial, inspirada em filósofos europeus e as correntes chamadas humanistas inspiradas em autores estadunidenses, embora tivessem crescimento significativo no nosso continente, não dialogaram ainda com a experiência latino-americana no que ela tem de excludente e ancestral. Se por um lado nossa cultura tem fortes traços ameríndios e africanos, por outro ela é formada pela opressão através do extermínio e da escravidão dessas mesmas culturas não europeias. O que gera uma complexidade distinta à experiência ocidental ‘pura’ por assim dizer (Santos, 2017).

Não se trata de negar o pensamento europeu diante da nossa dimensão cultural e existencial, mas sim de situar essas referências ao nosso contexto específico e nossa experiência que é distinta não apenas no tempo, mas também no espaço da América-latina. O estudioso usa a referência da obra de Flusser (1998) que demonstra as peculiaridades do mundo da vida popular brasileira, no qual a sedimentação histórica não ocorre da mesma forma que na Europa. Diante dessa reflexão sobre nosso contexto, é interessante revisitar os pressupostos pretensamente sólidos das fenomenologias europeias e avaliar na nossa práxis a sua adequação.

Na mesma linha de crítica, Hernani Santos (2021) ensaia como uma fenomenologia-existencial crítica pode fornecer recursos para a análise do fenômeno do racismo, na formação dos profissionais da Psicologia e para descolonização da atenção de acolhimento. Certamente, esta discussão poderia ampliar o escopo da formulação para o desenvolvimento de estratégias e ponderações para a formação de terapeutas. Aborda sobre a questão da alteridade na postura antirracista dos profissionais ou de quem se faz sensível para as questões raciais.

Uma psicologia “antirracista deve tratar das existências pretas não como um produto de uma sociedade desigual, mas como singularidades distintas dotadas de interioridade, reflexão e modos de subjetivação” (Santos, 2021, p. 263). Por ser um fenômeno presente em distintos contextos em que a atuação psicológica é necessária, estudar o racismo e a relação com a saúde mental da população negra é de fundamental valia para a atuação profissional. Pode fornecer meios de tratamento eficazes para esta demanda, estimular condutas resolutivas, fomentar subsídios para enfrentamento das práticas racistas e viabilizar ações que contribuem para desconstrução de paradigmas.

### **1.5 Sobre o construto Sofrimento Psíquico**

Para falar sobre sofrimento psíquico, penso ser importante apresentar pontualmente as concepções sobre esse constructo. Costa (2003) faz referência, a priori, a um fenômeno específico e complexo inerente ao monismo mente/corpo que descarta as visões dualistas para uma concepção extensiva que considera as causas e complexidades fenomenológicas. O autor nos apresenta um entendimento da dimensão psíquica compostas por aspectos individuais, relacionais e existenciais (Costa, 2014). Passa a ser considerada a pluralidade das várias formas de *ser no mundo* e não se generaliza para um único de modo de existir. Não se refere somente ao campo psicológico, nem se reduz ao indivíduo, nessa concepção o sofrimento psíquico é resultante das relações. Indica que “*psique* é o conjunto de todas as faculdades intelectuais - memória, imaginação, juízo, raciocínio, abstração e concepção” (p. 43) e que o fenômeno psíquico não é redutível à compreensão única ou forma discursiva, também estão expressas a subjetividade e a angústia humana.

A totalidade ao que circunscreve o constructo “psíquico” abrange as vivências do sentido psicológico, dos efeitos suscitados no corpo, das relações e da espiritualidade, do

aspecto relacional consigo, com o outro e para o mundo (Costa, 2003). A dimensão psíquica envolve nossas percepções, pensamentos, sentimentos e o modo como atribuímos valores morais e éticos a questões pragmáticas e cotidianas. Vivenciar o sofrimento é uma experiência que mobiliza profundamente construção perspectivas inerente à existência humana, uma vez que possui nuances, sentidos, contextos, significados, linguagens e estruturações muito próprias para cada ser humano. O sofrimento psíquico seria, portanto, um dos fenômenos humanos polissêmicos por natureza. Não pode ser generalizável, mas se faz complexo, multifacetado, abrangente e de múltiplas dimensões – emocionais, físicas, sociais, existenciais (Costa, 2014).

As ponderações indicam que mente e corpo são unos e constituem uma estrutura ou funcionamento, onde os fenômenos e consciência humana estão sempre correlacionados. Portanto os termos: funcionamento psíquico, funções psíquicas, realidade psíquica, alterações psíquicas e constituição psíquica – e não mental. O sofrimento não tem manifestação única para todas as pessoas, há uma contextualização de significados, cultura, período histórico e percepções próprias. O sofrimento para um, não é necessariamente o mesmo para outro. Mesmo quando submetido às mesmas condições ambientais adversas (Costa, 2014).

Diante desta compreensão, o sofrimento psíquico é também da ordem do afeto, é inerente e essencial a todo ser humano e se constrói expresso nas relações. Indicando uma tensão interna que impele a busca de uma resolução (Costa, 2014). Demanda delimitação em cada particularidade e é simbolizada de forma diferente em cada pessoa, formando uma particularidade a ser entendida, estudada e respeitada. Se distancia de um ideal de normalidade e busca compreensão do *ser no mundo*.

Em saúde mental, as consequências do estabelecimento da diferença entre o que se considera normal e patológico apresentam evasivas frágeis e inconstantes (Costa & Ramos, 2018). Por tais questões, neste posicionamento, o adoecimento não é limitado a causas e

sintomas. Amplia-se a percepção multifacetada por fatores econômicos, político, social, psicológico e cultural (Karwowski, 2015). A doença é vista como desequilíbrio e desarmonia da relação da pessoa com o mundo. Saúde ou doença são pensadas dialeticamente (Frazão, 2012; Holanda, 2016), uma vez que um mesmo comportamento pode ser saudável ou não, a depender de que serviço está. Em uma tentativa de compreender o outro em busca de sentido para sua existência (Fukumitsu et al., 2009).

À vista disso, Gaudenzi (2016) destaca dois modos de entendimento da saúde e doença. O primeiro é sobre a compreensão positivista, pragmática, baseada nas ciências empíricas que considera a saúde e a doença através da bioestatística e do selecionismo. Nessa perspectiva, saúde e doença estão relacionadas à normalidade, sendo um desvio estatístico entre o atípico e o funcionamento normal do organismo, comparando o funcionamento de cada indivíduo com o funcionamento geral da espécie, em larga escala. O segundo modelo, de acordo com o autor, abrange a compreensão subjetivista, que pensa a saúde e a doença por meio de um universo linguístico e genealógico, relacionados à cultura, gramática, epistemologia, antropologia e história. Saúde e doença não são vistas como um desvio na norma, mas como uma construção mutável, com caráter subjetivo e intencional, conhecidas por meio da descrição dos fenômenos.

Da mesma maneira a saúde está nessa dialética relacional em que, a partir da consideração do outro como ser total, há afirmação de sua subjetividade e dimensão humana (Holanda, 1997). Onde cada pessoa possui modo particular de estar-no-mundo e, conseqüentemente, sua maneira própria de sofrer (Ribeiro, 2006; Galli, 2009). Nesse processo de existir, a pessoa pode ter contato com as possibilidades no seu meio, percebendo a si mesma e ao outro (Tenório, 2008). É nessa perspectiva que o método fenomenológico possibilita maior compreensão dos processos psicológico-subjetivos e pode oferecer aportes

teórico-metodológicos que indicam sentidos das vivências, considerando a singularidade, a individualidade e a comunidade científica da psicologia (Espíndula & Goto, 2019).

Sinteticamente, a problematização aqui feita é para pontuar sobre a ruptura do tratamento que visava cura, para a concepção de cuidado constituído enquanto primordial nos serviços de intervenção em saúde psíquica.

## Capítulo 2 – METODOLOGIA

### 2.1 De onde partimos

#### 2.1.1 Método Fenomenológico

A Fenomenologia não propõe a essência pronta das coisas, mas afirma que essa essência deve ser encontrada através da experiência vivida, aqui-agora (Ribeiro, 2011). A análise fenomenológica é uma proposta que implica respeito total pelo modo de ser do outro. Está sempre pronta para se redefinir, partindo da convicção teórica de que tudo está em movimento, em processo de mudança, que não existem teorias prontas, e por isso, ela mesma não está ligada a nenhuma teoria acabada (Galvão, 2013).

Nobre de Melo (1981), apresenta sobre a epistemologia da Fenomenologia e das (in)definições do método fenomenológico. Sobre as origens da Fenomenologia pontua que o termo foi empregado primeiramente por Lambert no século XVIII em meados de 1764, com a “*descrição da aparência*”. Posteriormente por Kant e de modo diverso, por Hegel em meados de 1807, com “*fenomenologia do espírito*”. Onde já se indica a consciência como um “*devenir humano*.” E no século XIX, Husserl a apresentou a conceituação da fenomenologia como novo modo de conceber e abordar os problemas filosóficos e científicos, o que ensejou ampla difusão do termo. “A conceituação, sob esse termo, de um novo modo de conceber e de abordar os problemas filosóficos e científicos, de largas e profundas ressonâncias” (Melo, 1981, p. 160). Sendo a Fenomenologia, então, a compreensão dos fenômenos, estuda e analisa o fenômeno pela descrição da experiência.

A oposição ao chamado “psicologismo”, buscando um nexos entre a “subjetividade do conhecer e a objetividade do conhecimento” (Melo, 1981, p. 161). Sob as influências e preceitos dos intelectuais, surge a Psicologia Fenomenológica – “baseada na apreensão intuitiva dos fenômenos psíquicos[...]como se dão na consciência e como são experimentados. Surge a noção do “*ser no mundo; o vir a ser, espacialidade, acepção subjetiva e*

*intersubjetiva; intencionalidade; discursividade; encontrar-se no aqui-e-agora*”. Noto que assim surgem os princípios de uma análise fenomenológica – *epoché, descrição eidética e contemplação* – que posteriormente passa por um processo de “sofisticação”, ao meu entendimento, estabelecendo para o modo que se realiza hodierno – descrição, redução e interpretação.

O método fenomenológico tem uma inspiração da Fenomenologia de Husserl, na filosofia existencial de Heidegger, no existencialismo de Nietzsche, na vivência compreensiva de Dilthey, na Psicologia da Gestalt de Bretano e Koffka, na dialógica de Buber. (Dartigues, 2002; Fonseca, 2006; Tenório, 2008; Giorgi & Sousa, 2010; Holanda, 2016). Nasceu com a pretensão de tornar a reflexão filosófica bem estabelecida e com evidência científica, sendo um método rigoroso e passível de substituir o positivismo da visão tradicional. Tendo surgido despreziosamente do método descritivo-compreensivo de Jaspers. (Costa e Ramos, 2018). Um método que procura alcançar contexto sistemático para investigação do conhecimento (Bello, 2006; Giorgi & Sousa, 2010).

Entende o conceito de pessoa como ser pluridimensional, livre, inserido em um mundo dotado de sentido particular, aberto às suas possibilidades, consciente de sua finitude e de sua responsabilidade perante suas escolhas, capaz de inventar e cuidar de sua própria existência (Holanda, 1998; Tenório, 2008). Tem por característica de lidar com os fenômenos, essencialmente como se manifesta e pode estabelecer um modo de compreensão, além daquilo que já está previamente explicado (Daker, 2012). Estuda aquilo que prevalece a consciência e é dado a explorar. Parte de uma atitude metodológica fundamental para a compreensão e explicação. Busca compreender o significado do mundo particular de cada pessoa, por meio da descrição das vivências (Giorgi & Sousa, 2010), onde qualquer fenômeno é possível de ser investigado.

Destaco outra característica importante que é a noção de intencionalidade da consciência, estabelecendo relações de sentido. Onde essa intencionalidade tem a característica de lidar com os fenômenos, com algo que se manifesta na consciência do sujeito. Segundo Costa e Ramos (2018), toma o homem em sua totalidade, em sua subjetividade essencial expressada a partir da consciência intencional.

Melo (1981) esboça que é considerada a pluralidade das várias formas de *ser no mundo*. O autor apresenta crítica em relação ao determinismo psíquico – vai de encontro a meu posicionamento de não compreender os processos psicológicos sob uma verdade absoluta. E tão pouco à generalização de causalidade sobre os fenômenos vivenciais. Ressalta preocupação com a “compreensão dos modos de existir, em suas múltiplas dimensões constitutivas. Assim pois, a temporalidade, espacialidade, o projeto, o humor, a angústia, a coexistência, o encontro, a liberdade, a comunicação... são temas considerados para uma análise” (p. 168). Na modalidade de compreensão “esses acontecimentos se imiscuem e se entrelaçam, uns aos outros, não arbitrariamente, mas dispostos em um curso temporal simples e contínuo - as vivências são assim experiência interna vivida” (p. 179).

Este método analisa o conteúdo do discurso focando na descrição da experiência (Mader et al., 2019). O mais importante é encontrar o sentido subjetivo do fenômeno descrito. Não importa a repetição e nem categorização (Dartigues, 2002). Se analisa o que está sendo dito, encontra-se sentido no que é apresentado. “Não se pode separar o fenômeno do ser. É o ser do fenômeno que interessa à Fenomenologia” (Galvão, 2013). Não é quantificável é subjetivo. Fornece veracidade daquilo que é apresentado e possibilitando generalização conceitual. Não se vai ao campo confirmar evidências, a intenção é encontrar informações para construir dados. Por tais motivos, não se usa hipóteses nas pesquisas com método fenomenológico, uma vez que finalidade é compreender o fenômeno e não necessariamente explicar suas causas.

A aplicação do método fenomenológico exige a vontade de ater-se aos fenômenos mesmo. Deixa de lado os pressupostos e ideias preconcebidas. Essa abordagem de pesquisa permite proximidade do/a pesquisador/a com o tema e com seus achados (Tenório, 2008). Para tal feito, a entrevista não estruturada ou entrevista semiestruturada é um instrumento amplamente utilizado (Gil, 2019; Castro & Gomes, 2011). A entrevista fenomenológica não é mero instrumento de recolha de dados. É um espaço interrelacional, dialético e de troca entre sujeitos. Reflete uma concepção diferente de produção de conhecimento e construção de significados sobre a ação humana (Giorgi & Sousa, 2010).

Por fim, a linguagem não é neutra na perspectiva fenomenológica. O “eu” precisa existir. Não se pode falar de neutralidade, pois além de não ter uma visão única e imutável, a terapeuta/pesquisadora é um ser também atravessado pelo fenômeno ao qual estuda. “Observador e observado influenciam-se, simultaneamente, na medida de sua maior ou menor capacidade de participação no mundo do outro” (Melo, 1981, p. 229).

A tentativa de apontar um olhar para aquilo que a Fenomenologia ainda não se deu a explorar, a vivência de pessoas que foram sucumbidas em sua existência enquanto se constituía um processo de humanização do *ser no mundo*. A finalidade não é dar voz a angústias que foram negligenciadas no reconhecimento do processo humanizador, nem tão pouco recordar sobre os processos de reparação histórica. O que ousou propor, é dar significado para a existência e a complexidade do sentir para pessoas que descendem de outras que foram exploradas e aniquiladas em sua existência, ao mesmo tempo em que pensadores eram estimulados a formular concepções e discursar filosoficamente sobre si e sobre nós.

Parafrazeando Feijoo e Mattar (2014) agora que munida de um processo rigoroso de investigação, demonstro e tento explicitar experiências de *ser no mundo* diante da própria experiência por si mesma. Olhar voltado as peculiaridades vivências de pessoas que sentem e

na pele a experiência de existir diante de um mundo que ainda se mostra hostil para sua plena e livre trajetória. Pois “o mundo vivido, portanto, propicia ao pesquisador ir além do conteúdo meramente intelectual e alcançar o conteúdo afetivo-emocional, que é específico para uma determinada pessoa ou grupo” (Alves & Holanda, 2010, p. 261).

Necessário também problematizar o quanto a ótica da fenomenologia-existencial pode se articular com questões cotidianas, como a questão étnico-racial. Que é justamente a temática da minha pesquisa: discriminação racial, sofrimento psíquico, saúde mental da população negra. Uma ação desafiadora, uma temática ainda não explorada sob a ótica da fenomenologia. E necessária para demarcação de novos espaços que sabem apenas do campo filosófico e teórico e ganham vivacidade.

O método fenomenológico é um movimento entre reflexões com a finalidade de conhecer e compreender um fenômeno circunscrito a um contexto, ressalta Gomes (2007). O autor diz que os procedimentos para Husserl movimentam-se em três etapas: a *epoché fenomenológica*, que é o retorno para experiência imediata; a *redução eidética*, que transforma a descrição em especificações proposicionais; *análise transcendental*, que se constitui na descoberta da intencionalidade. Essa tríade metodológica é redefinida por Merleau-Ponty, com os princípios de: descrição (primeira reflexão), redução (segunda reflexão) e interpretação (terceira reflexão). A partir da observação do fenômeno é possível relacionar os significados do mundo existencial, geralmente dinamizadas em relatos. As etapas seguintes seguem a transcrição, leitura e ordenação dos depoimentos.

Optei por este método de pesquisa, ou melhor... me encontrei diante dessa vertente metodológica ainda na graduação, em meados do sexto semestre quando tomei conhecimento das Teorias Humanistas e julguei ser quão fiel aos meus preceitos e tentativas de compreender o mundo. Apesar de não entender a complexidade epistemológica, eu sentia a dimensão ontológica. Por não ser presa ao determinismo e também não tentar imposições sobre outros,

entendi que se permitir a conhecer uma realidade tão qual se apresentava, era o que eu buscava. Mesmo não entendendo toda a complexidade epistemológica (e ainda sem pretensão de dominar o entendimento), senti que seria essa a ferramenta para escrever, pesquisar, descobrir e apresentar ao mundo – a este mundo acadêmico que se diz cientificista e prepotente de um suposto saber. Parto assim, para a tentativa de problematizar um fenômeno complexo e buscar algum sentido para a nossa construção enquanto *ser no mundo*, para-o-mundo e em relação com o mundo.

### **2.1.2 Levantamento Bibliográfico**

O levantamento bibliográfico aconteceu entre 25 de março a 10 de maio de 2021. Com buscas, exaustivas, através dos portais acadêmicos: Scielo, LILACS, BDTD e Portal CAPES; também dos portais específicos de publicação com enfoque da Fenomenologia: LabFeno e Revista Nufem. A escolha de tais bases de dados se justifica por terem artigos indexados, completos e por abarcarem estudos e pesquisas produzidas no Brasil.

Foram selecionados a partir de grupos de palavras com os descritores: *saúde mental população negra fenomenologia; fenomenologia racismo; fenomenologia relações raciais; fenomenologia saúde mental; saúde mental população negra; fenomenologia saúde mental raça.*

Os critérios de inclusão foram: estudos nacionais com temas sobre saúde mental da população negra/saúde mental e relações raciais; Já os critérios de exclusão foram: estudos sobre saúde mental, que não mencionava a questão racial; artigos sobre a população negra que não abordavam a perspectiva das próprias pessoas.

Na tentativa de encontrar maior quantitativo de estudos, os descritores foram utilizados na mesma ordem, em todos os portais acadêmicos acima mencionados.

Com os primeiros descritores: *saúde mental população negra fenomenologia* - nenhum artigo foi encontrado nos portais: Scielo, LILACS, BDTB e No portal CAPES foram localizados dezessete(17) estudos; refinados para língua portuguesa foram encontrados seis(6) estudos; refinados para o assunto fenomenologia nenhum artigo fora identificado.

Com o segundo grupo de palavras: *fenomenologia racismo* – resultou o total de um(1) artigo no portal Scielo, sobre HIV/SIDA saúde coletiva de base fenomenológica, mas sem mencionar saúde mental. Nos portais LILACS, BDTB e CAPES foi identificado o mesmo estudo. Uma (1) dissertação da enfermagem, de base fenomenológica, sobre a gestação na rua. Contudo não mencionava a saúde mental.

No terceiro grupo de palavras: *fenomenologia relações raciais* – foi identificado no portal Scielo: um (1) artigo da Nutrição e Psicologia que mencionava o transtorno alimentar e relações raciais, porém voltado para a percepção corporal e sem fazer alusão à saúde mental. No portal LILACS foi identificado um(1) resumo sobre gênero e relações raciais, porém não localizado o texto na íntegra; fora desconsiderado. No portal BDTB foi localizado uma(1) dissertação da História sobre ensino, raça e cultura; contudo não citava saúde mental. No portal CAPES, quarenta e quatro(44) estudos; refinados para o país *Brasil e saúde mental*, resultou na repetição de dois (2) estudos já desclassificados anteriormente.

No quarto grupo de palavras: *fenomenologia saúde mental* – nenhum estudo relacionado ao tema foi localizado nos portal CAPES. Nos portais: Scielo, LILACS e BDTB foram localizados sessenta(60), duzentos e quarenta (240) e cento e sessenta e oito(168) estudos, respectivamente. Redefinidos para *raça população negra e Brasil* ambos indicaram total de zero(0).

No quinto grupo de palavras: *saúde mental população negra* – o portal LILACS não identificou nenhum estudo. O portal CAPES, indicou trinta e nove (39) estudos, redefinido para Brasil e fenomenologia, nenhum estudo foi localizado. No portal BDTB vinte e seis (26)

foram indicados; redefinidos para *fenomenologia* nenhum estudo foi encontrado; redefinido para *Brasil*, resultou em duas (2) dissertações de mestrado, que apesar de não serem de base fenomenológica, foram selecionadas por abordarem percepções subjetivas. O portal Scielo indicou sessenta(60) estudos. Redefinidos para *Brasil e saúde mental*, resultou em oito (8) artigos que destacavam saúde mental e racismo; porém um (1) se referia a revisão sistemática de produções bibliográficas, sem mencionar percepções subjetivas; E um(1) outro aspectos teóricos sobre as questões raciais na saúde mental na atual conjuntura política. Por ter relevância para o tema deste projeto de pesquisa, fora utilizada na parte introdutória. Resultando assim em seis (6) artigos que abordam a saúde mental da população negra e mencionam a perspectiva subjetiva de participantes envolvidos nos estudos.

No sexto grupo de palavras: *fenomenologia saúde mental raça* – os portais: Scielo, LILACS e BDTB não identificaram nenhum artigo, tese ou dissertação. O portal CAPES levantou quarenta(40) estudos; redefinidos para *Brasil* foram localizados vinte um(21) estudos; redefinidas para *raça* nenhum estudo foi identificado.

A revista Nunfem usa três categorias para localização de assuntos, temas, palavras-chaves. Foram inseridos os descritores: *fenomenologia; saúde mental; população negra*. Em nenhum deles fora localizado algum artigo. Refinando em *fenomenologia e racismo; fenomenologia relações raciais; população negra*, nenhum estudo fora encontrado.

Tal qual o portal LabFeno que separa os assuntos por tópicos e em categorias de estudos. Não fora localizado nenhum ensaio, trabalho de conclusão de curso, artigo, dissertação, tese ou anais e congressos acerca das relações raciais, população negra.

Importante ressaltar que as publicações foram selecionadas em língua portuguesa. Considerar também a recorrência e repetição dos mesmos artigos, com os diferentes descritores utilizados. De modo geral, os temas mais evidenciados foram *saúde mental e relações raciais*. Foi possível notar que, nos diferentes temas pesquisados, as categorias mais

apontadas fazem menção a: reflexões teóricas; perfil sociodemográfico populacional; população em situação de rua; transtorno alimentar; uso de substâncias; doença falciforme e prevenção de HIV/AIDS.

Foi mencionado em alguns estudos: a luta antirracista; apontamentos sobre racismo; práticas de saúde com a população negra; intervenções em comunidades quilombolas; enfrentamento de racismo institucional nos serviços de saúde, porém direcionados ao campo teórico e saberes da Saúde Coletiva, Antropologia, Enfermagem, Sociologia, do Serviço Social e da História. O combate ao racismo, de modo geral, resulta em grandes benefícios para a saúde mental da população negra. No entanto, esse estudo objetiva apontar produções científicas acerca de estudos da Psicologia produzidos com olhar fenomenológico sobre a saúde mental da população negra.

O levantamento teórico, sobre a temática das relações raciais, apresenta número considerável. Entretanto insuficiente se comparadas a outras temáticas de estudos. E aponta também a ausência de estudos relacionados à saúde mental da população negra, sob referencial fenomenológico.

Conforme evidenciado acima, dentre artigos, dissertações e teses, o levantamento resultou no total de seis(6) estudos, sendo quatro(4) artigos, duas(2) dissertações de mestrado. Esboçados no decorrer deste projeto, foram analisados e organizados resumidamente. Conforme a tabela abaixo:

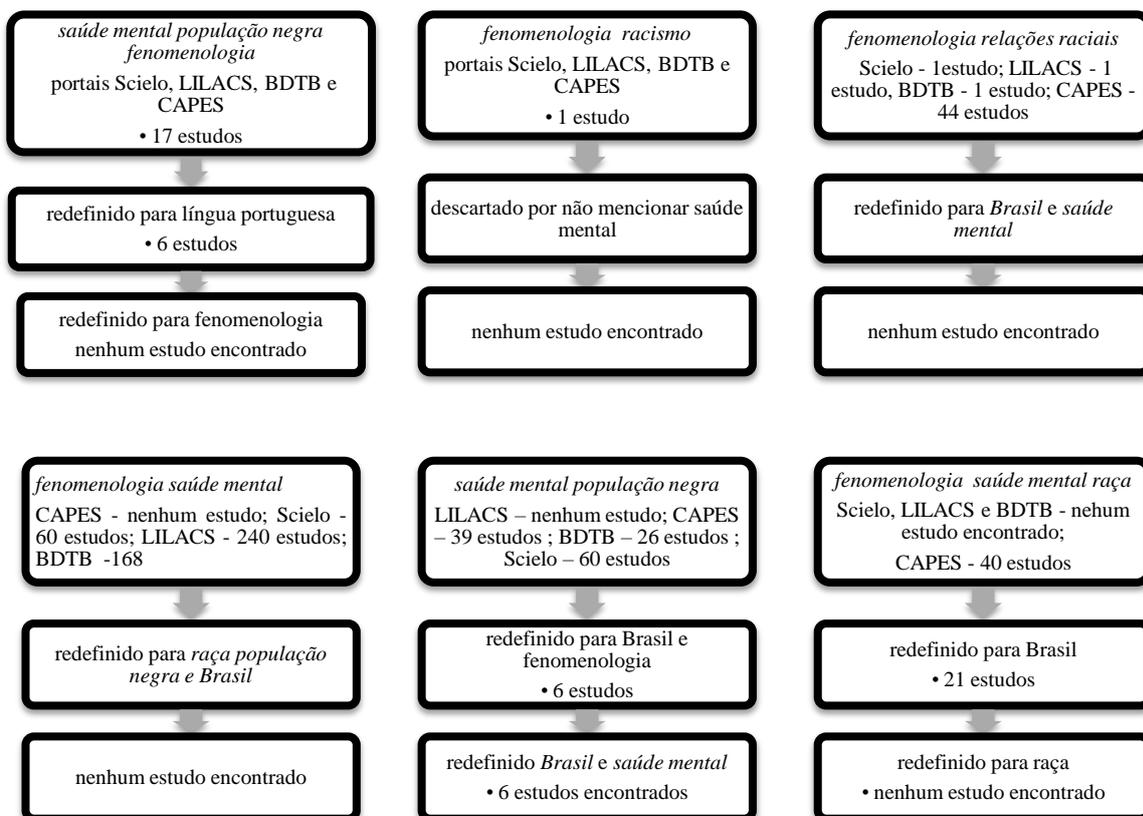
<b>Ano</b>	<b>Título</b>	<b>Referencial Teórico</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método Utilizado</b>	<b>Principais Resultados</b>
2017	Psicologia, racismo e saúde mental: formas de intervenção no trabalho do psicólogo.	Psicanálise	Apresentar as formas de intervenção na atuação do psicólogo em situações de racismo e sexismo, no ensino superior.	Análise de estudo de caso sobre relatos de vivências de racismo na instituição educacional.	Intervenções psicológicas na comunidade acadêmica para expansão do olhar crítico sobre a atuação das instituições educacionais e do racismo institucional; Desenvolvimento de ações preventivas.

2017	Muito além de cor de pele: Psicologia, Saúde Mental e Relações Étnico-raciais em Serviços Públicos de Saúde do município de Suzano, SP.	Psicologia Social	Investigar como profissionais de saúde mental, no município de Suzano-SP, lidam com o tema das relações étnico-raciais em seu cotidiano de trabalho.	Estudo qualitativo descritivo e exploratório; Análise de conteúdo com movimento de reflexibilidade intersubjetiva.	Constatação da ausência de abordagens às relações raciais na graduação; Evidências de preconceito racial contra profissionais de saúde negros; Intervenções no âmbito institucional nos serviços de saúde mental, para diminuir as práticas de racismo.
2018	Saúde Mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infanto-juvenil.	Psicologia Social	Analisar a perspectiva dos profissionais de saúde do CAPSij, sobre possíveis sofrimento psíquico relacionados à violência do racismo e suas consequências.	Análise institucional; Estudo empírico CAPSij – racismo e iniquidades em saúde mental.	Constatação dos efeitos psicossociais do racismo enquanto temática pouco estudada; Incentivos para reflexão da conduta profissional para a redução de racismo no serviço de saúde mental; Incentivos para desnaturalização da discriminação racial nos territórios enquanto ação de promoção da saúde.
2019	Psicoterapia, Raça e Racismo no contexto brasileiro: Experiências e percepções de mulheres negras.	Psicanálise	Coletar narrativas de pessoas negras atendidas por psicoterapeutas brancos/as, sobre vivências de racismo no cotidiano e sobre a escuta na terapia em idade birracial.	Pesquisa qualitativa, com análise de conteúdo, a partir de entrevistas livres e semi-estruturadas.	Inexistência do viés racial nas psicoterapias relatadas pelas mulheres negras entrevistadas. Descontentamento com a ausência de questões raciais e suas experiências de racismo, como fonte de sofrimento mental nos serviços psicoterapêuticos recebidos.
2019	O grupo de trabalho Racismo e Saúde Mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão.	Psicanálise	Compreender as problemáticas referentes ao racismo e saúde mental e analisar os enunciados acerca do tema racismo e saúde mental, sob	Revisão bibliográfica; revisão documental; entrevistas semi-estruturadas.	Percepção dos desafios de inclusão e enfrentamento ao racismo no contexto da Reforma Psiquiátrica; Assimetrias raciais presentes no campo da saúde mental; Falta de sensibilidade étnico-racial na Rede de Atenção Psicossocial e a

			enfoque da população negra.		necessidade de acolhimento do sofrimento psíquico atravessado pelo racismo.
2019	Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”	Terapia Cognitivo Comportamental	Relatar a experiência no processo de análise e indicar possibilidades no atendimento clínico à população negra brasileira.	Técnicas da Psicoterapia Analítico Funcional e Terapia de Aceitação e Compromisso	Identificação do racismo como gerador de sofrimento psíquico; Estabelecimento de vínculo para aumento do repertório de habilidades sociais; elevação da autoestima e autocuidado; minimização de autoagressão.

**Tabela 01 - Levantamento Bibliográfico sobre a produção acadêmica com a temática saúde mental e população negra, no enfoque fenomenológico.**

**Fluxograma 01 - Fluxograma do Levantamento Bibliográfico**



Considerando o levantamento bibliográfico, na Psicologia grande parte dos estudos que abordam sobre relações raciais tem por referencial teórico a Psicossociologia e a Psicanálise (Bento, 2002; Ferreira & Camargo, 2011; Santana, 2017; Gouveia & Zanello, 2018; Camargo, 2018; Veiga, 2019; Prestes, 2020; Rocha, 2021). Encontra-se uma recente manifestação de estudos da Gestalt-Terapia, que tem como teoria de base princípios fenomenológico-existencial (Oliveira, 2008; Nascimento et al., 2019; Pimentel & Castro, 2019; Arrelias, 2020; Fonseca, 2020). A baixa quantidade de discussões e produções científicas que envolvem raça e racismo está diretamente relacionada com as formas como a sociedade brasileira se estrutura racialmente (Arrelias, 2020).

Diante do exposto acima, é notório a lacuna na produção da Psicologia brasileira referente a estudos sobre sofrimento psíquico e racismo. Leva a crer que se trata de um campo ainda em construção e que demanda incentivos para ascensão. A produção acadêmica acerca da saúde mental da população negra, sob enfoque fenomenológico é escassa. Essa constatação certifica o limite acadêmico sobre esse fenômeno e contribui para o desejo de aprofundar a temática. Considerando que nesta perspectiva metodológica será possível aprofundar e compreender os significados dessas vivências.

## **2.2 - O caminhar (Procedimentos Metodológicos)**

A presente pesquisa é de cunho qualitativo exploratório, por ter nesta abordagem a finalidade de desenvolver formulações acerca de temas pouco explorados, incentivando investigações mais amplas (Gil, 2019). Entendo que este modo de produzir conhecimento é adequado à proposta de investigação por tratar aquilo que é vivido e descrito enquanto experiência consciente subjetiva. Não se opõe em conciliar métodos, mas tem o enfoque diferencial que privilegia interrogar o mundo ao seu redor, por meio das perspectivas de quem investiga e de quem é investigado (Moreira, 2004; Castro & Gomes, 2011).

A pesquisa qualitativa pressupõe validade social no diz respeito à sua aplicabilidade e impacto no cotidiano das pessoas. Sobre a confiabilidade, apesar do processo de pesquisa ser mutável e dinâmico é também bastante delimitado e complexo. Vai além da mera descrição de um fenômeno, segue rigor metodológico e linguístico. Passa por sistemáticas etapas de relevância social e científica. É um modo de construir conhecimento e articular este com a realidade (Patias & Hohendorff, 2019).

Além de ser uma pesquisa qualitativa, é também realizado sob perspectiva fenomenológica. Mader et al. (2019) observam que a metodologia de pesquisa qualitativa e fenomenológica foi pouco aplicada no campo da saúde mental. Nas pesquisas realizadas sob uma análise fenomenológica o caminho que se pretende seguir é, basicamente, a descrição da experiência. O que interessa é o mundo vivido. A fim de concentrar no que tal realidade significa para a pessoa (Moreira, 2004). Partindo do cotidiano e do modo próprio de viver. Sendo assim “o enfoque fenomenológico procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objeto que está sendo estudado” (Gil, 2019, p. 15).

A análise fenomenológica é uma ação que permite compreender a significação de tal vivência para a pessoa e conhecer os modos subjetivos de ser. É recurso que possibilita chegar ao fenômeno como tal, ou à sua essência. A compreensão fenomenológica refere-se à condição humana de constituir e oferecer sentido (Forghieri, 1997). E sentido é uma escolha que surge da decodificação da experiência – relação entre percepção e expressão. Giorgi & Sousa (2010) esboçam que o tema central da pesquisa qualitativa, com pessoas, é a experiência cotidiana do mundo vivido e a descrição detalhada dos aspectos centrais da experiência dos sujeitos.

É rigorosa, controlada, fundamentada, crítica e radical – pretende ir à raiz do problema. Objetiva produzir conhecimento de algo. É um processo que promove transformação que inclui também o investigador. Permite refletir, aprender e ressignificar-se

no processo de pesquisa. É uma abordagem que tem a finalidade de revelar os diversos olhares possíveis sobre como um fenômeno se comporta (Forghieri,1997; Gil, 2019).

É um modo original de rever práticas científicas. Aparece nos estudos com enfoque fenomenológico, enquanto método teórico para análise de dados e também como inspiração técnica estrita para condução das pesquisas. Apresenta contribuições para o pensar das relações entre pessoas, grupo e mundo (Castro & Gomes,2011). Elucida o inesperado, a surpresa e nova interpretação de realidade. “Permitindo a replicação e novas descobertas” (p.160). É uma análise baseada no método fenomenológico significa atentar-se apenas à realidade que se apresenta e trabalhar a partir dela (Ribeiro,2011).

Neste modo que me baseio e assim fora (é) realizada a análise dessa pesquisa. Considerando ser um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e paradigmas, propor reflexões sobre sofrimento psíquico da população negra, em um país onde racismo é estruturante das relações sociais, é importante para a compreensão do fenômeno e produção de conhecimento. Um processo coerente com a proposta de estudo apresentada, uma vez que o método fenomenológico é um movimento entre reflexões com a finalidade de conhecer, definir e significar um fenômeno circunscrito a um contexto (Mader et al., 2019).

### **2.2.1 Participantes – Sujeitos Colaboradores**

Participaram dessa pesquisa três (3) pessoas, dois (2) homens e uma (1) mulher, que se autodeclararam pessoas negras e vivenciaram e/ou vivenciam experiências de racismo. São aqui denominados de sujeitos colaboradores, que foram contatadas por meio de rede social de conhecidos, não tendo nenhuma vinculação com a pesquisadora. Dispõem de estado hígido físico e psíquico. Não têm nenhuma vinculação institucional – CAPS, Clínicas e Centros de Saúde, não estão em processo psicoterápico e/ou acompanhamento psicoterapêutico.

Sujeito colaborador 1 (SC1) – Procedente do PE, 45 anos, casado, ensino superior completo. Se autodeclara negro, de cor parda. Se descreveu com experiências pessoais e bagagem intelectual para se denominar “pessoa negra com letramento racial”.

Sujeito colaborador 2 (SC2) – Procedente do DF, 26 anos, solteira, ensino superior incompleto. Se autodeclara negra, de cor preta. Se descreveu enquanto militante e com letramento racial.

Sujeito colaborador 3 (SC3) – Procedente do DF, 27 anos, solteiro, ensino superior completo. Se autodeclara negro, de cor preta. Se descreveu enquanto pessoa negra com letramento racial.

Considerando que a temática é um tanto delicada, a identidade das pessoas que participaram foi resguardada, cumprindo-se o rigor ético e sigiloso.

### **2.2.2 Instrumentos**

Foi utilizada entrevista semiestruturada, partindo da seguinte pergunta disparadora: “Descreva a experiência de ser pessoa negra no Brasil” (ANEXO 4 - Roteiro de Entrevista). Uma vez que essa pergunta permitiu início do diálogo e possibilitou liberdade para outras formulações no transcorrer da conversa. Por meio deste instrumento foi possível o acesso à experiências vivenciadas, de modo único, pelas pessoas entrevistadas. As questões subsequentes seguiram o fluxo do diálogo, com intervenções que direcionavam às descrições apresentadas.

Quem entrevistou foi a autora da pesquisa, que tem formação em Psicologia é mulher negra e psicoterapeuta. Ao final de cada entrevista fora realizado a mesma indagação, considerando que as descrições apresentadas seguiam um fluxo da própria experiência da/dos participantes e observado que diante de diferentes descrições, houve “sensibilidade interpessoal” (Giorgi & Sousa, 2010). A indagação fora “E por fim eu queria perguntar se eu

não fosse uma mulher negra, você se sentiria confortável para conversar sobre esses assuntos que nós conversamos?”

O uso de entrevista fenomenológica não é apenas a aplicação de instrumentos de recolhimento de dados, pois reflete uma concepção diferente de produção de conhecimento e construção de significados sobre a vivência humana. É um procedimento metodológico inter-relacional e dialético (Giorgi & Sousa, 2010).

### **2.2.3 Prospecção de dados**

Inicialmente, houve a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. Após a aprovação – parecer 4981741 – as pessoas foram contatadas, via e-mail e/ou WhatsApp, na ocasião fora apresentada a proposta de pesquisa e o convite a participar.

Considerando a conjuntura pandêmica (Pandemia COVID-19), as entrevistas ocorreram de modo online, com duração média de 1 hora e 40 minutos, entre os dias 29 de abril de 2022 a 10 de maio de 2022. Os encontros por meio da plataforma Teams, mediante ciência e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Autorização para uso de som e imagem. (respectivamente, ANEXO 1 e ANEXO 2).

As entrevistas foram gravadas em vídeo e transcritas na íntegra, pela pesquisadora. O conteúdo verbal fora transcrito em sua totalidade e foram consideradas, no tratamento dos dados, também as falas não verbais, tais como o silêncio, tom de voz e risos - considerando que a análise de dados fenomenológicos não é limitado apenas a descrições retrospectivas (Giorgi & Sousa, 2010).

Quanto aos critérios de inclusão e exclusão dos participantes, seriam excluídos casos que não fornecessem informações completas ou que não tivessem relação com a temática pesquisada. O que não aconteceu durante os encontros online.

#### 2.2.4 Análise dos dados

Os dados foram analisados a partir de análise fenomenológica. Método que permitiu a descrição do fenômeno e compreensão das experiências vividas, a partir da atitude exploratória e compreensiva da fenomenologia. Que é caracterizada pela técnica da redução fenomenológica e pela explicitação da suspensão de juízos (Castro & Gomes, 2011; Gil, 2015). Não é entendida como apenas um diálogo, é um encontro entre o sujeito colaborador (a pessoa entrevistada) e a pesquisadora, que busca compreender o fenômeno ao qual estuda.

Para tratamento dos dados aqui, considerando a dimensão do fenômeno investigado, a opção tomada foi basear no método fenomenológico de investigação em Psicologia descrita por Giorgi e Sousa (2010), enquanto redução fenomenológica-psicológica. Os autores seguem princípios basilares da *redução fenomenológica-psicológica husserliana* – considerando a *epoché*; a *análise eidética de variação livre imaginativa* – para a procura da essência do fenômeno. Pontuam que priorizar essencialmente o significado da experiência possibilita a descrição em síntese dos significados psicológicos essenciais. E que cada descrição de estrutura engloba vários constituintes-chave que se tornam igualmente importantes para explicitar as relações que englobam a estrutura final, onde é possível explicitar novas perspectivas sobre o dado fenômeno e “promover conhecimento de novas dimensões da experiência” (Giorgi & Sousa, 2010, p. 78). Os autores indicam que o método está dividido em quatro passos: estabelecimento de Sentido Geral (descrição); Divisão das Unidades de Significado (redução); Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico (interpretação); Determinação de Estrutura Geral de Significados Psicológicos (síntese descritiva do fenômeno).

Redefinidas em quatro etapas, a primeira ocorre com cautelosas leituras da transcrição completa das entrevistas. Onde o principal objetivo é obter um sentido da experiência na sua globalidade, interessando “captar o sentido geral da transcrição” (Giorgi & Sousa, 2010, p.

86). Na segunda etapa, determina-se as partes e as divide em unidades de significado. Consiste em análise mais densa do relato de experiência, onde é identificada mudança de sentido nas narrativas apresentadas e as descrições existem em si mesmas. Aqui quem investiga o fenômeno entra em redução fenomenológica para focar na identificação de significados por estas produzidos. “Trata-se de um procedimento descritivo, que considera que significados importantes para o tema de estudo estão concentrados naquela unidade carecendo de maior aprofundamento nos passos subsequentes” (p. 86); Na terceira etapa, a determinação das unidades em expressões de caráter psicológico há “progressivo aprofundamento das descrições dadas originalmente” (p. 88) e é crucial para a transição de sentido. Uma vez que se concentra na distinção da linguagem cotidiana da atitude natural dos sujeitos e quem investiga o fenômeno “descreve as intenções psicológicas que estão contidas em cada unidade de significado” (p. 89) e explicita sentidos implícitos nas descrições. Há distinção entre esta subjetividade e o fenômeno que se percebe, sendo o *ser no mundo* diferenciado do outro e da coisa percebida quando se modifica a narrativa original e passa a elucidar e ressignificar a estrutura essencial dos significados psicológicos, com retirada de aspectos contingentes e atribuição de significados específicos contextualizados ao fenômeno que se revela a si mesmo. Na quarta etapa, a de determinação de significado psicológico geral, as descrições originais, transformadas em linguagem psicológica articulada ao tema de estudo, são sintetizadas em estrutura geral e se identifica o fenômeno. “Se verifica a inter-relação entre as partes e o todo” (p. 86). Passa a ocorrer encontro de intencionalidade do objeto apresentado com a intencionalidade de quem apropria do objeto. As unidades em expressões de caráter psicológico são refinadas com aprofundamento, a cada passo e se desenha articulação metodológica que resulta na elaboração de uma estrutura geral. Um processo articulado e holístico que considera com igual valor toda a descrição, mas expressa o sentido essencial resultante das relações do todo com as partes (Giorgi & Sousa, 2010). “O

resultado final de uma análise fenomenológica científica não se resume apenas à estrutura final, mas ao modo como esta se relaciona com as diferentes manifestações de uma identidade essencial” (p. 90). Em suma:

Numa investigação fenomenológica não é imperativo ter apenas uma estrutura. Será esse o objetivo se os dados assim o indicarem, de modo a alcançar uma simplicidade desejada. Por outro lado, a estrutura reflete as partes essenciais do protocolo e as relações entre elas. Tão ou mais importante que as partes, os constituintes essenciais, é a *interdependência* existente entre estes. Mais ainda, as partes não são fins em si mesmas[...]representam uma medida para uma tendência central. Expressam como os dados do objeto de investigação convergem (Giorgi & Sousa, 2010, p.77).

Na abordagem adotada para realização desta pesquisa, não trabalhamos com hipóteses. Entendendo que quem investiga não vai a campo confirmar e/ou testar hipóteses, vai procurar compreensão sobre dado fenômeno. Diante disso, considerando minhas motivações pessoais para a realização da pesquisa bem como conhecimento prévio sobre o tema, não formulei e tive o cuidado de observar o fenômeno tal qual se apresentava. Sendo esse cuidado, a disponibilidade de compreender o que o outro compartilha. Enxergando-o em sua alteridade que, segundo Fukumitsu et al. (2009), é mais que ver o outro, significa criar condições fundamentais para que a existência de alguém adquira significado para os envolvidos. Resende e Costa (2018) caracterizam que o cuidado, a partir fundamentalmente de Heidegger, significa uma atitude de compreensão do *ser no mundo* de sujeitos que cuidam e precisam de cuidado. Um fenômeno anterior a qualquer escolha que caracteriza a convivência com o outro e nos constitui enquanto pessoas.

A suspensão de pré-conceitos denominada de situação interpessoal (Giorgi & Sousa, 2010), onde após a obtenção descrição dos participantes, a postura de redução

fenomenológica, por parte de quem investiga o fenômeno, implica na suspensão da atitude natural e recolhimento de conhecimento *a priori* – onde objetos e situação estão correlacionados, para em vez de apresentar categorias prévias ou esquemas interpretativos, tenha condições de estar aberto a informações e fenômenos novos e/ou inesperados.

Em primeiro momento fora realizado a descrição das experiências dos sujeitos participantes – “os dados brutos da investigação fenomenológica” (Giorgi & Sousa, 2010, p.77). As entrevistas depois de transcritas na íntegra, foram lidas, lidas novamente e re-lidas para que as primeiras percepções fossem notadas. O fenômeno foi se apresentado e assumiu uma complexidade de múltiplos sentidos. Relacionei os significados do mundo existencial que eram dinamizadas em cada relato – realizando assim a primeira etapa de sentido único ou estabelecimento de sentido geral conforme denomina Giorgi e Sousa (2010). Os autores apresentam que o objetivo crucial desta etapa é alcançar o significado das experiências vividas pelo sujeito tal qual descrevem ou exatamente como se manifestou à pessoa que apresenta a descrição. Considerando esta enquanto uma noção fenomenológica-existencial.

No segundo momento, ocorreu a redução onde há apropriação da realidade dada e suspensão de juízos passados para possibilitar visão aberta a novas perspectivas. Se faz o reconhecimento que o fato existe antes de qualquer análise que se possa fazer sobre ele. Quem descreve, cede o lugar para o aparecimento do fenômeno, não havendo na transcrição do depoimento (entrevista) nem experiência interna e nem externa, por parte de quem pesquisa. Sinalizei as unidades de significados na perspectiva dos próprios participantes e foram delimitadas seis (6) as unidades de sentido.

No terceiro momento, a etapa de interpretação, foram ressignificadas as unidades de sentido anteriormente demarcadas. Consistiu em identificar e nomear percepções, experiências e sentimentos expressos nos depoimentos. Foi estabelecido diálogo crítico com as narrativas descritas e aqui o significado da experiência aconteceu. A apresentação do

fenômeno que ocorre na primeira e segunda reflexão, agora foi levada ao ato da consciência e começa a se diferenciar - há a expansão do eu da pesquisadora e o encolhimento do eu do outro. Foram delimitadas em seis (6) Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico que expressaram de forma explícita a problematização dos fenômenos emergidos.

No quarto momento, o de síntese das unidades em significado psicológico, após observar minuciosamente o protocolo das etapas acima descritas, ocorreu nessa reflexão a síntese descritiva da concretude intersubjetiva da pesquisa. Onde na diferenciação entre o eu e o outro, e é atribuído intencionalidade aos objetos e aos atos da consciência. Desta feita, uma nova especificação de um sentido está posto ao mundo. Uma nova consciência impelindo-me ao movimento, à ação e à mudança. Aqui é pensado o pensamento. Depois que verifiquei a mudança de sentido, expressei a linguagem comum por expressões de significado psicológico, mantendo a postura cuidadosa de redução fenomenológica-psicológica, descrevi as unidades de sentido em estrutura psicológica geral da experiência vivida.

Desse modo ocorreram as análises desta pesquisa - fenômeno foi apontado a cada relato descrito e fora encontrado um sentido único. Após leituras exaustivas, foi extraído conteúdo expressivo da vivência descrita e realizada assim a redução fenomenológica-psicológica. Apreciando a linguagem própria das pessoas entrevistadas, foram identificados elementos significativos que foram delimitados de unidades de sentido, considerando que as unidades de sentido são “categorias” encontradas nas falas. A partir da delimitação dessas unidades de sentido, fora relacionada a intencionalidade dessas unidades com minhas/nossas próprias reflexões acerca destas. Desta feita, fora estabelecida nova especificação aos sentidos encontrados - configurando assim a interpretação das unidades de sentido com o todo.

## Capítulo 3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO: ONDE TENTAMOS CHEGAR

### 3.1 Sentido Geral

O sentido único encontrado nas três entrevistas diz algo sobre a percepção de si atravessada pelas referências parentais e/ou familiares, por acúmulo de experiências e por sentimentos vivenciados que refletem na relação com o mundo. A identidade fora destacada como um significado geral por apresentar os entendimentos sobre o significado de *ser no mundo* que vive existe na e para a relação.

Os sentidos encontrados nas entrevistas:

SC 1 – construção da identidade

SC 2 – identidade e (re)descobrir da autoestima

SC 3 – identidade baseada nas referências de vida

Esboçado nos trechos:

SC1- *“Eu não me descobri, eu nasci negro”*

SC2 - *“a sua aparência vem primeiro”*

SC3 - *“as minhas referências são negras”*

A percepção e autopercepção de se entender como negro/negra brasileiro/brasileira passa também por uma demarcação de questões sociais, de pertencimento e de relações afetivas que trazem impactos no desenvolvimento da própria referência sobre si. Em que complexidade da existência expressa compreensão ampla, diluída e passível de diferentes entendimentos que fazem parte da constituição dessa subjetividade (Ribeiro, 2011).

*SC1- “Me identifico enquanto um homem pardo e para mim sempre foi muito natural ser negro. E ser homem negro no Brasil é abrangente...vem das minhas origens, né!? Eu cresci no subúrbio. A família do meu pai, que é toda branca, é do interior e a família da minha mãe é toda negra e toda lá do subúrbio. Minha mãe, que é mais escura que eu, deve ter enfrentado várias questões...e ela criou a gente no ambiente onde raça era discutido. Eu cresci com esse debate em casa, não só debate intelectual, mas frequentando a*

*cultura negra da comunidade. Meu pai também tinha formação e ele conhecia e convivia com intelectuais. A minha esposa é um pouquinho mais escura do que eu e as minhas filhas também são negras.”*

*SC2-“Eu sou negra, de cor preta, meu cabelo é cacheado naturalmente. A minha avó é negra e descendente indígena nordestina... a minha mãe é super branca, minha irmã também é branca.[...]Cresci no espaço periférico que apesar de diversidade de cores, é mais abrangente de pessoas negras.”*

*SC3-“Me entendo como um homem negro. Não só pelas características físicas que são visíveis, mas também pela minha construção enquanto pessoa na sociedade. A minha referência masculina é o meu pai, um homem preto retinto... e toda a minha história, minha origem não é só relacionada a cor, mas vem relacionada a classe...local de pertencimento. A forma que consegui me identificar no mundo era me enxergando no outro de pele parecida”*

A questão de se reconhecer e/ou identificar com a raça negra não se trata apenas de pigmentação de melanina, está muito além da cor da pele. Passa por uma identificação de seu meio, de aspectos culturais que elevam a capacidade de explorar o campo relacional e dar sentido àquilo que está posto, além de atribuir novas significações de um modo particular. A construção enquanto pessoa na sociedade que se percebe nas relações com o outro remete a consciência de algo que é presente “a consciência é constantemente voltada para o objeto e há entre ambos uma correlação essencial que só se dá na intuição originária da vivência” (Forghieri, 2011, p.15). Vivenciar o *ser no mundo* com referência naquilo que traz sentimento de pertencimento ou que indica um lugar de troca entre distinções e semelhanças. Esses fragmentos narrados introduzem o fenômeno de modo geral, que será dividido em outros sentidos devidamente aprofundados em casa seção e/ou unidade de significado.

Destaco que o que foi expresso nas falas, indicam vivências singulares para cada sujeito colaborador e que em algum momento se torna comum à experiência partilhada de identificação ao pertencimento racial. São depoimentos de momentos diferentes, em

temporalidades diferentes e ambientes diferentes que associam particularidades próprias sobre sentimentos e vivências semelhantes.

*SC1- “Cresci nesse ambiente com vários elementos da cultura negra e cresci com meus tios que foram muito pobres quando pequenos....Embora meu avô não tivesse estudado, ele tinha uma cobrança exagerada para que meus tios, tias e minha mãe estudassem... e todos se tornaram estudados! Então, eu sou da segunda geração que convive...que tem essa vida escolar, acadêmica e profissional fora do subúrbio.”*

*SC2- “Também aconteceu na faculdade que durante um tempo eu fui a única negra da sala. E eu vejo uma postura racista no meio acadêmico... havia uma questão voltada para a questão racial e outra para a questão social, porque não é só a questão da cor da sua pele... o status financeiro importa ali também.”*

*SC3- “E gente que vive em cidades periféricas, a margem da sociedade dita ideal... fica mais fácil de perceber, né? Por ser uma cidade planejada, a gente vai se identificando com as pessoas que também foram colocadas à margem dessa sociedade. E aí eu me identifico com essas pessoas não só pelo pela cor da pele, mas também pela produção cultural, por aquilo que entende de cultura, do território... Eu me identifico não só pela cor, mas também pela vivência que é parecida. Pelas situações que a gente vive.”*

Para abordar esses fragmentos, considerando a crítica de Mbembe(2014) digo que o devir-negro do mundo está consoante no contexto e nas referências ontológicas apresentadas. E partindo disso a constituição do ser diante de uma história amplamente especulativa da humanidade “onde o negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido em um vínculo social de [subalternização]” (p.40). Entretanto, quando os povos negros mantiveram, durante e pós período de colonização, o acesso à escrita com seus próprios traços e signos, conseguiram articular uma linguagem para si que reivindica o estatuto de sujeitos completos do mundo vivo. Mantendo assim suas qualidades de seres humanos além da

submissão, produziram historicamente pensamentos, tradições, oralidade específica. Inventaram maneiras próprias de literatura, música, celebração de espiritualidade (Mbembe, 2014). Assim existem e re-existem nas gerações.

*SC2 - “Eu percebo muito mais agora que eu já estou adulta, mas ainda é uma situação muito complicada, né? A gente tem que lidar com as questões de autoestima. É...oportunidades profissionais que são negadas... então eu vejo que ser mulher no Brasil já é uma coisa não muito fácil... Agora ser mulher negra já te coloca ainda um pouco mais na margem! As dificuldades são ainda maiores e você tem que lidar com diversas experiências, não muito boas, no decorrer da vida. O que te faz ter que se esforçar além do necessário para você conseguir o básico, né!?”*

O quão impactante é a identificação da negritude na autoestima das pessoas negras, principalmente de uma mulher negra brasileira, que delimita sua existência por marcadores relacionados a estética, ao sentimento de pertencimento e principalmente o processo de formação de subjetividade. Essas reflexões serão mais elucidadas com maior profundidade de discussão na seção das unidades de significação, na terceira seção - proximidade da branquitude e sentimento de não adequação. Aqui é apresentado o sentido geral dessa descrição de vivências. A partir da abertura do fenômeno, diante da reflexão sobre a experiência de ser pessoa negra no Brasil, percepções significativas foram apresentadas.

*SC3- “Ser homem negro para mim, é muito bom! Para mim, individualmente, é muito bom, mas eu falo para as pessoas que ser negro no Brasil é um inferno! É muito isso, né?A minha identificação, minha vivência, muito neste sentido mesmo que é um fardo desnecessário e, por vezes, impossível de ser carregado... porque a sociedade brasileira, ela não é referência para pessoas negras. Ela é uma sociedade criada para impedir de pessoas pretas cheguem nos lugares que deveriam ter tido a oportunidade de chegar.”*

A narrativa “*ser homem negro para mim é bom, mas ser negro no Brasil é um inferno!*” é a constatação nítida do racismo brasileiro. Remete a um processo de conscientização sobre o lugar que a pessoa negra ocupa na sociedade e sobre aquilo que

estrutura social racista brasileira impele que na existência enquanto *ser no mundo*. É o experienciar da vida atravessado por valores externos que interferem nos acessos de crescimento e reconhecimento. O entendimento sobre o *estar no mundo* pode ser modificada ao passar do tempo e atribuir novos sentidos, embora os marcadores sociais e estruturais permaneçam. Abre uma gama de possibilidade de análise sobre a identidade na sociedade brasileira, que mesmo tendo em sua população maioria negra (Brasil, 2019) tem minoria em representatividade. E conseqüentemente interfere nas possibilidades de viver e viver plenamente em sua existência.

*SC1-“Claro que tiveram momentos em que eu escondia a nossa origem, né!? Escondia o bairro que morava...entende? Escondia por timidez, por vergonha... Eu achava distante das posses, né!?Lembro que tinha uma mochila de marca, na época lá, que eu e meus irmãos não tínhamos e a maioria dos alunos tinham. Era um outro universo.”*

*SC2-“Em relação a vida profissional não tinha a mesma percepção que tenho hoje, porque eu tinha ideia de que... o que contava na verdade era o meu conhecimento, a minha experiência... e não a minha aparência, né? Apesar de que mesmo quando criança eu já tinha entendimento de que a minha aparência, por ser negra, já era algo negativo.”*

*“SC3-“As vezes a gente acredita que está ocupando um lugar errado e isso é um problema... recordo que um dia em que estava bem vestido, cabelo cortado e na minha visão aquele dia eu não iria ser seguido, mas essa não era a visão do segurança! Porque as vezes a gente imagina que pode está dando mole, mas nesse dia não estava! Então é uma vivência que eu fui acostumando.”*

Até aqui foram apresentadas descrições, de modo individualizado sobre a experiência, que mesmo com sentido único se aproximam em significado geral. Considerando primordialmente a descrição dos sujeitos colaboradores, será a partir de agora, delineado de modo mais aprofundado as unidades de sentido e respectivamente as unidades de significado

destas vivências. Se faz essencial deixar em destaque que esse modo de compreensão é explicitado na experiência relatada.

### **3.2 Unidades de Sentido e Transformação em Unidades de Significado em Expressões de Caráter Psicológico**

Notei semelhança entre a descrição global (sentido único) de sentido encontrado nas falas da/dos participantes e de tal modo, algumas unidades de sentido foram descritas com proximidade de sentido. O que não significa que uma experiência (conteúdo descrito nas entrevistas) tenha sido equivalente a outra, pois cada vivência é singular e tem significação própria, considerando as diferenças culturais, geracionais e experiências pessoais ao longo da vida. A análise resultou nas seis (6) Unidades de Sentido descritas abaixo, procedidas de suas respectivas seis (6) Unidade de Significado em Expressões de Caráter Psicológico. São elas:

1ª “*Não existe negro no Brasil que não tenha sofrido racismo*” ➔ **Autopercepção da vivência de racismo.**

2ª “*Quanto mais escuro, maior o preconceito*” ➔ **Afetividade na estética da negritude.**

3ª “*A sensação é de estar sendo avaliada o tempo todo*” ➔ **Branquitude e sentimento de não adequação.**

4ª “*Nossa altivez e lugar de pertencimento*” ➔ **Tomada de consciência para o *vir a ser* pertencente.**

5ª “*Foi como aprendi a lidar*” ➔ **Ressignificar o enfrentamento.**

6ª “*Amo ser quem eu sou, mas é difícil viver onde vivo*” ➔ **Quem Eu Sou na minha existência.**

Cada unidade de sentido foi compreendida a partir de aspectos relacionais da vida dos sujeitos em seu mundo existencial. E para descrever sobre esse *ser no mundo*, tentei isolar toda e qualquer expectativa minha que pudesse interferir no aparecimento do fenômeno.

Entendo esse processo enquanto intersubjetividade (Giorgi & Sousa, 2010) acontece na experiência comum que nos une e nos afirma enquanto seres comunicantes. Uma comunicação das consciências individuais, realizadas com base na reciprocidade.

### **3.2.1 Autopercepção da vivência de racismo**

Impelido na autopercepção de tratamento recebido, dos olhares direcionados, das falas expressadas, aqui são narradas situações de racismo e demonstradas as sensações que essas práticas desencadearam. Sejam de forma diretiva, de forma sutil/velada ou em situação de ameaça ou sugestivo risco. É sobre o viver diante de situações repetitivas e cotidianas que interferem na forma habitual de ser e ter a rotina de vida. Perceber vivências e autoperceber o quanto estas incidem sobre a própria vida é a significação básica dessa existência.

*SC2-“Eu acredito que não existe negro no Brasil que não tenha sofrido racismo! Infelizmente! Se não sofreu ou se acha que não sofreu, é porque não percebeu! Porque de alguma forma, no mínimo possível detalhe a pessoa já viveu isso.”*

*SC3-“Já vivi algumas experiências racistas é...porque estão vários momentos. É uma situação recorrente! Eu tive várias experiências de racismo e em várias idades e de várias formas... são muitas histórias. Aquilo que era facilmente, no momento, entendido como racismo e aquilo que eu fui entender que era racismo anos depois.”*

A narrativa que toda pessoa negra já sofreu racismo, é uma afirmação posta de modo firme e que certamente se confirma ao avaliar toda conjuntura das situações enfrentadas na vida. E a menção dos mínimos detalhes remete a questão de atitudes veladas que são manifestadas nas sutilezas e viabiliza que essas ações passem despercebidas em primeiro momento. Que é basicamente expressado na segunda narrativa, quando dito que dadas ocasiões são notadas de imediato, de certo pelo seu modo diretivo e outras interpretadas com tal pela avaliação posterior do fato.

*SC1- “Uma vez, com 12 anos, na escola... meu irmão estava de óculos escuro e eu vi uma menina passar por ele e dizer ‘nossa... negro de óculos escuros? Nada a ver!’ E aquilo me chamou a atenção e talvez por isso eu nunca usei óculos escuros na minha vida! Nunca usei! Eu acho que seja por isso... Também nunca senti vontade de usar. Apesar de achar um estilo bonito eu nunca usei.”*

Um comentário direcionado a outra pessoa, a qual se identifica enquanto semelhante, que pode desencadear um comportamento para toda uma vida. Não se trata de mera expressão de opinião, mas de uma fala que impactou sobre a escolha de usar um acessório. Apesar de apreciar o estilo, se por receio de uma reação de desaprovação do outro, esse uso não acontece. O questionamento que faço é sobre quão grande é o medo da não aceitação? Que lugar no mundo é esse que as escolhas minimamente pessoais são evitadas a partir da autorização ou proibição do outro? Livia Arrelias (2020) diz que nas relações mediadas pelo racismo, simplesmente não há possibilidade de reconhecimento da alteridade. Enquanto fenômeno de campo, o racismo violenta a existência devido ao não reconhecimento e a não validação da sua humanidade quem já está sofrendo.

*SC3- “Eu sempre falo que eu não posso sentir frio e cobrir a orelha, porque se eu coloco capuz, automaticamente, teria companhia da segurança.”*

*SC1- “Eu não ando junto de uma mulher desconhecida na rua, porque ela vai segurar a bolsa... vai olhar para trás desconfiada ou até atravessar a rua. Se eu estiver na rua sozinho, naturalmente cruzo a rua para o outro lado só para deixar ela mais a vontade. Entende? Eu poderia não fazer! Poderia não cruzar a rua, mas a gente sabe que tá assustando. Aí o não fazer é opcional!”*

*SC3- “Eu precisei estudar a noite, daí quando voltava do curso chegava em casa por volta da meia-noite. Eu ia de ônibus e às vezes estava frio, mas eu particularmente não podia colocar a blusa de frio, né? Eu vinha caminhando pela rua e eu via as pessoas...assim se afastando, se desviando... Uma situação que me deixava um pouco irritado!”*

Essa é outra fala que remete além uma escolha pessoal, um desconforto desencadeado na relação com outras pessoas nesse lugar onde a leitura preconceituada/preconcebida sobre um homem negro pode representar risco para a própria segurança. Uma leitura estereotipada sobre a conduta de alguém, baseado meramente naquilo que a pessoa veste, como se veste e o que isso significa. Esse relato exemplifica aquilo que fora falado, no capítulo 1, sobre o tratamento social diferenciado para pessoa negra e para a pessoa não negra, cabe também naquilo que foi dito sobre o racismo manifestado nos mínimos detalhes. Se refere a esta reação aversiva diante de uma pessoa negra, a depender do horário, do território/local, da vestimenta, do uso de acessórios e da postura física. Uma situação vivida apenas por pessoas que pertencem a dado grupo racial e social - e ousou dizer que uma ação praticada por pessoas que pertencem a outro grupo racial independente de classificação social.

*SC1- “Na minha cidade, aos 13 ou 14 anos, estava num ônibus e a polícia subiu... eu fui a única pessoa revistada. Por sorte eu tinha tirado a identidade há uma semana. Eu tinha RG há uma semana! Ele só pediu para eu levantar e dar meu documento...se eu não tivesse seria uma abordagem pior.”*

*SC3- “Já houve situação tensa com uma viatura passando na rua de casa...Eu estava chegando e aí quando me viram a viatura foi diminuindo a velocidade... abaixaram os vidros... Só que eu continuei andando bem tranquilamente... passei do lado, cumprimentei, parei para abrir o portão e entrei... só depois que eu fechei o portão, que consegui ouvir o barulho do carro ligando indo embora. Essa foi uma situação que eu lembro de ter me incomodado! A ponto de eu decidir não usar mais blusa de frio, com ou sem capôs! Eu vinha caminhando com frio mesmo. E aí...eu tirava a blusa de frio antes de descer do ônibus, colocava na mochila e ia caminhando para casa. Porque em algum momento iria chegar uma abordagem aqui... e eu prefiro evitar.”*

Esse sentimento de insegurança com a “segurança pública” é outra questão que ultrapassa o mero achismo. É a identificação autoperceptiva de ação racista que implica diretamente na (im)possibilidade de reação e/ou enfrentamento. Incide sobre a subjetividade e

sobre aquilo que violenta a singularidade da existência enquanto pessoa. O fato, aqui narrado, de ser seguido até o portão de casa não se refere a uma sensação de escolta para a própria segurança, mas sim do sentimento de angústia da possível sensação de ameaça. Tal qual a abordagem para identificação dentro de um transporte público, destinada unicamente. Pessoas negras vivem sobre a séria pressão de correrem o risco de serem assassinadas por aqueles que deveriam também protegê-las, o estado. Nessa temática discorro sobre aquilo que Mbembe denominou, em meados de 2003, de necropolítica, que é uma análise sobre as práticas de violência que tem como pessoa-alvo as pessoas negras. Uma política de morte do outro, legitimada por não reconhecê-lo com tal e semelhante, por situações que o racismo convoca (Mbembe, 2018). É imperiosa essa questão considerando que pela noção *a priori* de potencial risco, a sociedade compactua com o ataque as pessoas negras.

Tais situações vividas culminam na decisão de livre arbítrio sobre o que vestir, o que fazer, como ser, se é possível ir, vir, transitar e permanecer nos espaços livremente. O acúmulo de experiências dolorosas, constrangedoras e de menosprezo desencadeia questionamento sobre a real valorização daquilo que se é e sobre aquilo que não deveria ser. E essa experiência é peculiar para pessoas negras e para aquelas lidas enquanto negras.

*SC1-“ Talvez situações que eu tenha passado na infância...e que talvez não fosse compreendido como racismo, hoje em dia, a gente já entende de uma forma diferente. Hoje dá para nomear dessa forma!”*

*SC3-“Eu estava na segunda série... tinha 7 para 8 anos... pelo fato de vir de outra cidade, ter que pegar ônibus... A gente chegava sempre no limite do horário, as vezes atrasados 5min... E tinha uma professora que não gostava de mim e aí um determinado dia minha mãe me deixou na porta, foi embora e a professora não me deixou entrar na sala. Desde criança eu sempre fui muito obediente então... fiquei ali em pé, do lado de fora e porta da sala fechada. E aquilo ficou, para mim, como uma recordação...Que só anos depois eu fui perceber que mesmo tendo chegado atrasado, nunca vi outra pessoa ser*

*deixada do lado de fora da mesma forma que eu fui! E isso eu fui pensar quase 10 anos depois... E aí foi aí que me deu essa percepção que também foi racismo. E isso se tornou bem marcada para mim.”*

*SC2-“Já vivenciei situações com familiares e diretamente comigo. Quando era mais nova, criança na verdade... eu saía com minha mãe e minha irmã que são brancas... e elas sofriam comigo também... sempre alguém falava ‘nossa ela nasceu com o cabelo tão ruim, né!?’ Já houve situação de falarem ‘você também colocou essa criança preta no mundo?’ Uma vez quando caminhávamos nós três alguém perguntou ‘nossa... ela é sua filha? Não parece!’ Essa surpresa mascarada, né!? Racista é o nome.”*

A autopercepção do racismo é referente também a essas percepções de fatos que vieram a consciência após da experiência vivida, e hoje as experiências são nomeadas. Como ser preterido ou tratado de forma diferente em mesmas situações e contextos que o de outras pessoas. São memórias, recordações e novos entendimentos que proporcionam meios para que as pessoas passem a notar, identificar e nomear essas situações. Essas formas de percepção são recursos que servem para não naturalização dessas vivências.

*SC1-“A minha companheira passou por algumas situações mais explícitas... digamos assim. Uma vez o novo porteiro do prédio tentou impedir a passagem dela. ‘Ei, ei... vai para onde?’. Num tom de advertência e ela com a postura e altivez tão grande respondeu ‘está falando comigo? Eu vou para a minha casa!’ Desde essa infeliz situação, toda vez que a gente passa ele tenta ser solícito.”*

*SC1-“Algumas situações são mais sutis e outras mais explícitas... Vou dar um exemplo de uma explícita: minha esposa estava no parquinho do condomínio quando uma babá cuidando de outra criança também, sentou ao lado dela e elas conversando a babá perguntou pra minha esposa ‘você cuida dela há quanto tempo?’ Aí a minha esposa respondeu ‘desde que eu pari!’ Olha... a babá ficou tão constrangida que arranjou uma desculpa e saiu. É curioso porque essa babá era uma mulher negra e a criança era uma criança branca.[...] Outra situação ocorreu no primeiro prédio que a gente morou,*

*quando minha esposa entrou no elevador uma sr<sup>a</sup> olhou para ela dos pés a cabeça e perguntou ‘você trabalha aqui? Estou precisando de serviços domésticos.’ Entre outras situações.”*

Um típico exemplo das sutilezas racistas é a narrativa dessas abordagens, inclusive no próprio ambiente de domicílio, com convicções previamente estabelecidas e que ao serem desconfirmadas geram o sentimento de não compreensão. Questões novamente voltadas ao lugar destinado a pessoas negras no mundo, o estranhamento de ocupação de espaços supostamente valorizados e não reconhecimento deste outro com possibilidades de vida e existência semelhantes. Tais ocorrências prosaicas não devem ser normalizadas por quem as pratica e tão pouco aceitas para a pessoa-alvo destas.

*SC3- “Também é aquilo que era em determinado momento sutil, por conta de um espaço específico que estava sendo ocupada por mim no momento. Por exemplo, quando eu era criança as situações eram mais sutis... eram mais nas entrelinhas. Em determinado momento, a partir de certa idade... provavelmente aos 14, para mim deixou de ser sutil. Para mim se tornou compreensível e isso se tornou mais agressivo! E também quando eu ocupo um lugar diferente na sociedade, como uma pessoa que está fazendo uma graduação, frequentando uma instituição particular...volta a ser sutil, mas sutil de uma forma diferente da que era sutil quando eu era criança. Dá para compreender, né!? São de várias formas, mas que dá pra notar.”*

O nomear algumas situações nas sutilezas em que acontecem, ou de forma mais direta, traz a sensação que as experiências se tornam negativas. Racismo velado nas sutilezas de quem perpetra e escancarado na percepção de quem sente.

*SC2- “Todas as experiências eu nomeio de negativas. Por exemplo, em loja o segurança sempre vem atrás de mim! Quando eu vou ao shopping, que é um pouco mais é... padrão classe A, mais elite... Já passei por uma situação em que eu entrei numa loja de lingerie e a loja cheia de gente, mas a segurança ficou atrás de mim. Aonde eu pegava, ela ia pegar também... então é muito complicado! Me senti constrangida, óbvio.”*

*SC3- “As vezes eu ia para a universidade bastante atrasado...saía de casa correndo e botava só uma bermuda, uma camisa, saía mesmo de chinelo e tal... Mas eu sempre sabia que, nesses dias em que eu saía de uma forma mais desleixada ou a vontade... Eu teria alguma companhia! As vezes na entrada da universidade, na entrada dos blocos, as vezes até na saída.” Estou me referindo aos seguranças da universidade que sempre me acompanhariam algum trecho! Mesmo que fosse de longe, dava para saber que estava sendo acompanhado em algum momento.”*

Essas narrativas sobre ser seguida ou acompanhado da pessoa que representa a segurança da instituição/ estabelecimento, é uma descrição comum. Parece existir um código de conduta para manutenção da ordem e prevenção de problemas que lê a pessoa negra como suscetível e autoriza esse representante da segurança a perseguir e/ou incomodar. Tal qual as abordagens da segurança pública, a questão acendida é: o que faz as pessoas negras serem abordadas e identificadas enquanto potencial risco, se não o mecanismo racista arraigado na cultura? Quão prejudicial é para o bem estar de quem sofre essa perseguição? Ser vista como uma pessoa pernicioso é deveras problemático para essa relação construída com o outro e absurdamente maléfica para a construção da própria relação consigo.

Outro fator importante que emerge dessas reentrantes experiências e da forma de autoperceber o racismo é o sentimento de inadequação – que será explorado com maior profundidade no capítulo 4.2.3 – conforme ilustra abaixo as narrativas:

*SC1 - “Hoje eu moro em um bairro dito ‘nobre’. Por anos, anos, anos...eu esperava só o momento em que tudo ia dar errado e eu teria que voltar para o subúrbio. Achava que as coisas não iriam dar certo para que eu permanecesse. Eu me lembro que no primeiro lugar que a gente alugou aqui, minha esposa e eu, nós não pregamos um prego na parede! Sei lá... eu pensava em não mexer porque em algum momento a gente vai ter que entregar o espaço. No segundo lugar que tinha muita coisa para consertar... então me trazia para o lugar do ‘aqui é seu lugar!’... por ser um lugar que tá meio imperfeito. Entende? Aí saímos de lá e hoje nós estamos no terceiro imóvel,*

*ainda alugado, mas esse tem totalmente a nossa cara.[...]Agora me sinto pertencente a esse lugar!”*

Esse sentimento advém do olhar de descrédito do outro onde o olhar inferiorizante para o sujeito negro persiste ao longo de gerações (Fonseca, 2020). E quando percebido, provoca alguma reação, seja ela de enfrentamento ou de (in)conformismo.

*SC1- “Eu já percebi sinais de uma tentativa de me diminuir, essa tentativa por parte de vizinhos. Um vizinho branco e empresário... ele conversava normal com as pessoas e quando cruzava por mim ele falava ‘e aí, moleque doido! Beleza?’ Eu respondia com ‘boa, tarde! Como vai?’ Nós nunca tivemos essa intimidade. E eu percebi que ele tá falando com a pessoa errada de um problema que é dele e não meu.”*

*SC3- “Em um dia eu não estava com muita paciência... Levei uma câmera fotográfica para faculdade e aí quando fui tirar fotos, um dos seguranças chegou perto de mim, perguntou se eu estudava lá e o porquê de estar tirando foto... e que lá não podia tirar foto da universidade, se eu não fosse aluno. E aí eu falei ‘estudo aqui e não sabia que tinha esse procedimento...então vou te mostrar meu RG e mostrar também a minha carteira de estudante’. Ele disse que precisava, mas eu fiz questão! Mostrei meus documentos ‘aqui olha... meu nome na identidade, meu nome na carteira de estudante”, num tom de sarcasmo para deixar nítido que não gostei.”*

*SC2- “As entrevistas de emprego as quais eu já passei foram terríveis para mim! Já cheguei em espaços renomadíssimo e eu posso dizer com toda segurança que o meu currículo é excelente! E... apesar de mais abrangência de conhecimento e experiência... eu sempre era colocada junto com meninas brancas. E lembro que a última experiência eram outras três meninas brancas... padrão! Além de brancas eram padrão, né!? E... meu currículo era muito mais vasto... mais conhecimento em línguas e tudo mais. Eu respondi todas as perguntas corretamente, porém, é... na época eu estava usando o cabelo natural, que é cacheado, né? Ele estava meio... meio black, vamos dizer assim, estava mais volumoso. E alguns dias depois da entrevista me*

*mandaram um e-mail falando assim ‘a vaga foi preenchida. Infelizmente, você não está adequada ao perfil.’ Foi dessa forma! Me lembro perfeitamente! Eu não acreditei que aquilo estava acontecendo comigo! Em pleno século XXI e eu estou passando por esse tipo de situação! O que claramente o esforço e dedicação de um currículo não conta de nada. A pessoa também tem que ter aparência daquele padrão dentro da empresa, né!? Olha o tempo que a gente está e ainda estou passando por uma situação racista.”*

Diante desses depoimentos, destaco a significância da autopercepção “problema ser dele e não meu” é uma fala importante que retira a responsabilização do racismo da parte da pessoa-alvo. Não é incomum situações racistas serem interpretadas como mal entendido ou exagero. E ao notar que essa postura, por mais arguciosa que possa ser, é na verdade uma atitude de menosprezo que estabelecimento distâncias. E que reivindica a perspicácia e certa dose de autoconhecimento para não ser levado a autorreflexão sobre necessidade de adaptações e/ou o silenciamento desses sentimentos.

As emoções não permitidas de serem expressas acabar por tolher a capacidade de expressar e vivenciar as emoções. Sendo um corpo “cheio de potência, mas que por não expressar tudo que sente paralisa, endurece, adocece em diversos sentidos da vida” (Fonseca, 2020, p.131). Autoperceber a vivência e nomear o sentimento – seja de indignação, de injustiça ou de expando – coloca em lugar de inadmissão diante da discriminação.

Sobre o termo “branca padrão” se refere a um modelo para estética de formato de corpo, traços faciais e até mesmo vestimenta – geralmente corpos magros, cabelos alisados e roupas de grife. Esse padrão remete ainda a um modelo branco dominante (Bento, 2002; Carneiro, 2020). É a expressão que diante de uma situação de competitividade o processo seletivo pode estar além dos critérios avaliativos, sendo atravessada também pela comparação com a estética dominante.

*SC2- “No ambiente de trabalho eu já ouvi ‘olha querida, você é muito bonita com seu cabelo natural, mas eu recomendo que seria interessante que você, se*

*“você quiser...use ele liso!” Porque infelizmente, no ambiente da minha profissão, a aparência é algo que conta 100%...Você também passa aquilo que você está mostrando ser, né? Você é o que você mostra ser! E o cabelo cachado não é algo que mostra um padrão arrumado porque tem friz, enfim... Ainda disse ‘talvez fosse mais interessante manter, ao menos no ambiente profissional, o cabelo liso porque isso vai te ajudar muito mais’. E não é uma coisa muito agradável de você ouvir, mas infelizmente é verdade!”*

Se é verdade, fica a critério da interpretação com a moralidade ética pessoal de cada pessoa, o fato é que essa fala expressa uma realidade que tenta embranquecer os traços negroides para aceitar a pessoa negra com mais facilidade, principalmente nos espaços mais quistos socialmente.

*SCI- “Teve outra situação que me fez parar de descer pro playground no atual local onde resido. Eu levava minha filha e eu era o único pai que descia... as vezes só tinham mães e todas brancas, né? Passei um tempo afastado e depois a pandemia me ajudou a ficar mais afastado ainda... Hoje eu voltei a descer! E a situação foi: estavam as crianças brincando, eu com as mães ali conversando... chegou outra mãe e foi falando com as crianças, botando a mão na cabeça, fazendo um carinho no cabelo... e quando ela foi passando pela minha filha ela ia tocar no cabelo dela, fez um gesto e não tocou! Entende? Tocou na cabeça das outras crianças, quando ia tocar na minha, ela não tocou. Eu muito sutilmente observei aquilo dali. Ela disfarçou e já puxou uma conversa com as mães ali... E eu olhei aquilo com raiva! O cabelo da minha filha é um cabelo crespo. Um crespão do 3 pro 4, sabe? A gente trabalha isso lá em casa. Nós temos um livro da Hooks que fala o meu black é de rainha... só que depois disso eu não desci mais para o playground.”*

A questão capilar sempre fora uma marca reconhecida e que por vezes legitima o reconhecimento da negritude. A típica expressão “cabelo ruim”, presente em fragmentos mencionados acima, agora é apresentada em outras nuances que demarca o quão a questão do cabelo é significativa na constituição subjetiva da pessoa negra, no Brasil. Rafael

Queiroz(2019) produziu um estudo que apontava que em geral, no Brasil, ter o cabelo natural crespo é ser alvo de comentários pejorativos e piadas racistas. Pois historicamente foi criado todo um arsenal de estratégias para que a pessoa negra alisasse seu cabelo, uma vez que se entende que cabelo bom é o cabelo liso e alinhado. Nessa concepção o cabelo afroteturizado é considerado um cabelo desproporcional e fora de uma estética padrão ditada pela propaganda cosmética e veículos de mídia em geral. Bem como Eliane Carvalho (2015), já referira que a forma e textura do cabelo, pensado enquanto mecanismo identitário de seu próprio reconhecimento, possibilita entender como a naturalidade da estética afeta, especialmente, as mulheres negras em todas as fases de idade. Portanto, no processo de socialização e estabelecimento de relações a pessoa negra brasileira, lida com a tensão entre uma imagem construída a partir do processo de dominação racial e a busca por uma autoimagem positiva.

Desta forma, a estética eurocêntrica se torna uma arma de opressão sobre os corpos negros que tenta se enquadrar ao padrão de estética branca. Sem perceber o quanto foi influenciada, por sopesarem que o cabelo mais próximo do crespo e distante do liso, é ruim, duro, sujo, bagunçado e não belo. Cria-se assim um enredamento de significações que leva ao ato de alisar os fios de cabelos para sentimento de aceitação na sociedade (Oliveira & Mattos, 2019; Amorim et al., 2021).

*SC3-“Eu tinha um cabelo cacheado grande e aí um dia meu pai me levou para cortar o cabelo e o cabelereiro raspou meu cabelo. E aí... desde então deixei o meu corte baixo. E aí quando meu cabelo ficava pouquinho mais alto... ficava um formatozinho de black power e esse era o máximo de limite de deixar o meu cabelo crescer[...]sempre meu cabelo ficava um pouco mais alto, ficava incomodado porque naturalmente meu cabelo um pouco mais alto...é... trazia alguns olhares diferentes. E era mais um olhar de julgamento social mesmo! De não aceitação. E acabava que isso me lembrava, né? Quando chegava mais ou menos altura e formato, os olhares iam me avisando que era tempo de cortar o cabelo.”*

O olhar do outro que desconfirma a autenticidade de *ser e estar no mundo*, indica o quão agressivo é sobreviver com racismo nas sutilezas também. Pensando na luta para existir no seu pertencimento racial, o cabelo black é essencialmente a expressão da identidade negra que sofreu com o preconceito racial. Representa também o símbolo do poder cultural black e reconhecimento de traços naturais que transforma o espaço do desajuste dos traços negros em orgulho de ser visto negro. É possível perceber como o racismo afeta a autoestima das pessoas negras, porém na contemporaneidade e com o surgimento de movimentos negros voltados para valorização da estética negra, essa realidade vem se reformulando. É a união em prol da ressignificação da identificação negra, que Queiroz (2019) nomeia de ativismo do cabelo e diz que essas ações visam o combate ao genocídio estético negro.

Observando que os padrões estéticos presentes na sociedade brasileira ainda carrega resquícios da ideologia do branqueamento racial, a estética afrocentrada e seus aspectos físicos ainda passam por percepções estereotipadas. A visão depreciativa do cabelo afrotexturizado ocorre justamente porque o cabelo próximo de uma aceitabilidade é o que se distancia dos traços da negritude. Não diferente da estética física, que limita os critérios relevantes para classificação da feiura e da beleza a depender do formato dos lábios, espessura do nariz, textura do cabelo e forma corpórea.

*SC3- “Uma vez uma amiga, que estava de turbante, falou sobre a situação ‘presta atenção como as pessoas vão olhar diferente para mim e para vocês, por conta do turbante’. E dava para perceber que existe uma reação social, sobre o turbante, por conta daquilo que foge às normas, né? Dá para perceber a diferença de quem estava olhando admirado e quem estava só achando estranho.”*

Fugir das normas sociais diz muito ainda sobre os modos de identificar e autoperceber as práticas racistas, que novamente é ultrapassada pelo olhar do outro que atinge a subjetividade por resultado do sentimento de desconforto e estranheza. A cerca da mudança de hábito no imaginário coletivo, Hernani Santos (2021) discorre que o existir da pele preta,

demonstra então que surge uma nova ontologia para a humanidade, que até então era evidenciada nas tradições da hegemonia colonizadora europeia que se esforçava para embranquecer as peles e os costumes. Diante dessa nova reflexão sobre o sentido do *ser e estar no mundo* é plausível mudanças em dimensões diversas - estética, moral, ética e sobretudo relacional.

### 3.2.2 Afetividade na estética da negritude

*SC2- “Quando você está na escola, você entende que as meninas mais bonitas são as brancas! Você entende que o seu cabelo é... ele não é bonito por ser crespo. Que a sua forma, se você é negra e ainda um pouquinho gordinha, você ainda sofre um pouquinho mais! Então assim... a sua autoestima quando criança, ela é sempre colocada para baixo! Você entende que você não faz parte daquele ciclo social. Que você não é boa suficiente por conta da cor da sua pele, mesmo você sendo legal... mesmo você sendo uma pessoa maravilhosa, isso não conta. A sua aparência é que vem primeiro! Então eu tinha essa percepção em relação à aparência desde que eu era criança, mas eu não sabia que isso influenciaria em questões profissionais. Em relação quando eu ficasse maior na sociedade, porque eu tinha a ideia de que o que contava era, na verdade, meu conhecimento, meu esforço... e conforme o tempo foi passando, eu vi que não era assim!*

Nesta unidade de sentido é expressa a percepção sobre as questões de afeto e relacionamento interpessoal, atravessado pela questão racial. Afirmar que a aparência chega primeiro é a ideia que cor de pele ao ser notada antes da própria pessoa em si, traz a tona uma série de *a priori* baseados unicamente na leitura racial. Essa percepção é referente àquilo que Fanon (2021/1952) chamou de epidermização, essa noção do vivido baseado em tratamento categorial por raça. Refere na verdade sobre o julgamento que antecede a uma tomada de conhecimento, tal qual o fenômeno do preconceito descrito no capítulo 2, que é presente na estrutura da sociedade. A narrativa exemplifica os processos seletivos para mercado de trabalho, mas essa leitura racial antecipada está presente nos diversos setores e contextos.

*SC1- “Demorei a perceber que quando eu abria a boca para falar nos lugares as pessoas entendiam que eu não era o ‘maloqueirinho’ porque eu falava corretamente e por isso era bem tratado. E isso sempre me acompanhou na vida... precisar articular bem e sabe me colocar para ser respeitado.”*

Notar que fora tratado como igual por ter bons costumes é uma situação que merece atenção. Indica primeiro que para ser respeitado é necessário se adequar a um suposto padrão da civilidade e depois que na singularidade do ser a sua identificação racial traz um lugar previamente posto.

*SC2- “Hoje eu consigo entender que nós vivemos numa cultura que é racista e entendo o porquê das pessoas se portarem de determinada maneira... mas eu já tive muita revolta, né? Eu sempre pensei ‘poxa, eu estou num país que prega a democracia, igualdade, porque que isso acontece?’ Não era algo muito confortável... hoje eu não digo que seja confortável, porque ainda é desconfortável falar sobre porque atinge diretamente a nossa autoestima...Mas é compreensível. Eu digo que é compreensível porque eu sei lidar um pouco melhor com a situação.”*

*SC3- “Ao mesmo tempo em que eu não tenho vergonha ou nenhum tipo de receio de falar sobre situação de racismo que eu já vivenciei, existem muitas histórias... são situações que eu normalmente não conto. Principalmente no meu meio, porque eu sei o quanto isso incomoda, né? Eu sei quanto isso dói... porque para mim é a forma como eu aprendi a lidar. Para mim não incomoda, mas eu sei que na minha família vai doer! E eu sei... e existem muitas coisas que acontecem que eu evito contar.”*

*SC1- “Eu passei por várias situações! Quando a gente é adolescente a gente sente um tratamento diferente... o meu perfil... eu era visto como o trombadinha, o ladrãozinho clássico.[...] No meu caso, enquanto adolescente era o padrão do maloqueiro e isso atualmente mudou... Eu demorei a perceber que eu não era mais confundível... não era mais visto como um malandro. Agora o olhar transmitia mais segurança e eu sou visto com um sr. e não mais um maloqueiro.”*

Aqui a estética aqui entendida enquanto o modelo vigente de beleza humana. Santos (2021) pontua que a significação da raça também é atravessado por nossa percepção do mundo humano, onde a dinâmica entre corporeidade e cultura também atravessa ou constitui os afetos. Queiroz (2019) diz que a estética negra sofre ataques racistas há muito tempo, afeta da infância à fase adulta, essas ações são nocivas para a saúde emocional de pessoas negras. A narrativa sobre o sentimento de revolta, fala primeiro sobre um sentimento de não aceitação ao tratamento dispensado e depois indica a busca dos motivos para tal. Assim os significados do saber lidar não se refere a uma aceitação, mas de uma possível tomada de conhecimento sobre os processos afetivos diante da nossa constituição de relações sociais.

Apesar de o branqueamento físico ter sido fadado ao fracasso, seu ideal sutil permanece até os dias atuais no imaginário coletivo dos brasileiros, assim as relações afetivas são construídas no meio do convívio social dos sujeitos. E na relação com o outro e a identidade negra no Brasil foi historicamente construída através da inferioridade em relação ao padrão eurocentrado da estética branca (Queiroz, 2019; Fonseca, 2020).

*SC2- “Chega ao ponto de você se comparar... de você se menosprezar não só pelo que você faz, mas pelo que você é. Você sente que você não está suficiente naquele ambiente, você não pertence àquele lugar[...]Quando mais nova, eu me sentia afetada sim! Porque a gente não tem uma noção de quem é... você entende que você está errada. Que você é um problema! E que de alguma forma você é uma pessoa ruim... Que o que você tem, o que você transparece é ruim! Não é algo bonito... então isso mexe com você, né? Você realmente se sente muito humilhado, eu no caso, me sentia muito humilhada.”*

Corroboro com Ferreira e Camargo (2011) a discorrerem que esses sentimentos derivam de situações vividas diariamente nas relações interpessoais que inferiorizam e desvalorizam suas características físicas e suas capacidades intelectuais. Essa recorrência de experiências desagradáveis traz impacto para o estado psíquico.

O afeto então teria cor? De certa forma não, mas as relações afetivas são atravessadas pela predileção ou preferência da cor. Escritoras como Elizabeth Freeman (2018) e Toni Morrison (2019) relacionam as hierarquias raciais presentes nos relacionamentos afetivos. Do mesmo modo que Carolina de Jesus (1960), Lélia Gonzales (1988), Beatriz Nascimento (1990), Isildinha Baptista (1998), Neusa Souza (1998), Conceição Evarito (2011) e Sueli Carneiro (2020) escreveram em contos, registros autobiográficos, dissertaram ou defenderam em suas teses sobre o destino afetivo da população negra. São registros que dimensionam a interferência do racismo também nas relações afetivas na relação interpessoal e na relação com o mundo, que é demarcado pela ausência ou dificuldade de existência do afeto. Bell Hook (2010) registrou o texto “vivendo de amor” que fala sobre o quanto as expressões de afeto foram marcadas pelo processo de escravização em nossas subjetividades e o quanto pessoas negras são imensamente afetadas e marcadas por aquilo que resultou da nossa impossibilidade aparente de exercer e demonstrar sentimentos. Assim a cultura racista nos despreparou para sentir emoções positivas e demandou que nossas estratégias de sobrevivência fosse nossa finalidade existencial.

*SCI- “ Uma frase que eu nunca entendi na vida era quando eu ouvia a pergunta ‘quando você se descobriu negra?’. Eu achava essa pergunta a mais estranha do universo... porque para mim, eu não me descobri. Eu nasci negro! Entende? A minha estética sempre foi muito negra... Sou negro e sempre fui eu em todos os espaços! Eu sabia que era negro, mas recentemente eu vim descobrir que eu era negro da pele muito clara! Durante toda a minha vida inteira eu era negrão e agora me noto um homem de cor parda.”*

Ao indagar sobre se descobrir enquanto pessoa negra, há atribuição de sentidos que só são compreendidos quando se percebe o que significa ser pessoa negra em um país atravessado por tradições racista, que vai ditar sobre sua forma de expressar a existência. Não basta nascer com melanina suficiente para ser encaixado enquanto pardo ou preto, é perceber o que significa ser pessoa negra quando se defronta com o mundo. A pessoa se torna negra a

partir do momento que é conectado a uma rede de sentidos que antecede a formação afetiva de consciência (Almeida, 2020; Souza, 2021)

*SCI-“O subúrbio é majoritariamente negro...e curioso que a minha cidade natal é muito colonial! É uma cidade muito racista então quanto mais escuro, maior o preconceito. Se eu sou mais claro, sou melhor que tu. Entende?”*

*SCI-“Certa vez numa festinha lá na comunidade eu fiquei todo empolgado com uma menina... Eu fiquei flertando... achei ela bonita e ela era retinta. Quando os meus colegas perceberam que eu estava flertando com ela... eles me levaram para outro lugar e ficaram me zoando. Essa é uma passagem que me chamou a atenção e hoje eu falo sobre isso com tranquilidade porque a infância passou e eu entendo que não tem demérito algum. Para mim não tem problema nenhum! A minha esposa é negra e também é de subúrbio.”*

A questão da classificação racial foi um debate construído dentro dos aspectos mais reais da miscigenação brasileira, como contextualizado no capítulo 1. Desde os primeiros contatos relacionais, a/o brasileira/brasileiro negra/negro está submetido a ideologias que compelem a repudiar diariamente sua negritude, elegendo um modo branco de ser e viver (Ferreira & Camargo, 2011). Apresento outro conceito inserido recentemente na questão do pertencimento racial, o chamado colorismo. Tema que Alessandra Devulsky (2021) problematiza o que legitima uma pessoa ser considerada negra ou não, e como no Brasil essa questão vai além e baliza uma hierarquização de diferentes negritudes para a predominância de privilégios ou não.

A expressão “quanto mais escuro, maior o preconceito” faz parte de uma realidade do contexto brasileiro que demarca o acesso por uma identificação de pertencimento de classe/cor. Onde ter um aspecto físico lido com mais semelhança da branquitude, de uma tez clara, as possibilidades estão abertas. Em ponto contrário, se a leitura fenotípica for de aproximação da negritude, essas possibilidades ficam limitadas. A demarcação de acesso social, como já explicada na seção sobre o mito da democracia racial no Brasil, coloca aquela

pessoa de pele mais escurecida/retinta em lugares mais excludente – seja na questão afetiva relacional, institucional, laboral e etc. Esse é um importante campo de reflexão para analisarmos o quão o fenômeno do racismo na sociedade brasileira tem peculiaridades complexas. Importante pontuar que isso não induz a pessoa se sentir mais ou menos negra, mas a autopercepção e a percepção do outro sobre os diferentes tons de pele pode ser importante ao avaliar os processos vividos, como um todo.

*SCI-“Eu aprendi outra coisa, infelizmente, sabe? Eu não posso chegar junto de uma mulher negra e fazer algum elogio porque pega mal. E ao mesmo tempo, quando eu também vejo um homem negro, eu não me sinto confortável para puxar um papo... eu fico na dúvida se ele se entende como negro. Outro exemplo é quando eu via mães negras levando as crianças na escola, eu tentava um contato e percebia que elas mantinham a cara fechada... E já quando elas viam minha esposa, aí tinha uma troca de sorriso. Entende? Aí eu compreendi, então, que é um espaço que eu não posso chegar. Então dentro da negritude também tem uma questão de gênero... Eu tive essa percepção.”*

*SCI-“Em contato com outros homens negros ao longo da minha vida, aqui principalmente depois da roda de homens negros porque o universo onde eu estava era muito branco também...discutimos sobre o aprender a ser homem e que ser homem negro não tem nada a ver com estereótipos.”*

Com esses fragmente surge uma questão interessante sobre a autoestima e afeto diante da barreira da discriminação, o gênero. Atualmente há ponderações sobre feminilidade a questão racial, mas só recentemente estudos sobre masculinidades negras disponibilizaram. Cunha e Tavares (2021) indica que o tema é abrangente e tem fragilidades pela falta de apontamentos para a diversidade masculina. Ao pensar no grupo de homens negros, percebemos valores construídos socialmente que validam o que é ser homem nessa sociedade com estrutura social patriarcal, racista e eurocêntrica em que a virilidade se insere como um valor disputado neste universo. E o aspecto que apresenta a maior vulnerabilidade é a própria estrutura racista.

Ao descrever as maneiras pelas quais as pessoas, negras em particular, desenvolvem sua capacidade de amar e lidar com afeto, Hooks (2021) diz que é necessário superar os valores de uma cultura patriarcal, racista, homofóbica, sexista e niilista. Analisando todo o contexto, diria que para um *vir-a-ser* em plenitude é necessário primeiro permitir esse contato com os próprios sentimentos sobre si.

*SC2- “Hoje eu estou inserida em um trabalho muito bom e de excelência! E estou lá justamente pela minha competência, não por minha aparência. Eu vi que entrei pelo meu currículo e isso me deixa muito feliz e mais dedicada inclusive. Eu vejo que eu tô lá porque realmente eu impressionei com aquilo que eu sei fazer. Antes desse emprego, eu tive outras experiências...e era algo completamente complicado, porque eu era a única pessoa negra lá. Eu me sentia um pouco acuada porque me destacava por ser a única pessoa negra Além do meu rendimento, tinha que ter uma postura diferente... Tinha que me portar como essas pessoas se portam...porque há um tratamento diferente.”*

Ainda necessário destacar o sentimento de inferioridade ao sentir a opressão racista nas instituições. Nessa lógica, ter pessoas negras ocupando certas profissões/cargos pode ocasionar surpresa e/ou estranhamento. O mercado de trabalho é a base da estrutura racista, onde por muito tempo foi espaço de subalternização, desvalorização e impedimento de ascensão para a pessoa negra (Almeida, 2018; Carneiro, 2020; Theodoro, 2022).

*SC3- “Tem uma música... que fala que as vezes a gente é seguido por um segurança que curiosamente tem a sua cor, mora na sua área e acho que conhece o tipo. Que é basicamente isso! Estava lendo um relatório, feito com alguns policiais militares, que passaram o perfil das pessoas que eles param na rua... E o perfil dessas pessoas, eram pessoas pretas, favelada, que normalmente estavam com bermuda, cabelo com determinado corte, chinelo de uma marca específica e camisa de time então... Basicamente esse era o estereótipo das pessoas que estão paradas, né? São pessoas pretas! São pessoas pobres! E são pessoas que facilmente são identificadas pela cor... então existem várias formas de racismo.”*

Junto da descrição da necessidade de reconhecimento no ambiente laboral que qualifique as habilidades e valorize as competências, há a percepção de solidão *versus* solidão, que diz sobre a necessidade da rede de contato e dos vínculos fraternais. A interseccionalidade, também presente na percepção do afeto, compreende diferentes exclusões que derivam de conjunções de opressões e operam continuamente sobre as relações sociais, podendo conjugar em modos de estigmatizações múltiplas e mais violentas. Logo, uma mesma pessoa pode possuir dois ou mais marcadores sociais de exclusão que a torna sujeita à a partir de variadas categorias sociais. Por exemplo: raça, gênero, classe, territorialidade, geração e espaço (Crenshaw, 2002; Davis, 2016; Akotirene, 2019).

*SC1-“Só em uma situação sempre me chamavam de ‘negrão’. E era situação de respeito entre meus primos e tios. Ali não era pejorativo. Ali era um tratamento totalmente afetuoso e carinhoso.”*

*SC2-“Não costumo relacionar com pessoas racistas, meus amigos não são... Só que no espaço social as pessoas são racistas! Até porque meus amigos são negros também... são as pessoas que convivo nos demais ambientes e onde estivermos juntos, todo ambiente se torna agradável. Se torna confortável estar com pessoas que são da mesma etnia que você... É notório para mim que quando estou com pessoas negras, eu acho que fica mais confortável.”*

*SC1-“Se estou algum ambiente tipo um café, bar, restaurante... e tem outra pessoa negra, você tenta... um contato, sabe? Homem, mulher, casal... A gente tenta um olhar, tenta trocar uma informação...busca um contato visual e as vezes não é recíproco. Isso aconteceu em vários ambientes aqui em Brasília. E hoje o meu vínculo é entre poucos amigos que chegaram também de fora e a gente formou um quilombinho.”*

*SC3-“A gente vive em ambiente onde a maioria das pessoas é da nossa cor...meus amigos mais próximos são da nossa cor, da nossa família... Então os locais que a gente frequenta junto eu me sinto bem.”*

Sobre a ocupação de espaços e sentimento de pertencimento, o estar junto daquele que vejo como semelhante e atribuo a mesma respeitabilidade de existência traz a sensação de amparo e partilha. Os pesquisadores Ricardo Ferreira e Amilton Camargo (2011) defendem que a subjetividade é construída através da experiência individual e coletiva, desde sempre mediado por um conjunto de crenças e valores instaurados historicamente. A pesquisadora Nilma Gomes, também defende que a construção da identidade negra se dá no processo coletivo e acontece “como um movimento que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora” (Gomes, 2008, p. 9).

Diante dessa noção da coletividade da negritude que o sentimento de pertencimento, por afinidade e apoio, acontece. Seria esse o sentido de aquilombamento referido que cria espaço de aconchego e reciprocidade, viabilizando a troca afetiva e potencializadora para a relação com o outro. Encerrando essa unidade trago o que Hooks (2021) ensaia sobre o amar, sobre as pessoas e destaco as pessoas negras. O afeto não está dado e é construção cotidiana, que só assumirá sentido na ação que significa dizer que precisamos encontrar para aprender praticar. Com essa prática surge o amor-próprio que ensina a nos aceitarmos e afirmamos quem somos e também nos faz capazes de afirmar e aceitar os outros.

### **3.2.3 Branquitude e sentimento de não adequação**

Foi dito sobre essa percepção na unidade de sentido sobre a autopercepção do racismo e agora explorada com maior profundidade nesta unidade de significação, cabe observar o fenômeno do racismo onde a aproximação com a branquitude, a proximidade de embranquecer hábitos desconfirma a autenticidade da negritude. Esse sentimento tem origens na política de branqueamento nos primórdios da formação da sociedade brasileira.

*SC2- “Quando chego nesses lugares elitizados, a sensação que dá é que todas as pessoas estão olhando para mim. Então... os meus movimentos tem que ser*

*friamente calculados. A forma como você pega no copo, a forma como você levanta um talher tem que ser com muita classe, com muita elegância! Porque você já está dando pinta, né? De pobre, negra e enfim... A sensação é de estar sendo avaliada o tempo todo.”*

Esse sentimento de não adequação não é inato. Ele surge das experiências que ao se afinar com a negritude não se é aceito então se faz necessário mostrar outra versão, novas versões que parecem menos passíveis de discriminações. Não é incomum a rigidez emocional e uma cobrança sobre humana em relação a experiências exitosas, como se não fosse autorizado errar. É esgotante e angustiante ouvir de pessoas negras sobre a dificuldade em serem valorizadas e aceitas nos espaços. O que implica em ter esforço maior e fazer muito mais para ser conhecida e reconhecida, para simplesmente ter o mesmo reconhecimento que pessoas não negras têm. É percepção de estar sempre na mira do erro e ter o fracasso como uma condição esperada. É a sensação generalizada que pessoas negras vivenciam - e me incluo enquanto mulher negra e pesquisadora - sobre o lugar de quem não pode falhar e que precisa indiscutivelmente ter o melhor desempenho.

Essa é uma questão importante que deve ser considerada na produção de sofrimento psíquico - estar todo o instante em alerta para estar adequado. Isso é presente no desempenho escolar/acadêmico, na trajetória laboral e também nas relações afetivas. Remete ao juízo de que quando é dada a oportunidade, ela não pode ser desperdiçada. Como se as pessoas que conseguem galgar lugar mais confortável na escala hierárquica de poder, estarão sempre passíveis a atitudes não louváveis. Como se o erro da pessoa negra não fosse passível de ser desculpada e/ou perdoada, relevada pela sociedade.

*SC2- “O padrão de beleza também não faz com que a gente se sintam bem! Você sente que não pertence a esse lugar que você não está a altura, né!? A gente tem a ideia de que a pessoa, unicamente por ser branca ela já é bonita! Ela é bonita e é aquilo.[...] Eu pensava que o simples fato da pessoa ser branca ela era bonita... mas hoje não! Hoje eu penso ao contrário ‘a pessoa é bonita mesmo ou ela só é branca?’”*

Nessas falas, que denota o sentimento da mulher negra perante a sociedade brasileira, é possível compreender que o lugar da mulher negra advém de uma experiência histórica marcada por estratégias de resistência e sobrevivência. Carneiro (2002) menciona que a identidade da mulher negra ainda é atravessada por uma diferença qualitativa da opressão imposta na cultura patriarcal, que a coloca em papéis sociais diferentes da mulher não negra.

O lugar de aproximação da branquitude, ou a tentativa de embranquecer (para uma suposta aceitação) conseqüentemente traz um distanciamento da negritude. Certo afastamento das origens e de si próprio quando precisa anular uma existência e se caracterizar.

*SC2-“As colegas de curso sempre marcavam de sair e sempre escolhiam lugares caros. Esse grupo, geralmente brancas e bem sucedidas, com pais bem sucedidos, né!? Eu sentia uma exclusão porque não tinha como frequentar esse tipo de lugar... e aí vai fazendo sentir não pertencente. Como não tinha condições elas pararam de me chamar. Não sei se notavam que eu ficava constrangida e sempre dizendo ‘não’.”*

Aqui se faz necessário refletir sobre a solidão da mulher negra, uma vez que essa é tida como superforte e acostumada a lidar com sofrimento silencioso. Como apontado por Grada Kilomba (2019), os receios de expressar o que foi sentido e apenas seguir em frente caracteriza o processo de silenciamento que para não dizer sobre a dor indizível do racismo, faz a ambivalência entre o permitir a verbalizar a situação dolorosa e as tentativas de simular uma super força para seguir sem sofrer.

O sentir exclusão por não ter acesso aos ambientes e o constrangimento em não poder fazer parte, transparece uma angústia existencial que logo substituída por um conformismo, silencia a angústia. Não é só uma questão de inferior condição socioeconômica, é também um indicativo das disparidades raciais no que diz respeito ao pertencimento social.

*SC1-“Fiz um ótimo amigo na escola, que era branco e rico. E na escola tem essa historinha de ir para a casa do colega, de dormir lá... eu ia para dele, mas ninguém nunca foi para minha. Eu nunca convidei para receber ele... e*

*não convidava porque nunca tinha comentado onde eu morava, por exemplo. Uma situação constrangedora, naquela época, foi quando teve uma greve de ônibus e o pai desse amigo foi busca-lo na escola e nos deu carona também. Só que ele foi passar em casa para buscar as empregadas dele e do vizinho... e elas viviam num morro próximo do meu. Quando passou pela avenida próxima, pedi para ele nos deixar lá, mas fez questão de nos levar em casa. Foi curioso porque ninguém comentou nada e depois continuei frequentando a casa deles. O engraçado que naquele momento, só as empregadas que comentaram dentro do carro que por ali até tinham algumas casas boas.”*

*SC2-“Na minha própria religião, quando vou a outra igreja localizada em área nobre, as pessoas já tem uma aparência completamente diferente. Já sinto um distanciamento. Entende? E dá a sensação de que quando as pessoas nos vêem, mesmo no ambiente religioso, elas recuam. Parece que elas querem ficar um pouco mais distantes. Eu tenho essa percepção! Quando eu troco de ambiente e vou para uma igreja que é frequentada por elite, já sinto a postura deles mudando em relação a pessoas negras.”*

*SC2 -“Em espaço elitizado eu ainda não consigo me sentir confortável... porque parece que eu me destaco! Sempre! Se a gente vai num jantar de negócios da empresa, se a gente frequenta alguma festa... claramente o número de pessoas negras é muito menor. É muito menor! E nesses espaços eu sempre estou rodeada de pessoas brancas.”*

Nos diferentes campos, é possível frequentar se vestindo e se portando do jeito que gosta ou precisa se adaptar/moldar para ser aceito em determinados espaços? Com essa narrativa, os espaços majoritariamente composto por pessoas brancas parecem hostil e indicador de uma disparidade de relações. E parece habitual que pessoas negras não estejam em lugares ditos elitizados. O lugar de destaque mencionado no fragmento não é alusivo a um lugar de homenageado, mas sim de exceção dentro daquele espaço. E leva a pensar que os lugares mais abastados são pouco acessados por pessoas negras. Onde estaria então a elite negra? Será que faz parte ou é bem-vinda neste meio? São questionamentos que levam a

pensar sobre o quanto a aproximação da branquitude pode causar distanciamento da negritude. Ao mesmo passo que avizinhar-se do espaço majoritariamente branco, pode causar sentimento de inadequação e estar em espaços majoritariamente ocupado por pessoas negras gera o sentimento de pertencimento.

É possível refletir sobre os lugares socialmente percebidos e ideologicamente construídos de corpos racializados, alega Arrelias (2020), uma vez que o corpo está ligado intencionalmente ao mundo e é parte fundamental para tal.

*SC2- “Eu sou muito acolhida e vejo que a chefia tenta me inserir, tenta me colocar em tudo aquilo que faz... porém ele não tem essa percepção das pessoa negra, óbvio porque ele é branco!”*

Esse depoimento indica aquilo referente a empatia, troca e alteridade, onde por mais que o outro não tenha ciência, há situações que são vivenciadas apenas por quem as sente. E essas nem sempre são passíveis de serem explicadas e tão pouco compreendidas. Perls (1977) sugere que quando a expressão da singularidade é reprimida por uma cultura de massa fundamentalmente vazia de significação, a individualidade torna-se difícil de ser entendida.

*SC2- “Mas também nunca me encaixei nesses grupos... nessas rodas de conversa os assuntos não... não batem. As pessoas não têm a mesma vivência. Sentia como se de alguma forma abrissem cotas para dizer ‘olha tenho uma amiga negra’. Então por não ser um ambiente confortável para mim, com o tempo eu fui vendo que eu não precisava disso! Vi que não é algo que me acrescenta... então fui me afastando desse tipo de grupo.”*

*SC3- “Durante a graduação eu evitei determinado espaços... E quando eu preciso estar em um lugar mais elitizado e branco, eu me sinto incomodado! E eu não consigo me enxergar ali... por conta das pessoas, de quem tá ali... Eu olho e eu não me vejo lá dentro. Isso me incomoda! Só que isso não me incomoda, a ponto de me vestir de uma outra forma... Eu vou ficar com meu incomodo mas, eu vou ficar também com meu estilo que é daquele jeito ali!”*

Mesmo diante do incômodo, permanecer sendo quem se é, é uma forma de resistência. Essa fala faz alusão ao que Alves (2021) defende sobre o empoderamento da pessoa negra além da lente individualizadora, para que conseguir incluir a compreensão de contextos estruturais sociais que afetam fenômenos pessoais e interacionais. Já que “pessoas racializadas são formadas por condições estruturais. Nesse sentido, podemos dizer que é o racismo que cria a raça e os sujeitos racializados” (Almeida, 2018, p. 50).

Destacar incômodo com o padrão da branquitude não se trata de uma relação beliculosa. É na verdade um convite a reflexões sobre as lutas nos atuais conflitos entre a autonomia de viver e a falta de reconhecimento desta, por parte da sociedade que negligencia e minimiza os atravessamentos da questão racial na vida de pessoas negras.

#### **3.2.4 Tomada de consciência para o *vir a ser* pertencente**

*SC3- “ Eu sinto que eu até precisaria me importar um pouco... porque eu não evito determinadas situações que eu conseguiria evitar, se eu utilizasse um estilo de roupa diferente ou se de repente eu fosse com o cabelo um pouco mais... mais amarrado e tal... Só que eu não me importo! Então eu acabo indo para o confronto nesse tipo de situação.”*

*SC2- “Eu me sinto bem usando meu cabelo das duas formas! Tanto liso quanto cacheado e acho que o nosso cabelo ele permite essa transição... Essa Liberdade para usar o que a gente quer! E por sorte eu gosto das duas formas.”*

*SC1- “ SC1 - “Aí tem outro elemento que me fazia ser respeitado... que foi o ensinamento de minha mãe e a educação natural do meu pai, eles se articulam muito bem e por isso, meus irmão e eu, nós temos um vocabulário sofisticado. Nossa mãe foi nos preparando... então hoje em dia eu transito em vários espaços com naturalidade e nos momentos em que vivi um racismo mais explícito eu rebati. Eu não me sentia diminuído, eu achava a situação estranha!”*

Nesta unidade foi identificado certo empoderamento de si, quando ocorrida a conscientização sobre os aspectos que constituem seu processo subjetivo. Notar que existe um fenômeno externo que interfere a toda instante no mundo vivido, para partir disso em busca de sentidos para existir e se encontrar pertencendo a um lugar no mundo. É entendido que o acesso a educação e a informação são fundamentais para a construção de significações novas. Uma vez que munido de conhecimento sobre os fatos do mundo é possível estabelecer os próprios critérios para fazer de si e de suas atitudes aquilo que for desejado. Talvez assim se faça possível deslocar do lugar de exclusão para acessar um campo de pertencimento.

*SCI-“Meus tios enfrentaram uma barra muito grande por serem negros retintos e fazerem curso superior lá em 1960... e então eles prezaram muito pela nossa altivez. Se eu tivesse crescido só no subúrbio e não tivesse recebido a educação que recebi e também não saísse nesses espaços elitizados, eu iria forçar uma altivez que eu não teria naturalmente. Entende? Então a altivez da negritude eu tinha!”*

*SCI -“Não é incomum ver nos colegas mais retintos, principalmente lá no subúrbio onde morei que faz parte dessa cultura local muito colonial, terem posturas mais submissas. E um dia vi um negro retinto, na universidade, passar com altivez... logo pensei esse cara não é brasileiro! E eu acertei! Eu acertei... ele era é senegalês. Pela postura eu vi que não era brasileiro. Já observei que todo mundo que vem de subúrbio tem as costas pouco arquejadas... tem uma postura mais arquejada. Então quando você vê um negro retinto na universidade particular andando naturalmente, com a coluna bem ereta... e isso com uma naturalidade tão grande que não tem como ser brasileiro!”*

*SCI-“As vizinhas no parquinho sempre perguntavam sobre a minha esposa. E ela sempre estava fazendo atividades típicas de quem é de classe média, como o ioga. Coisas que as mães aqui do prédio não faziam, apesar de terem dinheiro para fazer. E elas ficavam muito curiosas sobre a minha esposa estar nessas situações... E a postura de altivez da minha esposa, deixava as outras*

*vizinhas racistas despeitadas... Ela sabe conversar, sabe dar um fora, sabe ser simpática... Então o pessoal viu que ela não era qualquer uma.”*

O estranhar da naturalidade ativa de uma pessoa negra em um ambiente visto como elitizado, nos diz sobre essa cultura de tratar com normalidade a postura submissa da população negra nesses lugares. Ao se apresentar diante do outro com postura segura e se impor de forma equigual, é rompida a ideia primária de postura subalternizada. Não se trata de um ar de grandeza e sim de uma conduta comum que nos prepara para não naturalização ter pessoas negras de maneira desconcertada nos diversos contextos.

A postura de altivez aqui é descrita como um meio que possibilita confrontar, enfrentar e romper com o lugar discriminado que o racismo impôs. Expressa o sentimento de autoaceitação quando não precisa mais se descaracterizar de quem é para ser aceito em algum campo ou ambiente. E também a surpresa em lidar de forma confrontativa diante as expectativas sociais, ou voltar a ser quem era para de fato *Vir a Ser*.

*SCI-“Eu era de bairro periférico e estudei uma parte em bairro elitizado[...]Eu e meus dois irmãos... a gente ia de ônibus e tava convivendo com a maioria de colegas brancos e alguns deles nunca tinham andado de ônibus na vida! Esse período me ajudou a transitar entre esses dois universos, o do subúrbio e o universo branco, de classe média alta.”*

*SCI-“ Na escola do subúrbio a maioria era negra, na escolinha particular a maioria era branca. Na faculdade particular também vi uma mistura maior, mas depois que tive a oportunidade de fazer pós-graduação na Federal aí sim vi um público majoritariamente branco. Eu me sentia parte porque eu aprendi a lidar com isso lá na escola quando estive no colégio particular.”*

Aqui começa a se desenhar a tomada de consciência sobre o processo vivido diante das disparidades encontradas. E estar diante dessa realidade é solicitado algum meio para estar inserido também, foi entendido que repertório de situações vividas trouxe meios de lidar com a questão racial, desde que tenha a percepção dessa questão.

É na tomada de consciência racial ou da racialização que se torna possível a formação da identidade racial positiva, levando em conta que a definição da identidade da/do negra/negro passa pela demarcação não apenas da negritude, mas fenótipo, ancestralidade e identificação cultural (Carvalho, 2015 Santos, 2021).

*SC3- “O uso de turbante é cultural! Fala de uma história, de uma tradição... E que é possível ser usado, por gostar ou só porque acho bonito mesmo. Para mim, ele representa não só um acessório significativo! Me traz realmente marcas, tradições ancestrais... porque é uma parada identitária. E é algo que tem uma origem ancestral, alguma carga histórica... que nos puxa para determinadas coisas como gêneros musicais específicos, preferência por algumas estampas. É recordação daquilo que é ancestral, daquilo que é um adorno real. De realeza mesmo! Eu acredito que é um resgate daquilo que é minha origem...da origem que nós temos, enquanto pessoas negras! É a história real, diferente da contada na mídia e na escola, é que nós não temos uma origem que vem da escravização. Na verdade nós temos um origem que vem da realeza! Então é uma parada que me remete a essa realeza!”*

Diante desse depoimento, inquietações são provocadas a pensar na quantidade de anos/décadas/séculos as pessoas negras tiveram sua figura de identificação apenas com a do sofrimento. Por quanto tempo foi imposta a imagem pessoa semelhante sendo açoitada, violentada, escravizada, humilhada e menosprezada? E agora como construir uma referência positiva quando a realeza fora forçada a ceder espaço para a escravização? Então observar essa tomada de consciência de que a utilização de acessórios característicos da cultura africana é um resgate da realeza e ancestralidade separada por diáspora. É um resgate da própria autoestima e ressignificação dos significados.

É a liberdade de poder ser quem e sem o receio da lapidação alheia. Notando que as primeiras formações educacionais associava o povo negro ao subalterno e que descendem de pessoas escravizadas, quando na verdade toda a riqueza cultural e identitária fora anulada,

apagada e simplesmente desconsiderada. Importante resgatar a autonomia de realeza para que também o sentimento de altivez e respeitabilidade seja provocado a existir.

*SC3- “As estampas coloridas, os adornos, os colares, os turbantes... são paradas que remetem a essa realeza! Por isso eu acho que é bonito e que é válido que a gente utilize. Inclusive eu acho que o uso do turbante deve ser feito em ocasiões festivas específicas, porque é um adorno da realeza. E eu usei dentro da celebração mais importante do calendário da minha tradição religiosa. Foi justamente com esse intuito que eu usei! E aí eu fiquei satisfeito com resultado, apesar de incomodado com alguns olhares dentro da igreja.”*

Outro critério significativo para a identidade é a valorização da sua cultura. Fonseca (2020) diz que se tratando da construção de identidade, essa não se dá no vazio. É produto inacabado, construída de forma contínua e partindo de elementos constitutivos como território, oralidade, tradições culturais. Munanga (2012) argumenta que pensar em identidade negra no Brasil supõe a existência de outras identidades, além da nacional. “O que nos remete ao contexto de um país multicultural e multirracial, ou seja, ao multiculturalismo” (p.2).

É válido atentar ao impacto que as manifestações de racismo despertam na construção coletiva da identidade da negritude. Como exemplificada, a rejeição social de um acessório que estimado em certa cultura pode ser desaprovado em outra quando não faz parte do contexto cultural, seja pela imposição de um padrão ou pelo puro desconhecimento. Considerar o ser humano na relação estabelecida no campo vivencial é forma primordial de existência (Arrelias, 2020) que implica em recusar qualquer possibilidade de desvalorização tal como reverenciado pela sociedade desigual em que estamos inseridas/os.

Usar, desfrutar, exibir e estar inserido ao meio cultural que traz sentimento positivo e valorado, é um ato de re-existir. Somo ao que foi dito/escrito por Sueli Carneiro (2020), que esse desejo do reconhecimento de uma identidade cultural decorre ao direito de ser quem somos, sem precisar nos negar para sermos aceitos.

Aproveitando a teorização dessa vivência, convido a findar a discussão dessa unidade de significação com as reflexões sobre o que Fanon (2020/1952) adverte em termos de ontologia sobre a identidade da negritude.

A consciência negra é imanente a si própria. Não sou uma potencialidade de algo, sou plenamente o que sou. Não tenho de recorrer ao universal. No meu peito nenhuma probabilidade tem lugar. Minha consciência negra não se assume como falta de algo. Ela é aderente a si própria (Fanon, 2020, p.122).

### **3.2.5. Resignificar o enfrentamento**

*SC2- “A gente tem que fazer o que a gente é ensinado a fazer desde sempre, né!? Seguir em frente e agir naturalmente! É ignorar que esse tipo de situação está ocorrendo por conta unicamente da cor da sua pele...e vida que segue! Porque não dá para simplesmente ficar absorvendo esse tipo de coisa o tempo todo, porque se não a gente não vive! Entende? A gente, infelizmente, tem que aceitar... Não é nem aceitar a palavra, mas a gente tem que entender que isso faz parte do nosso cotidiano e que, infelizmente, é algo que parece não mudar. É algo que já está muito enraizado na nossa história e que vai passando o tempo... mesmas coisas... E mesmo a gente tendo diversos discursos e diversos estudos sobre questões raciais, feministas, enfim... esse tipo de preconceito sempre acontece. Claro que a gente tem que continuar lutando para diminuir essas questões, mas a real é que infelizmente a gente tem que lidar, faz parte do nosso dia a dia. Então... É algo revoltante? É! Mas é algo cotidiano.”*

Esta unidade foi identificada justamente pela descrição que o fenômeno do racismo é cotidiano e reconhecer a presença dele na nossa existência enquanto seres humanos, nos permite meios para enfrentamento. Reverbera o sentimento de revolta e ao mesmo tempo sinaliza que o modo de superar esse obstáculo é seguir. Expressa também um cansaço de lidar com isso cotidianamente e traz o alerta que absorver – tornar internalizada a violência racial praticada – não é benéfico a nossa forma saudável de existir e pode afetar a nossa capacidade de resiliência.

*SC3-“A companhia que me refiro é essa coisa de ser vigiado e seguido pelo segurança. A resignificação deste termo, infelizmente, é uma forma de lidar, né? É a forma de lidar para eu seguir normalmente.”*

Ressignificar, é dar novo significado. Significado este que vem da autopercepção do racismo, da possibilidade de sentir pertencente e da tomada de consciência sobre si. Aceitação com certa naturalidade para meios de enfrentar, fala da busca consciente para algo que possa compreender a sensação de lidar com situações dolorosas e seguir em busca de possibilidades, em sua existência, para escolher suas relações com o mundo (Forghieri, 2011/ 1997). Afinal a adaptação é o modo mais apropriado para o homem se relacionar com o mundo circundante.

*SC2-“A gente tenta se adaptar principalmente quando precisa se manter em algum lugar, quando vende a nossa aparência... talvez a nossa imagem tem um padrão a ser seguido. E a gente tem que jogar conforme o jogo.”*

O depoimento expresso aqui, remete a um conformismo que leva a crer que é preciso resignificar para não sofrer. Não basta identificar, é necessário atualizar os recursos existenciais para lidar com tantas questões (Fonseca, 2020). Uma vez que nem sempre lhe é permitido sentir raiva e indignação pela situação vivenciada ou tratamento recebido, sem que lhe seja colocada em dúvida a veracidade e motivação para tal sentimento. É percebido o distanciamento do sentir, a ponto de não ser legitimada a própria experiência. Então dar novo sentido permite a plenitude do ser em si.

*SC2-“Eu reajo não mudando a minha postura de forma alguma! Eu acredito que eu tenho direito de estar lá como qualquer outra pessoa. Se vir a ter algum problema...se ocorrer diretamente de alguém pedir para revistar a minha bolsa... eu espero não precisar chegar a esse ponto, mas é algo que eu já estou preparada! Vou tentar lidar acionando o jurídico. Poxa...se eu estou sofrendo racismo e isso é crime, eu vou processar a loja!... que são os mecanismos de defesa que eu tenho para acionar, né!?”*

A descrição desses meios para enfrentamento, sugere um autossuporte que Perls, (1960) define como a capacidade de potencial da pessoa usar conjunto de recursos, desenvolvidos ao longo da sua existência para sustentar algo.

*SC3- “Com muita frequência a situação passa a ser até engraçada... Porque é aquele negócio, é tão complicado... que gente aprendeu a rir do nosso sofrimento, porque se a gente chorar a gente morre antes! Então acabo achando engraçado e acabo levando na brincadeira.”*

*SC3- “Uma vez o professor fez insinuações sobre meu modo de vestir. Não me importei ali no momento, mas que foi uma situação no mínimo esquisita para eu me avaliar... A fala do professor foi no mínimo estranha, mas é um tipo de situação que para mim, acaba se tornando normal, né? E eu me acostumo. Não sei se deveria ter me acostumado, mas me acostumo! Isso porque acontece muitas vezes... já aconteceram situações parecidos. Então acabei levando mais nesse sentido, né!? Foi como aprendi a lidar.”*

Ressignificar é também tentar produzir novos ajustamentos a um funcionamento para poder experienciar a vida de forma saudável. Criar meios para enfrentamento elimina tensões iniciais e visa a totalidade, a completude do ser. Na medida em que se elenca um fato, o objeto e a consciência se constituem nessa relação. É um processo saudável que apresenta-se como uma forma fluida de se colocar no mundo no momento em que se está consciente da maneira de vivenciar e reconhecer as questões pessoais e interpessoais. Enfim, a forma como vivencia a singularidade de ser (Zinker, 2007; Fukumitsu et al., 2009).

A partir de recursos disponíveis para pessoa no momento, há possibilidade de enxergar, vivenciar e resignificar. Afinal, como pontua Ponciano Ribeiro (2011), o ser humano no mundo é um ser vivo e dinâmico cuja a vida brota de seu próprio processo de crescimento e de desenvolvimento. E é neste lugar que surge a relação criadora de sentido.

*SC3- “Eu conversava com uma professora na universidade sobre racismo, ela é branca obviamente! E... eu não me recordo de ter tido nenhum professor que não fosse branco na universidade... E aí, as vezes falava de questões sociais e*

*eu trazia algumas situações de vivências e contava para ela sobre ser seguido pelos seguranças... e ela ficou surpresa.[...] E a gente sabe que não é da mesma faixa econômica que ocupo... Cansei de ouvir colegas brancos rindo da história, como se eu tivesse contando alguma coisa que fosse engraçada. Pode até ser engraçado para ele, para mim não é. É uma história dolorosa! Sobre as roupas... se a pessoa branca se veste de uma forma específica ela tem estilo e não vai ser seguida pelo segurança... então eles não passaram por esse tipo de coisa. Não entendem.”*

Aqui a descrição denuncia o privilégio da branquitude (Bento, 2002) que pode se vestir como quiser, rir de uma situação por não entender a mesma vivência e até minimizar, com zombaria, aquela experiência que para o outro é uma vivência e sofrimento. Identificar a forma privilegiada que pessoas não negras têm, também é entendida como um recurso de enfrentamento. Pois subentende-se que o problema não é a pessoa-alvo do racismo e sim quem o perpetua. Essa mesma percepção é observada pela autora, quando diz que na problemática racial brasileira não é coincidência o fato de referir ao racismo enquanto "problema do negro brasileiro" sendo que na verdade é um problema de quem o pratica. Em nem sempre assume ou reconhece a prática.

Sobre a temática, trago a pesquisa sobre a branquitude de Lia Schucman (2014). A autora afirma que a ideia de superioridade é o traço fundamental da construção da branquitude no Brasil, notando que a ocupação desta posição foi sistematicamente privilegiada no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. “A experiência da própria identidade branca é vivida imaginadamente como se fosse uma essência herdada e um potencial que confere ao indivíduo poderes, privilégios e aptidões intrínsecas” (p.90).

Assim, é preciso que a branquitude, como lugar de normatividade e poder, se transforme em identidades étnico-raciais brancas onde o racismo não seja o pilar de sua sustentação, para tal é primordial ter ciência sobre o racismo latente e perceber os privilégios.

A partir disso, desconstruir o racismo e os significados racistas apropriados por cada sujeito (Bento, 2002; Schucman, 2014).

Os impedimentos institucionalizados de pessoas negras de narrarem a si, de se apossarem de suas vozes e estéticas permite a manutenção de inscrições sociais desses corpos a partir do olhar inferiorizador da branquitude privilegiada. Arrelias (2020) alerta que a existência hierarquizada só se mantém porque é visibilizada e naturalizada a partir do olhar e da estética de quem a institui - o corpo branco. Talvez assim seja possível produzir novos sentidos para o que significa ser branco e o que significa ser negro, no Brasil.

Apresento ainda nessa penúltima unidade de significação, a questão de identificação racial dos participantes dessa pesquisa comigo, que além de pesquisadora também sou lida/vista enquanto pessoa negra. Senti que o diálogo foi facilitado por essa identificação. Em concordância com Alves (2021), que salienta em sua tese sobre a reflexibilidade, o fato da pesquisadora ser mulher negra pode ter facilitado e influenciado positivamente a abertura para disposição das pessoas entrevistadas a participarem da pesquisa.

Penso também que há um tipo de sentimento diaspórico que nos une e também nos impulsiona a construção de outro percurso histórico. Considerando que se fosse uma pesquisa sobre atos racistas, suponho que teríamos experiências descritas de forma diferente a depender se a entrevistadora no encontro fosse uma pessoa negra ou não negra. Fiz a pergunta “Você se sentiria confortável para participar dessa pesquisa, caso a pesquisadora não fosse negra?”

Como resposta:

*SC1-“Se você também não fosse negra eu não me disponibilizaria para a pesquisa. Se alguém chegasse e me falasse sobre uma pesquisa dessa, que fala sobre ser uma pessoa negra que enfrenta todo sofrimento que a população passa... e me informasse que a pesquisadora é uma pessoa branca eu não iria contribuir porque acho que não seria interessante, sabe?”*

SC2-“ Não! Não me sentiria confortável, porque a sensação é que eu tenho sempre que estar explicando é o básico, sabe? ‘Porque as pessoas negras sofrem mais do que as pessoas brancas’. ‘Porque a gente tem que ser sempre avaliado nas situações’. E tem que explicar um pouco mais detalhado, né? Porque, obviamente, a pessoa não tem essa experiência... ela não sabe como é o racismo. No máximo ela saberia se ela se relacionasse com uma outra pessoa negra. Talvez ela teria essa percepção, essa visão um pouco mais aproximada...mas a vivência mesmo ela não tem! Então a gente tem que estar explicando sempre, tem que estar detalhando e se estendendo. Então acho que não seria a mesma coisa! Para mim, estar falando com uma pessoa negra é um pouco mais confortável, é algo que parece que já está nas entrelinhas... Parece que é algo compartilhado... que todo mundo já viveu, nem que seja um pouco. É terrível, mas é algo que já compartilhamos.”

SC3-“É uma questão interessante...se eu fosse falar essas histórias para uma pessoa que não fosse negra, eu ficaria com uma carga muito menos leve. Sabe? Seria mais doloroso ter que explicar o porquê... É um tipo de situação de saber que eu estou contando para uma pessoa que está entendendo. Porque eu sei que é situação que eu passei, que com certeza você passou e que é uma parada que nos atinge. Todos os dias! De uma forma ou de outra, nos atinge todos os dias! Então não tem porque eu ficar remoendo situações que talvez você também tenha vivenciado... Se essa entrevista fosse feita por uma pessoa branca, talvez eu trouxesse a carga emocional de tudo aquilo que aconteceu de uma forma mais objetiva. Eu não faria uma... uma ressignificação... enquanto eu conto o relato. Eu contaria de uma forma mais sisuda, mais séria e menos confortável para pessoa entender o quanto isso é violento. Eu não evitaria que a história fosse de alguma forma mais agressiva, justamente para que a pessoa entenda isso também. Porque a gente entende! Essa situação só acontece com a gente. Quando falei, por exemplo, ‘uma companhia’ eu entendi que automaticamente você saberia que estava me referindo a ser seguido pelo segurança. Com certeza se fosse uma pessoa branca, eu diria que fui seguido e não acompanhado, porque ela acharia que a companhia seria para a segurança e não por suspeita.”

Para fechar a observação desse fenômeno, trago o que Santos (2021) ilustra com a situação de Carl Rogers, quando na produção de vídeos sobre o manejo clínico sobre a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), surge a necessidade de lidar com experiências atravessadas por um viés racial. E nota-se que quem acolhe ignorou as situações raciais presentes no discurso, ignorando inclusive a disparidade entre a própria identidade racial enquanto branco. E por isso trazemos que é necessário colocar entre parênteses as próprias condições das formas de ver e sentir, para compreender a real dimensão e ter a consciência que discursos contemporâneos tendem a mascarar o racismo e substituí-lo por uma narrativa que responsabiliza a pessoa-alvo desse racismo. E para este momento é fundamental apreender e suspender as percepções de que o desenvolvimento do *Ser-no-Mundo* forneceu bases igualitárias a todos.

### **3.2.6 Quem Eu Sou na minha existência**

*SC3-“A sociedade brasileira foi construída para que as pessoas negras não chegassem em determinados lugares! E as pessoas que tentam fugir desse bloqueio social que as impedem de obterem sucesso... e nem falo de sucesso financeiro, de dinheiro, de status, mas de minimamente sair desse lugar que foi pré-estabelecido à margem da sociedade... As pessoas que lutam para não ficar nessa margem, elas são mais uma vez subjugadas e mais uma vez são colocadas neste lugar. Lugar de não pertencimento, que na verdade é um não lugar, né? A sociedade não foi pautada para pessoas que têm a minha cor, que tem essa aparência. Então... é uma vivência horrível, mas que a gente vai cada dia tentando fazer com que ela seja menos horrível. Se é que isso faz sentido, se é que isso é possível. Amo ser quem eu sou, mas é difícil viver onde vivo com minha cor!”*

Nesta última unidade de significação, aparecem descrições firmes e carregadas de interpretações sobre o mundo vivido. São percepções necessárias para compreender as facetas do existir enquanto pessoa negra em mundo racista, agregando a essa existência os

determinantes sociais, culturais, políticos e ambiental. Aqui é indicado que a vivência do mundo próprio (interno) é associada a falta de liberdade existencial, por precisar estar em constante vigília para continuar (sobre)vivendo.

*SC1- “Eu sempre li e ouvi sobre negritude... eu fui instruído ao longo da vida, mas não achava que fosse algo importante, mas depois que eu tive filha negra a minha mentalidade mudou! E com a atual companheira negra, eu precisei ainda mais de elementos. Sabe? Eu entendi que era necessário estar preparado e não apenas estar presente. E as informações, que até então eu tinha sobre mim e sobre as outras pessoas negras, mudaram. Agora sou um homem negro adulto... e eu precisava enfrentar isso.”*

Descrições que não expressam necessariamente o sentimento de indignação, mas compartilham sobre o cansaço de sempre se impor para ter um lugar respeitado, o que deveria sê-lo naturalmente. Há também o alerta para a necessidade de letramento racial para enfrentamento dos mecanismos racistas socialmente instituídos.

A leitura alcançada com a partilha dessas descrições – que justifica o capítulo 1 desta pesquisa ao contextualizar a questão racial no Brasil – é que essa dificuldade de mudar e poder ascender vai de encontro ao que Carneiro (2005) escreve sobre o esforço de integração, da pessoa negra na sociedade brasileira, sempre esbarrar na invisibilidade do sujeito negro nas diferentes esferas da vida.

*SC3- “Fui instruído desde sempre que é preciso sair de uma forma específica. O meu pai fala comigo desde criança ‘olha... você é uma pessoa que tem cor, então você precisa tomar cuidado em determinados lugares. Você não pode jogar uma nota fiscal fora. Sempre carregue a nota fiscal dentro da sacola! Dentro de uma loja, nunca guarda nada dentro da mochila!’. Isso eu aprendi desde criança.”*

Instruções que foram passadas ao longo da vida, por mães e pais, do que fazer, não fazer, como fazer e se portar, para não ser visto como um possível suspeito de algo, geralmente negativo e letal. Aqui se faz importante falar sobre os efeitos simbólicos em ser pessoa negra e não negra, que corroborando com Fonseca (2020) podemos refletir que

pessoas não negras (geralmente brancas) vivenciam o privilégio de ter a segurança que os/as filhos/filhas receberão matérias curriculares que testemunhem a existência de sua raça; a não necessidade de educar filhos/filhas para atentar quanto ao racismo sistêmico para sua própria proteção física diária, a certeza de que precisando de assistência jurídica ou cuidados médicos a sua cor não o/a impedirá de ser assistido/assistida.

Esses fragmentos trazem outra pontuação significativa e pouco singela quanto à orientação a guardar notas fiscais para suposta proteção e meio de comprovação de idoneidade moral, caso necessário. Leva a pensar que fatores foram moldados para que a suposta segurança seja na verdade uma luta para vivência. Enquanto escrevo sobre essa narrativa, me coloco em lugar reflexivo sobre o meu próprio costume de sempre ter as notas fiscais na bolsa, independente do local aonde eu venha a adquirir algo. Disserto e noto também sobre o quanto esse relato é comum nas discussões de pautas raciais, na escuta clínica de pessoas negras e no bate-papo informal nos meios que partilho. Leva a crer que apesar de significações únicas para cada pessoa, esse fato não é uma vivência singular e sim uma angústia coletiva.

Esta análise fornece subsídio para compreender os efeitos subjetivos proeminentes dos critérios raciais e do lugar simbólico que contorna as subjetividades de sujeitos negros e não-negros (Santos, 2021). Assim percebemos a nós mesmos e aos outros em uma sociedade racializada, que recorta e diferencia o mundo por critérios raciais em diversos contextos.

*SC3- “Quando preciso sair, sempre é com uma roupa mais apresentável... mais aceitável. Todas as vezes em que eu tive que ir para algum lugar, sempre a minha mãe e meu pai me obrigavam a sair arrumado. E eu preciso sair arrumado? Preciso! Escolher uma roupa melhor, usar tênis. E eu não gosto muito... se eu pudesse, eu iria do meu jeito largado e confortável.”*

Diante dessa espécie de manual para sobreviver, fica a indagação de quem seriam as pessoas que tem total liberdade para transitar na sociedade sem se preocupar com a aparência e comportamento? Quem é autorizado a vestir tendência e assumir qualquer estilo sem se

preocupar com o impedimento de acesso a determinados espaços? Quais seriam as informações/mensagens e/ou códigos portados no corpo negro?

Acheille Mbembe – homem negro e africano, na atualidade um dos mais influentes intelectuais da filosofia, da história e professor universitário de ciências políticas no Estados Unidos – partilha em seu livro “a crítica da razão negra” uma reflexão sobre o mundo na contemporaneidade a partir de uma perspectiva decolonial que dilui as correntes ideológicas eurocêntricas sobre a humanidade. Explana que no contexto afro-americano-latino, o racismo consiste em “converter em algo diferente, uma realidade diferente. Além de ser uma força de desvio do real, que fixa afetos, é também uma forma de distúrbio [sofrimento] psíquico” (Mbembe, 2014, p.67). Diante disso, podemos dizer que o conjunto de discursos e saberes sobre a existência enquanto pessoa negra é aquilo que afirmamos ser verdade, com suas significações.

Para reforço dessas ponderações, compartilho do questionamento feito por Gabriel (2021) se a pessoa “negra fará parte da identidade humana em geral? Ou deveria antes, em nome da diferença e da singularidade, insistir na possibilidade de figuras culturais diversas de uma mesma humanidade?” (p.158). Para ultrapassar a opressão do racismo e chegar à liberdade, não basta um sutil tratamento de memória, requer-se ainda uma reconstrução de autonomia. Considerando que a memória, fazendo analogia à definição de Merleu-Ponty, é fundante da consciência presente que surge do olhar sobre a realidade do mundo, sobre o outro, sobre o eu e sobre o invisível.

Por fim, como um tipo sentimento partilhado, trago essas reflexões proporcionadas ao caminhar para o final do encontro das entrevistas. Abri a pergunta “tem algo mais que você gostaria de partilhar ou de trazer?” Como respostas:

*SCI- “Espero ver as pessoas negras ocupando todos os espaços. Não é uma questão de reparação histórica... é presença! Presença porque ainda temos*

*diversos ambientes que a gente ainda não tem negros ocupando o espaço. Então a gente abre cotas e vai passar a ter mais profissionais negros e essa presença vai dar mais diversidade! A gente vai se acostumar com aquela presença na sociedade!”*

*SC2-“Eu só queria deixar registrado que não é vitimismo. A pessoa negra tem que passar por muita coisa... se sente inferior. A pessoa branca parece que gosta de humilhar a pessoa negra, falar de forma pejorativa. E nós precisamos lutar pelo nosso espaço! Gostam de chamar a nossa dor de ‘mimimi’. A questão dos direitos por cotas, elas dizem como se a gente tivesse pedindo esmola... E eu acho isso um saco, sinceramente! ‘ eu não concordo com cotas.’ Olha... se a pessoa não é negra, ela não precisa concordar mesmo não! Não é um sistema que desfavorece o branco para favorecer o preto... É um sistema que está tentado buscar igualdade! Com tantos anos de sistema cotista, basta andar pelos corredores da universidade que você vê que a imensa maioria é branca! E as pessoas ainda assim querem minimizar e tornar desnecessário dizendo que isso é causar desigualdade. As pessoa ainda tentam tirar o pouco que a gente têm, mas não vão tirar!”*

*SC3-“Esse pensamento racista não está só na graduação. Está também no lugar que a gente vive. Poucas pessoas tem esse mesmo letramento racial, porque esse é o objetivo da sociedade! A pessoas não entendem o quanto as pessoas pretas ainda sofrem... não entendam os tipos de racismo que são repercutidos dentro do nosso país. E é uma sociedade que foi planejada para funcionar dessa forma e por isso que o racismo é um crime perfeito, no Brasil! Foi desenhado para ser desse jeito, de uma forma que seja indecifrável para quem não tem letramento racial. Inclusive a ciência precisa chegar a esses lugares que, as vezes, ainda é racista, misógino, machista e negacionista... Quando buscam ocupar espaço, fazendo mais conhecimento nesse aparelho ideológico que é o espaço acadêmico, a nossa população ganha muito!*

Peço licença para parafrasear Arrelias (2020) ao dizer que a inquietação que me move em busca do diálogo acontece em tempo-lugar de abertura de campo que me possibilita lançar reflexões baseadas para além da lógica de compreensão fenomenológica tradicional. Pesquisar

não se trata apenas de quem escreve, mas principalmente de como escreve e socializa o conteúdo recebido. Uma vez que a escrita, a escuta e a leitura não são neutras, por nossa construção de percepção de mundo ser atravessada pelo lugar que ocupo. Por isso narrar é também impedir o esquecimento e evitar que condições degradantes da existência continuem.

Fecho, essa seção, sem nem ousar interpretar as considerações finais feitas pelos participantes da pesquisa, pois na existência e no aqui-e-agora, a experiência é mais confiável do que a interpretação (Yontef, 1998).

### **3.3 Estrutura Geral de Significados Psicológicos: Síntese Descritiva do Fenômeno**

Nas tentativas de esboçar um sentido geral, algumas descrições se fazem imperiosas, em significados psicológicos que transcendem a mera descrição, e se apresentam como fenômeno. Inicialmente partilho a síntese geral de cada encontro/entrevista/experiência descrita e logo a interpretação das unidades de significados como um todo. Compreender a realidade, tal qual ela se apresenta, requer perceber o padrão inteiro e não pequenos fragmentos do que se é apresentado. E o todo que foi apresentado lembra que as experiências de racismo tem uma significação importante na vida dessas pessoas. Saliento aqui alguns aspectos.

Em relação a partilha do SC1- foram notadas narrativas atravessadas por uma questão de pertencimento de classe social. De autopercepção das demarcações raciais relacionadas ao fenômeno do colorismo no Brasil, da referência da masculinidade e da autoidentificação a partir da relação com o todo que diz respeito ao ser negro. Considerando os cenários de habitação, as situações vivenciais em uma cronologia de fases de desenvolvimento, que transcende ao se colocar na consciência universal o *ser com o outro* e para a relação.

Sobre os depoimentos de SC2 - foi demarcado o existir da mulher negra a partir do afeto dosado por uma aceitação e compreensão de sua estética. Como é existir na base da

pirâmide, de estar à margem e distante dos supostos critérios, do padrão da branquitude, elegíveis para beleza sem sentimento de auto-ódio e auto-deprezo? Considerando que a textura capilar e a tonalidade epidérmica são critério para aceitação ou rejeição, dentro do universo relacional desta pessoa. A estética da beleza, aqui entendida como possibilidade de afeto, que também demarcou narrativas de SC1 e SC3, traz uma percepção interessante que denuncia a branquitude como padrão de beleza e rompe com essa categoria existencial para um processo de formação de autoestima. Essa tomada de consciência do distanciamento de si para a aproximação com o outro, apresenta um estado de vigilância constante para estar em adequação ao se relacionar com o outro e com o mundo.

As declarações apresentadas pelo SC3 remetem a uma existência constantemente baseada nas relações com o mundo externo. Uma relação dicotômica de autoapreciação no mundo interno e sentimento de inadequação baseada pelo mundo externo. Apresenta as nuances de ser quem é pertencente a um espaço afetivo, baseada em uma relação Eu-Tu e o distanciamento em espaço aversivo, uma caracterização de relação Eu-Isso. As narrativas apresentaram a questão de referências, afetividades, origens, ancestralidade, constituição de identidade e autoestima, bem como alerta para o risco provocado pela (in)segurança pública, enquanto homem negro. Denuncia um cansaço de ter a branquitude, naturalmente, aceita como modelo em detrimento da não aceitação de ser quem é. E a partir dessas traz a luz meios de viver e se relacionar ao mundo.

Surge assim um sentido de discriminação no campo afetivo, sendo este o aspecto significativo para produção de sofrimento psíquico e interessante de ser considerado conjuntamente a autopercepção e principalmente para a subjetividade. Portanto fora denominado para estrutura geral – interpretação das unidades como um todo: Vivência do racismo e impacto na minha existência/subjetividade.

Sobre as relações afetivas, o contato é o contínuo processo vital de reciprocidade e troca entre o indivíduo e o mundo. A tomada de consciência sobre si é essencial, pois “é uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que é” (Yontef, 1998, p.30).

Neste constante movimento de *vir-a-ser*, o fenômeno que emergiu e foi revelado, nas unidades de sentido, não é um sobre um sofrimento baseado em critério nosológicos de sinais e sintomas para classificação de um dado “transtorno”. É sobre uma questão existencial! A questão do existir acompanhado de sentimentos de autovigilância constante, de sentimento de inadequação e tentativas de aceitação, sentimentos de não pertencimento... Lugares onde a existência precisa ser pensada para além do território, do seu meio relacional, dos ambientes frequentados. É um existir em constante movimento de receios e restrições sobre si. Um existir que é vivenciado com sofrimento a partir do momento que não pode livremente ser quem é e é preciso se modificar para não sofrer.

Então a experiência do adoecer, que acomete pessoas que foram tratadas enquanto depressivas, ansiosas, psicóticas, paranóicas, com transtorno de personalidade, na verdade poderiam ser pessoas que foram ao longo de sua existência sofrendo violações, exclusões, rejeições... até que em dado momento esse existir é expressado no adoecimento. O fenômeno que se revelou é o sofrimento a partir daquilo que se impõe a ser o que deveria ser e impede de ser quem se é, em essência.

Uma caracterização básica da experiência de pessoas negras, que certamente difere da experiência de pessoas não negras, é a subjetividade – expressa na autoestima, ausência afetiva, (des)autorização para uso de acessórios, a constante ação pejorativa sobre si, a identificação com as raízes de pertencimento, distanciamento de um universo que descaracteriza e descolore – indica que a naturalização de costumes racistas, na sociedade, tem impacto direto para as pessoas a quem esses costumes são deferidos.

Também se faz importante pensar em um aspecto indicado que pode ser letal para a existência de uma pessoa negra, no contexto racista. Sobre a segurança pública – hábitos, posturas, vestimentas, uso de acessórios – exige constante avaliação de adequação e de competência. Que por hora pode representar também um potencial risco, observando que por vezes se faz necessário ter orientações e/ou treinamento basilar sobre como se portar diante de situações, não com naturalidade mas com receios e cautelas. Uma forma arriscada ser educar, onde a existência deixa de ser espontânea e passa a ser enrijecida.

Seria possível essa vivência de constantes experiências de racismo produzir sofrimento psíquico? Buscar essa resposta leva a olhar para o impacto provocado pelo racismo, e refletir sobre a minha trajetória profissional. Minha experiência enquanto psicóloga - e enquanto mulher negra - em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) foi o que motivou a realização desta vivência de pesquisa. Seguida da breve experiência de estar em Clínica Psiquiátrica que fora a vivência mais traumática e de conflitos éticos que norteou os caminhos para permanência nessa pesquisa; e por fim, enquanto psicoterapeuta a escuta recorrente sobre o existir, traz a percepção de que o sofrimento psíquico em pessoas negras e não negras é produzido de forma diferente. A frase “*Amo ser quem eu sou, mas é difícil viver onde vivo com a minha cor*” me trouxe devaneios para essa conclusão.

E retornando ao lugar de quem durante todo o processo de pesquisa estive com abertura para o fenômeno que se apresentou, sem interferências, é necessário problematizar sobre o viver, ou o sobre(viver) de um *ser no mundo* que tem o seu *estar no mundo* volta para a relação com uma função e sentido estabelecido para vida. Com cuidado de apresentar as significações das descrições de experiência, tentei abranger o sentido da existência enquanto pessoa negra diante de uma cultura que nega o racismo, mas o perpetua a todo instante. Em dado momento, reduzi a minha experiência – que milita e movimenta meu entendimento de

mundo – para ser capaz acolher o que os sujeitos colaboradores me apresentavam. Sem a prioris e sem verdades previamente postas.

Com esse o movimento reflexivo há o questionamento acerca daquilo que impele a identidade, a existência enquanto pessoa negra em um espaço/território/campo/contexto constantemente hostil e contrário a um processo saudável de existência. Como elaborar uma existência fundamentada em não ser? Arrelias (2020) ensaia que o campo teórico das relações raciais no Brasil se configura como uma *gestalt* aberta, sistematizada a partir de instituições que impedem ou dificultam a *awareness* de como essa configuração se forma, se mantém e se fortalece. O racismo impede ou dificulta que pessoas pretas se vejam, se considerem, se expressem integralmente, pois suas humanidades são destituídas pela estruturação racista. Se tornando assim fenômenos incompreensíveis e incompletos. Daí a importância da resignificação da realidade contemporânea a partir destas existências que se constroem em afrosentidos, para que possamos nos tornar mais propositivos e poder avançar para além da resistência e da denúncia.

A questão não é que o sofrimento psíquico tenha necessariamente uma cor, mas as pessoas que tem cor de pele escura, apresentam conteúdos que diferem o sofrer no existir. Fonseca (2020) traz a consciência de como a temática das relações raciais atravessa a subjetividade do povo preto. Onde o sofrimento psíquico específico da população negra é ainda recuperar a ferida existencial e histórica deixada pelo racismo. Por isso o pertencimento é um aspecto importante para a singularidade.

Como se dá a identidade de alguém que tem a sua imagem desde sempre configurada ao destino de martírio, sofrimentos, rejeições, violências e luta por garantia básica de sobrevivência? É necessário observar como os estigmas se dão na representatividade do corpo negro. Impor respeito para também valorização de si, de forma tão livre e espontânea que permita ser, vestir, portar e transitar sem receios ou medos. Desfrutar da sensação de

segurança a respeito para vestir capuz, usar óculos escuros, poder estar em espaços sofisticados usando os acessórios que lhe for de desejo, sem ser questionada ou punida por olhares de desaprovação.

O saber a ser reaprendido precisa questionar e rever os *a priori* dos mecanismos tradicionais de compreensão diante da realidade que vivemos. Já que práticas racistas ainda estão fortemente presentes nas configurações relacionais intersubjetivas, interferindo nos conceitos e formas próprias de cada pessoa ver a si mesma. E favorecer essa discussão no meio tão apático em relação às existências subalternizadas, rompe com a tendência de tratar como um problema social que negando a singularidade e subjetividade própria de um povo ou uma condição subalternizada (Arrelias, 2020; Santos, 2021).

Abertura do ser humano à percepção e compreensão de sua vivência no mundo mostra valores para o padrão da masculinidade negra e a feminilidade negra, nos indicando que a questão de gênero também é aspecto relevante para na compreensão do sofrimento psíquico. Além da experiência individual, existe um campo intersubjetivo e histórico a partir do qual cada experiência tem seu significado garantido.

Acerca da valorização da subjetividade consciente e suas interrelações, demarcar o lugar de fala (Djamila Ribeiro, 2020; Grada Kilomba, 2019) é autorizar a fala por parte de quem sempre esteve no lugar da escuta, inclusive da escuta sobre si. Não aceitar mais o lugar que o outro te colocou é necessário para trazer a mudança. Assim falar de temáticas sensíveis deixa de ser algo chato ou mimimi, para assumir formas de legitimação a partir da tomada de consciência. Bem como da desarmonização de uma realidade única a partir de determinado modelo de universalidade e existência humana. É encontrar caminhos que viabilize romper com a tendência do não ouvir o sentimento e/ou sofrimento da pessoa não negra, por conta do incômodo provocado por esse discurso.

Sobre isso Forghieri (2011) lembra que para sabermos quem somos, precisamos saber onde estamos, pois a vida de cada um de nós está implicada nos acontecimentos que vivenciamos no mundo. O mundo próprio que caracteriza-se pela significação que as experiências têm para a pessoa, e pelo conhecimento de si e do mundo. E considerando que a função peculiar é o pensar nesse relacionamento da pessoa com o ambiente, o que Forghieri denomina de mundo circundante, trago o que Mbembe (2014) fala sobre o pensamento da humanidade ser baseado na justiça, na restituição e na reparação. Aqui chamarei de reparação histórica sobre as cicatrizes e marcas deixadas, e ainda presentes na modernidade, para não sermos o *devoir* da simples democracia racial poética.

Considerando que a síntese descritiva sobre o fenômeno, que foi se moldando nesta análise, indicou a estrutura geral de vivenciar o racismo e ter impacto na existência e/ou subjetividade. É importante trazer ao campo reflexivo o sentimento de auto-ódio que fora implícito nas descrições sobre menosprezo, menos valia e sentimento de não adequação e não pertencimento, que nos levando a refletir sobre nossas dores ainda não cicatrizadas. E como diz Hooks (2021) ainda que tenham nos ensinado sobre o contrário sobre o sofrimento, a escolha que temos é não permitir que tais sofrimentos nos deixem cicatrizes por toda a vida. Assim pontuo que a autoafirmação e autorreconhecimento advindo da capacidade de amor próprio pode substituir o auto-ódio perpetuado pelo racismo.

Para encerrar, aponto que os silenciamentos de corpos e existências precisam ser questionados, de forma a estabelecer reflexões e intervenções. Buscar compreender o fenômeno do racismo, sem dúvida, traz o confronto sobre o que está posto acerca da universalidade da experiência humana. Com a percepção dessa necessidade de formular intervenções mais elementares, me debruço na pergunta de Santos (2011) sobre o que poderia e como deveria ser estruturada uma fenomenologia que estuda o racismo e de seus impactos sobre a saúde mental? O autor responde que essa abordagem carece de conhecimento

contextual sedimentado que é estocado a partir de nossas experiências intersubjetivas com os grupos que participam de nossa sociedade.

Com propriedade respondo que devemos primeiro entender que o racismo não é um fenômeno isolado, portanto novas concepções sobre a ontologia, sobre o *vir a ser*, sobre a relação de alteridade precisam estar inseridas diante da cultura de cada população. Um entendimento baseado e construído na teorização dos homens brancos europeus, precisa ser ultrapassado. E só a partir do reconhecimento singular dos aspectos culturais que constituem a realidade brasileira, poderemos ter uma forma adequada e coerente de análise.

Valho-me ainda das posições de (Melo, 1981) para pontuar ser necessário um novo modo de entendimento que se baseia no encontro, na comunicação e compreensão existencial da totalidade psíquica do ser humano que sofre e não pode sujeitar-se a preceitos e normas técnicas pré-estabelecidas, fixas e invariáveis. É uma possibilidade aberta em *devenir*.

Por enquanto, e enquanto pesquisadora me debruço em estudos alternativos, diversos e referenciais próprios para buscar compreender e talvez, um dia, dar conta de responder a problemática pesquisada. O que propus, ou tentei propor nessas dezenas de páginas que antecedem essas linhas finais, foram reflexões críticas sobre a produção de sofrimento psíquico advindas de experiências racistas. Não seria errado dizer que o racismo produz sofrimento psíquico, mas vou me ater a provocação e não a uma absoluta certeza.

## **POR ALGUMAS (IN)CONCLUSÕES**

Uma pesquisa inacabada, considerando que a vivência é constante e o fenômeno se modifica em relação com outros fenômenos. Em virtude do prazo cronológico de mestrado, vivenciado inclusive durante as (des)adaptações do período pandêmico, não daria conta de esgotar a temática com a profundidade desejada. Me contento e também me alegro por ter percorrido até aqui. Não são verdades e/ou realidades absolutas, mas são experiências descritas e argumentos suficientes para um convite a compreender com mais cuidado a constituição de subjetividade e os inúmeros fatores que produzem sofrimento psíquico em pessoas negras, tendo essas pessoas vivenciado experiências derivadas de racismo ou não.

As etapas, aqui organizadas em capítulos, foram redigidas e revisadas no decorrer deste biênio (2020-2022), razão pela qual o levantamento bibliográfico, sobre produções acerca do sofrimento psíquico e abordagens de base fenomenológica, fora realizado em 2021. Com a ciência da publicação de novos estudos que se aproximaram da temática pesquisada, estes foram sendo explorados e inseridos cautelosamente para maior embasamento teórico. Os achados, expostos nas unidades de significado e síntese descritiva, foram cuidadosamente analisados com a tentativa de ser fiel a descrição e posteriormente transcrição em linguagem técnica do entendimento da Psicologia (e didática para o entendimento comum) para que fique a reflexão. E quiçá, a partir disso, o convite para maiores aprofundamentos ou continuidade ao que foi proposto conhecer. Apreciando também com movimento de flexibilidade, enquanto pesquisadora.

Optei por um estudo sobre a realidade brasileira, no contexto atual, por tal motivo foram utilizadas prioritariamente referências brasileiras. Releitura situada no mundo e na vida das pessoas enquanto existentes nesse mundo, enquanto sujeito-pessoas que sentem e vivem aqui e agora. Mesmo com embasamento majoritário em referências de base fenomenológico-existencial, também fiz menção a autoras/autores de perspectivas decolonial

– Sociologia, Antropologia e Filosofia; perspectivas psicossociais e clínica racializada. A ideia era ter argumentos baseados naquilo que Hernani Santos (2021) alcunhou de “fenomenologia da racialização”.

Evitei uso de termos comum no meio acadêmico, e que cabem na problematização acerca da naturalização de práticas racistas, para não naturalizar expressões como: clarear, esclarecer e etc... Talvez enegrecendo os fatos, se torne mais perceptível as práticas racistas na produção simbólica da nossa linguagem e história. (Ver anexo 5).

Aqui dissertei não apenas sobre a pesquisa iniciada no ato do mestrado, escrevi também sobre o processo de vivenciar essa experiência, de cada encontro e desencontro ao longo dos dois anos. A cada oportunidade de conhecer referências e lendas vivas do espaço acadêmico, essa pesquisa foi ganhando vida. Foram trocas enriquecedoras e com impactos permanentes na minha forma de observar e tentar compreender o mundo. Concluindo (no gerúndio) eu me sinto humildemente parte desse legado de aprendizado. E concluído (no particípio) a sensação é de realização e desejo de seguir.

Enquanto agenda de pesquisa, deixo a sugestão de aprofundamento sobre o tema e demais pesquisas sobre como se dá a produção de sofrimento psíquico diante do fenômeno do racismo e a população-alvo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todos os aspectos acima (re)pensados levam a pensar que antes de perguntar quem eu sou, antes da minha existência enquanto *ser no mundo*, único e complexo - chega a minha cor. Demarcando presença também das minhas vivências, afetos, angústias e partilha do que foi exposto nessa dissertação.

A proposta inicial seria encontrar elementos que configurassem a argumentação para a tentativa de compreender os efeitos do racismo na saúde mental de pessoas negras e como

isso produz sofrimento psíquico. Considerando a dimensão fenomenológica que o fenômeno estudado apresentou e diante de tudo que foi apresentado, posso afirmar que o racismo causa atravessamentos significativos na constituição da identidade da pessoa negra enquanto *ser no mundo*. Dentre todas as práticas racistas, que foram ilustradas nos relatos, o maior impacto é na própria percepção de si, diante das dimensões relacionais...

No Brasil, as origens e conquistas são permeadas por ações políticas, sociais, artísticas, literárias e acadêmicas que indicam que esse movimento ultrapassa o campo das ideias e das possibilidades de transformação da realidade da população negra. Nos dias atuais, o movimento negro é um movimento vivencial de conscientização e reconhecimento de negritudes, tendo como ação principal valorização da cultura e das singularidades da população negra, bem enfrentamento e combate ao racismo.

A vivência de estudar, pesquisar, produzir e tentar propor reflexões sobre os estudos psicológicos sobre o racismo e produção de sofrimento psíquico é não apenas interesse pessoal/coletivos, mas uma busca por relevância na história da Psicologia e das relações humanistas sobre teorias da existência e da busca de sentido por essa existência. É tentativa de findar com as práticas racistas desumanizantes.

Esta pesquisa fora iniciada, desenvolvida e “encerrada” no contexto da Pandemia (COVID 19) em que a sociedade brasileira fora dura e extremamente afetada pelas consequências do período pandêmico. O abalo não foi só vírus, mas também do caos provocado pela conjuntura despreparada do atual governo e no caos de plano sanitário, que escancarou as mazelas sociais e trouxe novas preocupações sobre o sofrimento psíquico. Em momentos mais críticos, causado ausência de estratégia de enfrentamento, houve relatos e depoimentos, nas mídias digitais, de pessoas negras denunciando o racismo institucional que esteve presente até nesta ocasião.

Analisando a nossa realidade hodierna, não é possível escrever sobre a saúde mental de pessoas negras (que até fora tema de estudos durante esses dois anos) sem refletir criticamente sobre o impacto causado na população – de modo peculiar, a população negra. Por ter características significativas como a primeira morte no país, oficialmente noticiada em março de 2020, ter sido de uma mulher negra, empregada doméstica que contraiu vírus dos patrões que retornavam do exterior. Outra constatação é que a parcela social mais afetada negativamente foi/é a população pobre - e a imensa maioria de pessoas na linha de pobreza e de miséria, é negra.

Não foi problematizada nessa dissertação a questão das ações afirmativas, mas se faz importante trazer ao campo de discussão, a necessidade de viabilizar oportunidades democratizadas que, de fato, possa acolher as singularidades da população brasileira.

## REFERÊNCIAS

- Alves, C. O. (2021). *Empoderamento de mulheres negras e Política Nacional de Assistência Social: mecanismos e diretrizes para intervenções* (Tese de doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília.
- Abreu, S. & Murta, S. G. (2016). O estado da arte da pesquisa em prevenção em saúde mental no Brasil: uma revisão sistemática. *Interação em Psicologia*, 20(1),101-111.
- Alves, C. A.; Costa, E. S. & Castelar, M. (2020). Psicologias Antirracistas: Desafios Epistemológicos, Metodológicos e Ético-Políticos. *Psicologia Ciência e Profissão* 40(1),1-5.
- Alves, C.C. & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de Psicologia Campinas*, 27(2), 259-268.
- Almeida, S. (2020). *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. São Paulo: Jandaíra.
- Amorim, C. L. R.; Aléssio, R. L. S. & Danfá, L. (2021). Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. *Psicologia e Sociedade*, 33(22),1-18.
- André, M. C. da. (2007). Psicossociologia e Negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 23(2),87-102.
- Arbex, D. (2013). *O holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial.
- Arrelias, L. (2020). Reflexões da clínica gestáltica sobre relações raciais. In: Nascimento, L. C. S. & Vale, K. S. *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares*. (p.93-109) Paraná: Atena.
- Azevedo, C. M. M. (2004). *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Annablume, 2004.
- Barreto, L. (1993). *Diário do hospício: o cemitério dos vivos*. Companhia das Letras.

- Basaglia, F. (1982). *Psiquiatria Alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. São Paulo: Ed. Brasil Debates.
- Bello, A. A. (2006). *Introdução à fenomenologia*. (Garcia Mahfoud Trad.) Bauru: Edusc.
- Bento, M.A.S. (2002). Branqueamento e a branquitude no Brasil. In: Carone, I. & Bento, M. A. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil* (p.25-57). Editora Vozes.
- Bezerra, B. J. (2007). Desafios da reforma psiquiátrica no Brasil. *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, 17(2), 243- 250.
- Brasília (2015). *Cartilha de Informações Sobre Combate ao Racismo*. Brasília, DF: Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial (1ed.). Governo do Distrito Federal, GDF.
- Brasil (2016). Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Racismo é crime, denuncie!* (1ed.) Ministério da Justiça e Cidadania.
- Brasil (2017). Ministério da Saúde. *Política nacional de saúde integral da população negra: uma política do SUS*. (1ed.) Ministério da Saúde.
- Brasil (2019). IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Informações Demográfica Demográficas e Socioeconômica, *Informativos sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil*. (Nº 41). Acesso em abril de 2020. Disponível em >[//www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/)
- Brasil (2016) . Ministério da Saúde. *LEI Nº 10.216, de Abril de 2001*. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial. 2001. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis\\_2001/102016.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis_2001/102016.htm)>
- Buber, M. (2009). *Eu e Tu*. (10ª ed) Centauro Editora.
- Camargo, D. E. (2018). *Saúde Mental e racismo: a atuação de um Centro de Atenção Psicossocial II Infantojuvenil*. Dissertação, Universidade Católica de São Paulo.
- Carneiro, S. (2005). A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese,

Universidade de São Paulo.

Carneiro, S. (2002). Gênero e raça na sociedade brasileira. In: Carneiro, S.(2020) *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra.

Carvalho, E. P. de. (2015). *A identidade da mulher negra através do cabelo*. Monografia de Especialização, Universidade do Paraná, Curitiba.

Castro, T. G. & Gomes, W. B. (2011). A aplicação do método fenomenológico à pesquisa em psicologia: tradições e tendências. *Estudos de Psicologia*, 28(2),153-161.

Césaire, A. (2010). *Discurso sobre a negritude*. (Ana Maria G. Madeira, Trad.) Belo Horizonte: Nandyalaas. (Obra original publicada em 1964)

Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2002). Resolução CFP Nº018/2002. *Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial*. Conselho Federal de Psicologia.

Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2017). *Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os*. Conselho Federal de Psicologia.

Conselho Federal de Psicologia – CFP. (2020). *Comissão de Direitos Humanos do CFP*. (1ed.) Conselho Federal de Psicologia.

Costa, I. I. (2003). *Da fala ao sofrimento psíquico grave*. Brasília: Positiva/Abrafipp.

Costa, I. I. (2014). *Sofrimento humano, crise psíquica e cuidado: dimensões do sofrimento e do cuidado humano na contemporaneidade*. UnB - Edu Coedição Finatec.

Costa, I. I. & Ramos, T. C. C. (2018). Primeiras crises psíquicas graves: o que a fenomenologia pode dizer? *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*,8(8), 253-264.

Costa-Rosa, A. (2012). A instituição de saúde mental como dispositivo social de produção de subjetividade. *Estudos de Psicologia*. 29(1),115-126.

Costa, P. H. A.; Mendes, K. T. (2021). Frantz Fanon, saúde mental e a práxis

- antimanicomial. *Sociedade em Debate*, 27 (1),6-82.
- Crenshaw, K. W. (2002). Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. *Rev. Estud. Fem.*, 10(1),171-188.
- Cunha, M. C. (2016). *Documentário - O menino 23, infâncias perdidas no Brasil*. Direção de Belásio Franca. Elo Company. 1 DVD (79 min). Recuperado de:  
<https://youtu.be/rYSSpBodYSQ>
- Cunha, V. D. & Tavares, B.(2021).Os homens negros em tempos de pandemia do COVID-19. *Revista da ABPN*, 13(7),533-555.
- Daker, M. V. (2012) *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*. 1(1), 135-148.
- Dartigues, A. (2002). *O que é fenomenologia?*(Maria, J. Trad.). (8ª ed) São Paulo: Centauro.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. (Candiane, H. R. Trad.) São Paulo: Boitempo.
- Dias, J., Giovanett, M. R. & Santos, N. J. S. (2009). *Perguntar não ofende. Qual é a sua cor ou raça/etnia? Responder ajuda a prevenir*. São Paulo: SES.
- Diwan, P.(2020). *Raça Pura, uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto.
- Devulsky, A. (2021). *Colorismo*. São Paulo: Jandaíra.
- Espíndula, J. A. G. & Goto, T. A. (2019). Algumas reflexões sobre a fenomenologia e o método fenomenológico nas pesquisas em psicologia. In: *Psicologia Fenomenológica e Saúde: Teoria e Pesquisa* (32-47), Boa Vista: Editora da UFRR.
- Evaristo, C. (2011). *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala Editora.
- Fanon, F. (2020). *Pele negra, máscaras brancas*. (3ª ed) São Paulo: Ubu. (Obra original publicada em 1952).
- Faustino, D. M. (2015). *Por que Fanon, por que agora? Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Tese, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Feijoo, A. M. L. C. & Mattar, C. M. (2014). *A Fenomenologia como método de investigação*

- nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4),p.441-447.
- Fernandes, F. (1966). *O Negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Ferreira, R. F. & Camargo, A. C. (2011). As relações cotidianas e a construção de identidade negra. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 31(2), 374-389.
- Filho, V. M. (2021). In: Rocha, R. V. S.; Torrenté, M. N. & Coelho, M. T. Á. D. *Saúde mental e racismo à brasileira: narrativas de trabalhadoras e trabalhadores da Atenção Psicossocial*. Salvador: Editora Devires.
- Flusser, V. (1998). Fenomenologia do Brasileiro: em busca do novo homem. Rio de Janeiro: EDUERJ. In: Santos, G. A.O. (2017). Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: um diálogo necessário. *Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 9(3), 93-109.
- Fonseca, A. (2006). *Apontamentos para uma história da psicologia e da psicoterapia fenomenológica- existencial - dita humanista*, (2 ed.) Pedang.
- Fonseca, S. S. da (2020). Racismo à brasileira e sofrimento psíquico da população negra: contribuições da Gestalt-terapia. In Marras, M. (org.). *Angústias contemporâneas e Gestalt-terapia*. (1ed.)Summus.
- Forghieri, Y. C. (2011) *Psicologia fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. (4ed.) São Paulo: Cengage Learning. (Obra original publica em 1997)
- Frazão, L. M. (2012). Doença, Saúde e Cura, p. 70-72. In: Bessa, P. S. *Gestalt-Terapia e cuidado em saúde mental: Um diálogo possível e necessário*. Revista IGT na Rede. 9(17),210-222.
- Freyre, G. (1933). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Fukumitsu, K. O.; Cavalcante, F. & Borges, M. (2009). O cuidado na saúde e na doença: uma

- perspectiva gestáltica. *Estudo e Pesquisa em Psicologia*. 9(1),174-184.
- Gabriel, N.L.D. (2021). *A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados*. Gurapuava: Apolodoro.
- Galli, L. M. P. (2009) Um olhar fenomenológico sobre a questão da saúde e da doença: a cura do ponto de vista da Gestalt-Terapia. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*.9(1),59-71.
- Galvão, A. C. (2013, 14 de outubro). *Diferentes concepções de Ser humano em Psicologia*. Apresentação de Trabalho/Seminário. Universidade Católica de Brasília.
- Gaudenzi, P. (2016). Normal e patológico no naturalismo e no normativismo em saúde: a controvérsia entre Boorse e Nordenfelt. *Physis*. 26(3),747-767.
- Gil, C. C. (2015). O projeto na pesquisa fenomenológica. *Anais IV SIPEQ* – ISBN. 978-85-98623-04-7.
- Gil, A. C. (2019). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (7 ed) Editora Atlas.
- Giorgi, A. & Sousa, D. (2010). *Método fenomenológico de investigação em psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Gomes, B. W. (2007). Distinção entre procedimentos técnico e lógico na análise fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 13(2), 228-240.
- Gomes, N. L. (2008). *Sem perder a raiz: Corpo e Cabelo como símbolo de identidade negra*. (2ª ed) Belo Horizonte: Autêntica.
- Gonzalez, L. (1988). A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, 92(1),69-82,.
- Goulart, F. A. & Tannús, L. (2007). *Subsídios para o enfrentamento do racismo na saúde*. DFID – Ministério das Relações Internacionais.
- Gouveia, M. & Zanello, V. (2018). Saúde mental e racismo contra negros: Produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 38(3), 450-464.

- Hirdes, A. (2009). A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re)visão. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(1), 297-395.
- Holanda, A. (1997). Saúde e doença em Gestalt- Terapia: aspectos filosóficos. In: Moreira, N. M. (2020). A vivência além da Esquizofrenia. Um relato de experiência. *Revista IGT na Rede*. 17(33),138-163.
- Holanda, A. F. (1998) *Diálogo e Psicoterapia: Correlações entre Carl Rogers e Martin Buber*. (1ed.) Lemos Editorial.
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia*. 13(3),383-394.
- Hooks, B. (2021) Tudo sobre o amor: novas perspectivas. (Stephanie Borges, Trad.) São Paulo: Elefante Editoras.
- Hooks, B. (2010) Vivendo de amor. (Maísa Mendonça, Trad.) In: Alves, M. C. & Alves, A. C. (orgs.) (2020). *Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas*, Porto Alegre: Reunida.
- Hordge-Freeman, E. (2018). *A cor do amor: características raciais, estigmas e socialização em famílias negras brasileiras*. São Carlos: EDUFSCAR.
- Ignácio, M. V. M. & Mattos, R. A. (2019). O grupo de trabalho racismo e saúde mental do Ministério da Saúde: a saúde mental da população negra como questão. *Saúde Debate*. 43(8),66-78.
- Jacobina, R. R. (2019). *Juliano Moreira da Bahia para o mundo: a formação baiana do intelectual de múltiplos talentos*. (1 ed.) Edufa.
- Jesus, C. M. (1960). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática.
- Kalckmann, S.; Santos, C. G.; Batista, L. E. & Cruz, V. M. (2007). Racismo institucional: um desafio para a equidade no SUS? *Revista Saúde e Sociedade*. 12(2),146-155.
- Karwowski, S. L. (2015). Por um entendimento do que se chama psicopatologia

- fenomenológica. *Revista de Abordagem Gestáltica* . 21(1),62-73.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Portugal: Orfeu Negro.
- Lima, B. A. H. (1993). *Diário do hospício; o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca.
- Lima, M. E. O. (2020). *Psicologia social do preconceito e do racismo*. São Paulo: Blucher.
- Luchmann, L. H. H. & Rodrigues, J. (2007). O movimento antimanicomial no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*.12(2), 399-407.
- Mader, B. J; Holanda, A. F.; & Costa, I. I. (2019). Pesquisa qualitativa e fenomenológica em saúde mental: mapeamento como proposta de método descritivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*.35(1),35-39.
- Mbembe, A. (2018) . *Necropolítica*. São Paulo: N1 Edições.
- Mbembe, A. (2019). *Crítica da Razão Negra*.(Marta Lança, Trad) São Paulo: N1 Edições. (Obra original publicada em 2013).
- Melo, A. L. N. (1981) . Psiquiatria. In: Daker, M. V. (2012) *Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*. 1(1), 135-148.
- Moreira, J. (1905). *Notícias sobre a evolução da assistência a alienados no Brasil. Ministério da Justiça. Relatório dos anos de 1904 e 1905*. Imprensa Nacional.
- Moreira, J. (2007) *O mestre. A intuição*.(1ª ed.).Salvador: EDUFBA
- Moreira, T. W. F. & Passos, R. G. (2018). Luta antimanicomial e racismo em tempos ultraconservadores. *Temporalis*.18(36), 178-192.
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*.7(3),447-456.
- Morrison, T.(2019). *O olho mais azul*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Moura, C. (1983). *Os dilemas da negritude no Brasil. Em Brasil raízes do protesto negro*. São

- Paulo: Global.
- Munanga, K. (2012). Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? *Revista da ABPN*. 4(8),06-14
- Munanga, K. (2009). *Negritude usos e sentidos*. (3ª ed.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Munanga, K. (1996). As facetas de um racismo silenciado. In L. M. Schwarcz & R. da S. Queiroz (Orgs.), *Raça e Diversidade* (p. 213-229). São Paulo: EDUSP.
- Nascimento, A. (2016). *O genocídio do povo negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. (4 ed) São Paulo: Perspectivas. (Obra original publicada em 1977).
- Nascimento, A. (2004). Teatro Experimental do Negro: Trajetória e Reflexões. *Estudos Avançados*, 18(50),209-224.
- Nascimento, A. S; Souza, G. F.; Silva, M; & Oliveira, M. S. (2019). Pretitude e o afroperspectivismo em psicoterapia: desafios para a abordagem gestáltica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 7(3), 927-946.
- Nascimento, B. (1990). A mulher negra e o amor. In: Ratts, A. (org.) (2021) *Uma história feita por mãos negras*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nogueira, I. B. (1998). *Significações do corpo negro*.(Tese de doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Oda, A.M.G.R. & Dalgallarondo, P. (2000). Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 22(4), 178-179.
- Oliveira, A. P. O. & Mattos, A. R. (2019). Identidades em transição: narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(2), 445-463.
- Oliveira, G. (2008). *Relações raciais e a Gestalt-Terapia: contrastes no olhar*.(Trabalho de conclusão de curso) Instituto de Gestalt-Terapia, São Paulo- SP.
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2001). *Relatório sobre a saúde no mundo 2001:*

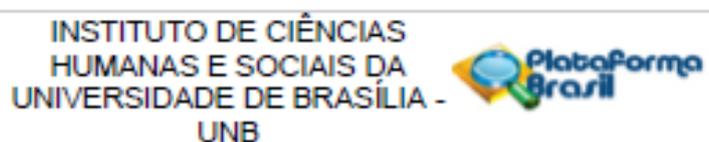
- Saúde mental: Nova Conceção, nova esperança.* (2ed.) Autor.
- Osório, R. G. (2003.) *O Sistema Classificatório se “Cor ou Raça” do IBGE*. In: Instituto de Pesquisa Aplicada- IPEA, Brasília, DF.
- Passos, R. G. (2019). Frantz Fanon, Reforma Psiquiátrica e Luta Antimanicomial no Brasil: o que escapou nesse processo? *Sociedade Em Debate*, 25(3), 74-88.
- Patias, N. D. & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*. 24(1),1-14.
- Petrônio, R. (2005) Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações – revista de ciências sociais*. 10(1) ,25-40.
- Perls, F. (1960). *Gestalt-Terapia Explicada*. São Paulo: Summus Editorial.
- Pimentel, A. & Castro, E. H. B. (2019). Ajustamento criativo e enfrentamento a subalternidade por mulheres negras e lésbicas. *Revista PsicoFAE*. Pluralidades em saúde mental. 8(1),113-126.
- Portocarrero, V. (2002) *Arquivos da loucura: Juliano Moreira e a descontinuidade histórica da psiquiatria* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Prestes, C. R. S. (2020) Não sou eu do campo psi? Vozes de Juliano Moreira e outras figuras negras. *Revista ABPN*. 12 (1),55-77.
- Queiroz, R. D. S. (2019) Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*. 12(40), 213-229.
- Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO.
- Ramos, G. A.(1995).*Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Resende, T. I. M.; Costa, I. I. (2018). Cuidado, ética e convivência em saúde mental: reflexões fenomenológicas. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 24 (1), 226-233.

- Ribeiro, D. (2020) *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra.
- Ribeiro, E. O. (2017). Psicologia, racismo e saúde mental: formas de intervenção no trabalho do psicólogo. *Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UFRB*. 2(4),166-178.
- Ribeiro, J. P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. (4 ed.) São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (2011). *Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisando o caminho*. (3ed.). São Paulo: Summus.
- Rio de Janeiro. (2012). *Políticas de Combate ao Racismo no SUS*. Secretaria de Estado de Saúde, Rio de Janeiro.
- Rocha, R. V. S.; Torrenté, M. N. & Coelho, M. T. Á. D.(2021). *Saúde mental e racismo à brasileira: narrativas de trabalhadoras e trabalhadores da Atenção Psicossocial*. Salvador: Editora Devires.
- Rocha, W. H. A. org. (2021). *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios*. (1ed.) Bagai.
- Sansone, L, (2004). *Negritude sem Etnicidade – o local e o global nas relações raciais, culturas e identidades negras do Brasil*. Salvador: EdUFBA.
- Santana, M. F. (2017). *Muito além de cor de pele: Psicologia, Saúde Mental e relações étnico-raciais em serviços públicos de saúde do município de Suzano*. Dissertação, Universidade de São Paulo.
- Santos, G. A. O. (2021). O existir na pele preta: contribuições de Fanon para a psicologia existencial. *Phenomenology, Humanities and Sciences – Fenomenologia, Humanidades e Ciências*. 2(2),256-264.
- Santos, G. A.O. (2017). Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: um diálogo necessário. *Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 9(3), 93-109.

- Santos, A. O. & Schucman, L. V. (2015). Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogos(as). *Revista EPOS*. 6(2),117-140.
- Schucman, L. V. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. *Psicologia e Sociedade*, 26(1), 83-94.
- Santos, H. (2001). *Discriminação Racial no Brasil*. Sabóia.
- Santos, H. P. dos (2021). Raça, racismo e clínica fenomenológico-existencial: elementos para a decolonização da atenção clínica. *Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity*, 13(3),75-89.
- Sathler, C. N. & Gomes, V. F. (2021). A sala de aula de psicopatologia e o racismo. (p.92-104) In: Rocha, W.H.A. (org.) *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios*. Curitiba: Editora Bagai.
- Souza, N. S. (2021) *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. (2 ed) Rio de Janeiro: Zahar. (Obra original publicada em 1983)
- Silva, M. L. (2021). In: Souza, N. S. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. (2 ed) Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, N. G.; Barros, S.; Azevedo, F. C.; Batista, L. E.; & Policarpo, V. C. (2017). O quesito raça/cor nos estudos de caracterização de usuários de Centro de Atenção Psicossocial. *Saúde e Sociedade*. 26(1),100-114.
- Silveira, N. (1980). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática.
- Tavares, J. S. K. & Costa, E. S. (2020). A luta antimanicomial é também uma luta antirracista. In: *Comissão de Direitos Humanos do CFP*. (1ed.) Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Tavares, J. S. K. & Kuratani, S. M. A. (2019). Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “tornaram negras”. *Psicologia: Ciência e Profissão*.39(1),1-13.
- Tenório, C. M. D. (2008). A Psicopatologia e o Diagnóstico numa Abordagem

- Fenomenológica–Existencial. *Universitas Ciências da Saúde* .1(1),31-44.
- Theodoro, M. (2019) *A implementação de uma agenda racial de políticas públicas: a experiência brasileira*. Editora Unesp.
- Theodoro, M. (2022). *A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Veiga, L. M. (2019). Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*. 31(1), 244-248.
- Yontef, G. M.(1998). *Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Zamora, M. H. (2012). Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal*. 24(3),563-578.
- Zinker, J. (2007). *Processo Criativo em Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

## PARECER DE APROVAÇÃO CEP



Continuação do Parecer: 4.601.741

**Recomendações:**

Recomenda-se apenas, no caso de as entrevistas necessitarem ser realizadas de forma online, a adaptação para o ambiente virtual do processo de consentimento livre e esclarecido e da autorização para uso da imagem e da voz.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foram encontradas pendências.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Sugere-se, durante e após a realização da pesquisa, o envio dos respectivos Relatórios Parcial e Final.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1806398.pdf	20/08/2021 15:10:51		Acelto
Cronograma	CronogramaCEPNadia.pdf	20/08/2021 15:08:32	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de Pesquisa CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:21:02	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Outros	Termo Autorizacao voz CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:20:15	Nadia Meireles Moreira	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo TCLE CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:18:19	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Outros	Carta Revisao Etica CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:17:49	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Outros	Curriculo_Lattes_Nadia_Meireles_Moreira.pdf	19/08/2021 23:16:36	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Declaração de concordância	Acelto Institucional CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:15:26	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Outros	Roteiro CEPCHNadia.pdf	19/08/2021 23:14:59	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Outros	Carta de Encaminhamento CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:13:57	Nadia Meireles Moreira	Acelto
Folha de Rosto	Folha de rosto CEPNadia.pdf	19/08/2021 23:10:06	Nadia Meireles Moreira	Acelto

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de  
 Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
 UF: DF Município: BRASÍLIA  
 Telefones: (61) 3107-1892 E-mail: cep\_cha@unb.br

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E SOCIAIS DA  
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA -  
UNB**



Continuação do Parecer: 4.981.741

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

BRASÍLIA, 17 de Setembro de 2021

---

Assinado por:  
**ANDRE VON BORRIES LOPES**  
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Hótel de  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Município: BRASÍLIA  
Telefone: (51)3107-1592 E-mail: [cep\\_cha@unb.br](mailto:cep_cha@unb.br)

Página 05 de 05

## **TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa **“Discriminação Racial, Sofrimento Psíquico, Saúde Mental e Negritude. Uma aproximação fenomenológica”**, de responsabilidade de **Nádia Meireles Moreira** estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é compreender os efeitos do racismo na saúde mental de pessoas negras. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A obtenção de dados será realizada por meio de entrevista individual, em forma online. A gravação será feita somente para auxiliar na transcrição do conteúdo. Sua imagem/voz não será utilizada para nenhum outro fim, que não para o objetivo já apresentado. É para estes procedimentos que você está sendo convidada/o a participar.

Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco, é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade. Espera-se com esta pesquisa, a contribuição para estudos científicos acerca da saúde mental e meios para enfrentamento ao racismo. Podendo ser publicada posteriormente na comunidade científica. Caso a entrevista mobilize algum

desconforto em você, a pesquisadora/psicóloga pode fornecer amparo emocional. Além de espaço para reflexões e fornecimento de apoio, caso solicite e seja de seu interesse.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode contatar através do telefone: (61) 99359-9592 ou por e-mail no endereço: [nadia.meirelesm@gmail.com](mailto:nadia.meirelesm@gmail.com). Os resultados do estudo podem ser devolvidos, via e-mail, caso solicite. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília, com parecer: 4981741. As informações com relação à pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: [cep\\_chs@unb.br](mailto:cep_chs@unb.br) ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu de forma livre e esclarecida, manifesto o meu consentimento voluntário em participar da pesquisa e autorizo a divulgação dos dados obtidos.

---

Assinatura do/da participante

---

Assinatura da pesquisadora

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

## ANEXO 3

### **TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM DE VOZ PARA FINS DE PESQUISA**

Eu autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a na pesquisa intitulado “Discriminação Racial, Sofrimento Psíquico, Saúde Mental e Negritude. Uma aproximação fenomenológica”, sob responsabilidade de Nádia Meireles Moreira vinculado/a ao/à Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília.

Minha imagem e/ou som de voz podem ser utilizadas apenas para análise por parte da pesquisa. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e som de voz são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento está elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

---

Assinatura da/do participante

---

Assinatura da pesquisadora

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

### - Dados sociodemográficos

Idade

Escolaridade

Estado civil

### - Autodeclaração de cor.

“Você se identifica enquanto pessoa negra?”

### - Descreva como é a experiência de ser negra/negro no Brasil.

“Você pode escrever como é a experiência de ser negra no Brasil?”

### Pontos a serem investigados:

- Experiência da vivência do racismo
- Formas utilizadas na autopercepção e identificação do racismo
- Sentimentos produzidos em decorrência da experiência de prática racista
- Meios ou recursos para enfrentamento
- (Des)conforto sobre a pesquisadora que realiza a entrevista ser negra.
- Considerações finais sobre as reflexões provocadas na entrevista.

## ANEXO 5

### **TERMOS E EXPRESSÕES RACISTAS**

Mulato – expressão pejorativa que aproxima a pessoa de parda (mistura do negro com branco)  
ao animal mula (cruzamento do cavalo com jumenta)

Denegrir

Preto de alma branca

Cabelo ruim

Ovelha Negra

Mercado Negro

Lista negra

Dia de preto

Trabalho de negro

Não sou tuas negas

**LISTA DE SIGLAS**

ANPSINEP – Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAPS II – Centro de Atenção Psicossocial

CEP/CHS – Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CRP – Conselho Regional de Psicologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

PNSIPN – Política Nacional de Saúde Integral da População Negra

SciELO – Scientific Electronic Library Online

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEM – Teatro Experimental do Negro

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UnB – Universidade de Brasília

ANEXO 7

**LISTA DE TABELA**

Tabela 01 - Levantamento Bibliográfico sobre a produção acadêmica com a temática saúde mental e população negra, no enfoque fenomenológico ----- página 58.

Fluxograma 01 - Fluxograma do Levantamento Bibliográfico----- página 60.